

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

**"Corpo Pós-Pandemia": transcrições sobre (re)significações da relação corpo-  
espaço e a casa**

Ronaldo Rodrigues Mansur Ferreira  
*Magister Scientiae*

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2026**

**RONALDO RODRIGUES MANSUR FERREIRA**

**"Corpo Pós-Pandemia": transcrições sobre (re)significações da relação corpo-  
espaço e a casa**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Matheus Menezes Oliveira

Coorientadora: Andrea Bergallo Snizek

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2026**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

F383c  
2026  
Ferreira, Ronaldo Rodrigues Mansur, 1994-  
"Corpo Pós-Pandemia": transcrições sobre (re)significações  
da relação corpo-espço e a casa / Ronaldo Rodrigues Mansur  
Ferreira. – Viçosa, MG, 2026.  
1 dissertação eletrônica (139 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Matheus Menezes Oliveira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2026.

Inclui bibliografia.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2026.068>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Habitações. 2. Dança. 3. Fenomenologia.  
4. Comunicação e tecnologia. I. Oliveira, Matheus Menezes,  
1993-. II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de  
Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD 22. ed. 728

**RONALDO RODRIGUES MANSUR FERREIRA**

**"Corpo Pós-Pandemia": transcrições sobre (re)significações da relação corpo-  
espaço e a casa**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 27 de fevereiro de 2026.

Assentimento:

---

Ronaldo Rodrigues Mansur Ferreira  
Autor

---

Matheus Menezes Oliveira  
Orientador

Essa dissertação foi assinada digitalmente pelo autor em 27/02/2026 às 15:23:55 e pelo orientador em 27/02/2026 às 17:23:29. As assinaturas têm validade legal, conforme o disposto na Medida Provisória 2.200-2/2001 e na Resolução nº 37/2012 do CONARQ. Para conferir a autenticidade, acesse <https://siadoc.ufv.br/validar-documento>. No campo 'Código de registro', informe o código **FQJ9.ALKV.SKOG** e clique no botão 'Validar documento'.

*Dedico este trabalho aos poucos que acreditaram e me apoiaram. As boas ideias costumam parecer inúteis no começo para a maioria, e é justamente isso que as torna tão valiosas.*

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio das seguintes agências de pesquisa brasileiras: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Preciso agradecer a mim mesmo, porque sem a minha (re)existência e força de vontade nada disso teria acontecido.

À Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de realizar a pós-graduação, o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFV), ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo e ao Latecae.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pela concessão da bolsa de estudos.

Ao Departamento de Artes e Humanidades - Curso de Dança (minha segunda casa) onde sempre fui acolhido e para onde eu sempre vou retornar.

Ao NEPARC – Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais que me proporcionou momentos de trocas enriquecedoras com diversos artistas, abrindo tantas portas e me permitindo agarrar inúmeras oportunidades, inclusive a deste mestrado.

À parte da minha família que confiou em mim e sempre me deu apoio em todas as minhas decisões.

Agradeço às minhas grandes amigas de longa data, Ana Luiza e Sayene, por sempre acreditarem e darem a maior força em absolutamente tudo o que eu faço, até mesmo nas coisas que nem eu mesmo acredito que sou capaz de fazer.

Agradecimentos especiais à Andréa minha mãe na Dança, amiga, mestra de toda a minha formação e, não por acaso, coorientadora dessa pesquisa.

Sou muito grato ao meu parceiro de vida Mauricio, que foi muito presente e o meu maior apoio desde a escrita do projeto até a redação final desse mestrado.

Agradeço ao meu orientador Matheus que, além de acolher e contribuir para a pesquisa, foi compreensivo em tempo integral e me deu liberdade e autonomia para ser quem eu sou, um fator importantíssimo para o pleno desenvolvimento deste trabalho.

Muito obrigado aos artistas/discentes da disciplina de DAN 218, que toparam participar da pesquisa e exploraram/expuseram suas percepções genuinamente. Aos que, de alguma forma, passaram por mim durante esse trajeto e deixaram alguma palavra de conforto e/ou de sabedoria.

Aos Profs. Lakka, Marília e Andréa por aceitarem o convite para compor a banca.

*“As atividades do espaço são o fazer e o dançar”.*  
(Rudolf Laban)

## RESUMO

FERREIRA, Ronaldo Rodrigues Mansur, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2026. **"Corpo Pós-Pandemia": transcrições sobre (re)significações da relação corpo-espço e a casa.** Orientador: Matheus Menezes Oliveira. Coorientadora: Andrea Bergallo Snizek.

A presente dissertação investigou a relação corpo-espço e as noções sobre o ambiente residencial, após o período de adaptações impostas pela pandemia do coronavírus, as quais afetaram, em especial, nos modos de se praticar e produzir dança. Para isso, a pesquisa adotou uma abordagem interdisciplinar que articulou conceitos da Arquitetura e da Dança tendo como base teórica referências fenomenológicas para compreender como os corpos se adaptaram ao ambiente doméstico no referido contexto. Para entender as transformações movidas por tal fenômeno global, foi realizado um estudo de caso, motivado pela Residência Artística Planta Baixa na Nuvem, de modo a analisar as experiências e percepções de graduandos em Dança. Esta metodologia incluiu a realização de práticas corporais de sensibilização em grupo, estas amplamente utilizadas na Dança, com exercícios de condução dentro de simulações de plantas baixas, além de rodas de conversa e a aplicação de um questionário para entender as percepções individuais e coletivas dos participantes envolvidos no estudo. A partir da análise dos resultados foi possível descrever uma parcela sobre as características do surgimento de um "Corpo Pós-Pandemia" que desenvolveu novos hábitos de movimento e novas relações afetivas (de afetação) com o lugar de morar. Para este corpo, os ambientes das casas ganharam caráter multifuncional, além das funcionalidades tradicionalmente estabelecidas pela arquitetura. As reflexões entrelaçam a adaptação forçada à mediação das relações sociais e aos fazeres profissionais por meio das tecnologias digitais, fenômeno que redefiniu as noções de conforto e a experiência corporal do habitar na contemporaneidade. Tais experiências foram expostas de modo a discutir como o corpo, em contato simultâneo com o ambiente físico e o virtual, denominou o lar como um campo híbrido entre presença, realidade, mediação, abrigo e exposição. Nesse sentido, o estudo pôde relacionar a casa como uma metáfora de extensão do corpo e, por fim, sugere que a arquitetura dos espaços no contexto pós-pandemia, além de uma estrutura física, deva ser compreendida como um aspecto ambiental sentido pelo corpo-sujeito, permeada por movimentos, atmosferas e afetos.

Palavras-chave: Ambiente residencial; Dança; Fenomenologia; Habitar

contemporâneo; Tecnologias digitais

## ABSTRACT

FERREIRA, Ronaldo Rodrigues Mansur, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2026. **"Post-Pandemic Body": transcriptions on (re)significations of the body-space relationship and the home.** Adviser: Matheus Menezes Oliveira. Co-adviser: Andrea Bergallo Snizek.

This dissertation investigated the body–space relationship and notions of the residential environment after the period of adaptations imposed by the coronavirus pandemic, which particularly affected ways of practicing and producing dance. To this end, the research adopted an interdisciplinary approach that articulated concepts from Architecture and Dance, grounded in phenomenological theoretical references, to understand how bodies adapted to the domestic environment in this context. To examine the transformations driven by this global phenomenon, a case study was conducted, inspired by the Planta Baixa na Nuvem Artistic Residency, in order to analyze the experiences and perceptions of undergraduate Dance students. The methodology included group body awareness practices, widely used in Dance, featuring guided exercises within simulations of floor plans, as well as discussion circles and the application of a questionnaire to understand the individual and collective perceptions of the participants involved in the study. From the analysis of the results, it was possible to describe aspects of the emergence of a “Post-Pandemic Body” that developed new movement habits and new affective (affect-based) relationships with the place of dwelling. For this body, domestic environments acquired a multifunctional character beyond the functionalities traditionally established by architecture. The reflections intertwine forced adaptation with the mediation of social relations and professional practices through digital technologies, a phenomenon that redefined notions of comfort and the embodied experience of dwelling in contemporary life. These experiences were presented in order to discuss how the body, in simultaneous contact with physical and virtual environments, came to define the home as a hybrid field of presence, reality, mediation, shelter, and exposure. In this sense, the study was able to relate the house as a metaphor for an extension of the body and, finally, suggests that post-pandemic architectural spaces, beyond being physical structures, should be understood as environmental aspects felt by the body-subject, permeated by movements, atmospheres, and affects.

Keywords: Residential environment; Dance; Phenomenology; Contemporary dwelling; Digital technologies

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
-----------------	----

## ***CAPÍTULO I***

1. A POÉTICA E A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO CORPO-ESPAÇO.....	14
1.1. Corpo-espaço e pandemia.....	19
REFERÊNCIAS .....	25

## ***OBJETIVOS DA PESQUISA***

OBJETIVO GERAL.....	28
Objetivos Específicos.....	28

## ***CAPÍTULO II***

2. EIXO MOTIVACIONAL DA PESQUISA.....	29
Apresentação da relação entre os capítulos I e II no contexto da pesquisa.....	29
Residência Artística Planta Baixa Na Nuvem: Uma abordagem interdisciplinar entre dança e ambiente construído.....	30
2.1. INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO .....	32
2.1.1. A racionalização do espaço: cozinha, movimento, coreografia.....	33
2.1.2. As produções artísticas no recorte temporal da pandemia: o exemplo da videodança e a casa como palco.....	39
2.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	42
2.2.1. O relato de experiência .....	42
2.2.2. O Projeto Neparc e a obra Planta Baixa .....	42
2.2.3. A Residência Artística Planta Baixa Na Nuvem (2020).....	44
2.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	46
2.3.1. A construção colaborativa de duas novas obras artísticas .....	46
2.3.2. A aplicação da residência artística no pós-pandemia (2023).....	48
2.3.3. Principais descobertas e reflexões.....	51
2.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	54
REFERÊNCIAS .....	56

### ***CAPÍTULO III***

3. CORPO PÓS-PANDEMIA? .....	58
Apresentação da relação entre os capítulos I, II e III no contexto da pesquisa.....	58
“Corpo Pós-Pandemia”: (re)significações da relação corpo-espço e da casa.....	59
3.1. INTRODUÇÃO .....	61
3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	67
3.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	73
3.3.1. Os participantes da pesquisa .....	73
3.3.2. Primeiras provocações e reflexões sobre relação corpo-espço.....	73
3.3.3. Reflexões sobre o “Corpo Pós-Pandemia” .....	78
3.3.4. Adaptação do espço doméstico, tecnologias e limitações .....	79
3.3.5. Transformações proprioceptivas corpo-espço pós-pandemia.....	82
3.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	86
REFERÊNCIAS .....	89

### ***CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA***

4. CONCLUSÕES.....	93
--------------------	----

### ***APÊNDICES***

APÊNDICE A – Transcrição da roda de conversa (prática 1) .....	98
APÊNDICE B – Transcrição da roda de conversa (prática 2) .....	106
APÊNDICE C – Respostas do questionário da pesquisa .....	117

### ***ANEXOS***

ANEXO A – Carta Autorização COLUNI/UFV .....	133
ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP – Plataforma Brasil.....	134
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	136
ANEXO D – Termo de Uso de Imagem e Voz.....	139

# INTRODUÇÃO

O corpo é o primeiro território habitado, onde se inscrevem as memórias, se desenvolvem as percepções individuais e os afetos que estruturam a relação do ser humano com o espaço. De modo geral, o corpo se viu confinado pelas paredes do lar no decorrer da pandemia do coronavírus e, portanto, esse ambiente privado se tornou campo de (re)significações, provocado pelos redimensionamentos nas noções de conforto, de privacidade e de presença.

O espaço da casa, compreendido culturalmente como um lugar de pertencimento e recolhimento, se expandiu, de forma urgente e simbólica, para se tornar palco de coexistências e tensões: local de trabalho e estudo, refúgio, espaço de criação e, sobretudo, extensão do próprio corpo. Compreender as transformações dessa relação corpo-espaço, em um contexto marcado pela imprescindível mediação tecnológica e pela reconfiguração das dinâmicas cotidianas, foi, então o ponto de partida para esta pesquisa.

Este estudo propõe uma reflexão poética e fenomenológica sobre as (re)significações da relação corpo-espaço e da casa no contexto pós-pandêmico, tendo como eixo motivacional a ação educativa Residência Artística Planta Baixa na Nuvem, desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais (NEPARC/UFV). A partir dos resultados desta experiência que associa ensino-pesquisa-extensão, a investigação buscou compreender como os corpos, limitados pelos espaços domésticos e mediados por tecnologias, desenvolveram outros modos de perceber e de pertencer ao ambiente construído do lar. Portanto, a pesquisa se insere no campo interdisciplinar entre arquitetura e dança, aproximando o pensamento teórico à experiência corporal crítica, sensível e artística.

O **primeiro capítulo** descreve a fundamentação teórica e os objetivos desta pesquisa, a qual mobilizou autores que abordam a espacialidade na arquitetura e o entendimento das experiências do corpo-sujeito, como Merleau-Ponty (1908–1961), Bachelard (2008), Bollnow (2019), Schmid (2005), Greiner (2010) e Bourdieu (2003). Suas contribuições permitem compreender o corpo como instrumento relacional com o mundo, dotado das multissensorialidades que transformam a sua relação com o espaço em experiência vivida. Bachelard (2008) e Bollnow (2019) caracterizam a casa como um espaço simbólico de memória e afeto, abrigo e proteção. Schmid (2005)

complementa com as noções de conforto e a expressividade não-visual desses ambientes como dimensões multissensoriais da relação entre corpo e arquitetura. Greiner (2010) amplia a discussão desta pesquisa, ao tratar da experiência corporal e da relação entre percepção, movimento e linguagem. Bourdieu (2003) contribui com a noção do *habitus*, explicitando os modos do corpo se comportar culturalmente por meio das práticas e repetições no ambiente no qual está inserido. Tais concepções dão base para compreender o espaço habitado não apenas como um ambiente físico, mas um campo de afetações que envolve a memória, o gesto, a imaginação e o tempo.

O **segundo capítulo** da pesquisa é um artigo publicado na Revista Estúd(i)os de Dança (RED) que apresenta o resgate à experiência da Residência Artística Planta Baixa na Nuvem como espaço motivador para o presente estudo. O referido projeto revelou, em meio ao confinamento, a potência crítica e criativa da arte na ressignificação do ambiente doméstico, ao estimular estudantes a explorarem, por meio de desenhos, áudios e movimentos, as transformações corporais e espaciais vividas durante a pandemia.

O caminho metodológico parte da investigação teórico-reflexiva desta abordagem artística, articulando tais experiências de ensino-aprendizagem, para, em seguida, realizar um Estudo de Caso debruçado em práticas corporais e entrevistas por meio de questionário. Desse modo, o **terceiro capítulo** aprofunda as análises a partir das discussões sobre um “Corpo Pós-Pandemia”, reunindo e interpretando os relatos de estudantes de Graduação em Dança à luz das noções de corporeidade e espacialidade na arquitetura. A coleta e a sistematização desses materiais, deixaram evidentes as reflexões sobre a adaptação do corpo ao ambiente doméstico, o papel e a interferência das tecnologias na mediação das experiências e as transformações proprioceptivas que redefiniram o habitar.

Por fim, a conclusão apresenta o caminho entre as multissensorialidades do corpo e o ambiente construído que o abriga, entre o confinamento e a (re)criação dos modos de viver, entre a materialidade da casa e a imaterialidade das redes. As experiências dos participantes desta pesquisa convidam a refletir sobre os deslocamentos simbólicos do habitar e buscam contribuir para o pensamento contemporâneo sobre a sensibilidade na arquitetura, compreendendo o ambiente construído como um espaço de exploração e experiências humanas.

# CAPÍTULO I

## 1. A POÉTICA E A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO CORPO-ESPAÇO

O corpo, faz parte de todo o espaço e, dessa forma, é capaz de ser e perceber o mundo. Nesse contexto, Souza e Souza (2017), reforçam a indissociabilidade entre mente e corpo, a partir de análises sobre a espacialidade corporal, baseadas nos estudos da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (1908-1961). Portanto, o ser que pensa não se diferencia do estar no mundo e, sendo assim, é corpo-sujeito que integra o espaço, se relaciona com os objetos e experiencia/proporciona experiências que constroem noções da sua relação corpo-espaço (Souza; Souza, 2017).

De acordo com Greiner (2010), para que ocorra a relação entre corpo e ambiente, há um fenômeno que antecede e adianta sensorialidades de movimento, isto é, quando o ato perceptivo prevê um movimento que ainda nem havia acontecido. Um exemplo simples é o acontecimento da percepção e a sensorialidade sobre uma poltrona, antes mesmo da ação de se sentar nela. A autora afirma que esse fenômeno é uma conexão entre o sentido da visão com a do tato, causada pela interação entre o que é percebido e imaginado.

Dessa forma a percepção já se torna a própria ação, ainda que ambas sejam consideradas diferentes. Isso acontece porque “Perceber é testar implicitamente os efeitos do movimento na estimulação sensória” (Greiner, 2010, p. 73). As singularidades na percepção e no movimento do indivíduo são estabelecidas quando o movimento próprio depende das formas da consciência perceber. No que diz respeito a esta assimilação individual por meio da consciência, “[...] a propriocepção e a autoconsciência perspectiva são habilidades que nos relacionam não apenas com o próprio organismo mas com o entorno” (Greiner, 2010, p. 74). Portanto, as experiências e as percepções são acontecimentos definidos pelos meios individuais de se experimentar, considerando esta perspectiva sobre a experiência e o conteúdo do pensamento serem fenômenos simultâneos.

Nesse sentido, os conhecimentos adquiridos pelo indivíduo, mesmo que em fenômenos coletivos, para cada qual se tornam experiências únicas (Bondía, 2002) e, dessa forma, o fenômeno da percepção corpo-espaço se torna diverso. Em resumo, cada ponto de vista é determinado pela vista de um ponto, o que permite ao corpo-

sujeito constituir suas próprias perspectivas ao observar, por exemplo, ao redor de uma escultura que está posta bem ao centro de uma galeria ou museu.

Tais complexidades sobre o corpo-sujeito e a sua percepção corpo-espço evidenciam os entendimentos do ser humano sobre o espaço, presentes na literatura de Bollnow (2019). O autor ressalta esta compreensão a partir de dois conceitos, sendo o primeiro o espaço matemático, o mais familiar e mais notado (dotado de regras e das três dimensões). É o espaço referido com mais frequência e determinada obviedade, e, sobretudo, definido como o único essencial para o saber humano.

O segundo é o espaço vivenciado, próprio do ser humano, ou seja, é o espaço da vida humana de onde partem as próprias vivências e experiências, “[...] uma vez que o homem nele vive e com ele vive” (Bollnow, 2019, p. 16). O autor afirma que este é, sobretudo, concreto, ilimitado, cada vez mais amplo e é, portanto, o campo do comportamento da vida humana. Em *O homem e o espaço*<sup>1</sup> ficam evidentes que as complexidades sobre o espaço vivenciado desencadeiam na singularidade das percepções de cada indivíduo e vão além de um parâmetro lógico-matemático.

Apesar da conexão entre estes dois espaços, seus contrapontos supracitados deixam claro que ambos são experienciados de modos diferentes. De acordo com Bollnow (2019), o segundo é o espaço interno, vivido com tanta naturalidade que passa despercebido diante da percepção do ser humano, em oposição ao primeiro, o qual é pensado costumeiramente e pode ser refletido, por exemplo, ao ambiente construído de uma casa.

Os aspectos do espaço matemático, quando atrelados ao ambiente construído da residência, têm seu foco nos formatos, características e funções da casa, as quais determinadamente afetam a percepção corpo-espço. No entanto, o espaço vivenciado está constantemente incorporado a tal percepção e, portanto, às multissensorialidades do corpo-sujeito (Schmid, 2005), as quais caracterizam a casa como um ponto focal que carrega o significado e a função de habitação (Bachelard, 2008; Bollnow, 2019).

Para o corpo a casa é o ambiente central no mundo (Bollnow, 2019) e, nesse lugar de referência, o corpo deve se considerar abrigado e o lar recebe a sua importância por meio do gostar individual. Torna-se um ambiente capaz de constituir afetos e memórias ao ser humano por meio de todos os fenômenos vividos nesses

---

<sup>1</sup> Obra de Otto Friedrich Bollnow, traduzida por Aloísio Leoni Schmid (2019).

espaços, permeando a sensação de abrigo e proteção. Sendo assim, compreende-se que “[...] todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (Bachelard, 2008, p. 200).

O ambiente construído da casa tem “valor protetor”, pois está integrado por funções que determinam um caráter persistente e protetivo, em que todo o caos ou fenômenos externos à casa estão sob controle (Bollnow, 2019). Por isso, o lar se justifica como um pertence, por se tratar de um lugar seguro, habitável, porque “[...] a casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo” (Bachelard, 2008, p. 200).

Os cômodos da casa possuem funções e significados que provocam ao sujeito uma série de afetações concebidas pelas ações cotidianas (Bachelard, 2008). Nesse sentido, a estrutura e organização do espaço afetam diretamente os modos como o corpo-sujeito irá se organizar, agir e reagir ao entorno. A delimitação e a disposição espacial no ambiente construído permitem explorações corporais singulares e criam memórias em paralelo ao imaginário do sujeito (Bachelard, 2008), o que reforça a indissociabilidade entre memória e imaginação.

O cotidiano nesses espaços é culturalmente sistematizado pelo *habitus*, os quais, de acordo com Bourdieu (2003), se formam a partir de um conhecimento desenvolvido através da práxis, em que estruturas sociais são utilizadas como matriz perceptiva, por indivíduos inseridos em determinado contexto, para a sua reprodução de ações. Este fenômeno tende a ser reproduzido por meio das relações dialéticas as quais, a saber, tratam-se do “[...] processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade” (Bourdieu, 2003, p. 40).

O desenvolvimento do *habitus* é, portanto, explicitado como uma ponte que conecta percepção humana da estrutura social e o seu próprio comportamento/ação em determinados espaços/ambientes. A reprodução é feita, portanto, a partir e/ou baseada em acontecimentos constituídos pela imitação, função relacionada aos denominados neurônios espelho (Greiner, 2010). Estes neurônios são, então, fundamentais para produzir conhecimentos por meio da relação com o todo, cuja práxis está diretamente relacionada com as relações dialéticas explicitadas por Bourdieu (2003).

Do ponto de vista neurofisiológico há pelo menos duas opções: a primeira foi desenvolvida pelos psicólogos experimentais e sugere que imitar diz respeito a reproduzir um ato de alguma maneira pertencente ao que se chama de patrimônio motor do indivíduo. A segunda foi proposta por etologistas e supõe

que através da observação um indivíduo aprende um padrão de ação novo e é capaz de reproduzi-lo com detalhes (Greiner, 2010, p. 81-82).

A imitação pode então afetar de diversos modos na percepção e a relação do ser humano com os espaços, sobretudo, como as pessoas se comportam e tomam as suas decisões em lugares específicos e como a reprodução dessas estruturas sociais e as formas de comunicação com o outro sujeito, fará com que os espaços recebam significados a partir das próprias ações, dos movimentos e das relações interpessoais.

A comunicação é uma via de mão dupla, na qual a relação entre os seres humanos se baseia, também, nos gestos, os quais, segundo Roquet (2011), surgem carregados de significados. A autora faz uma abordagem de leituras sobre o gesto que o descrevem “[...] como um signo e a análise proposta, na maioria das vezes, refere-se a análise do discurso” (Roquet, 2011, p. 5). No contexto da análise do movimento na dança, por exemplo, o gesto pode ser lido e/ou transcrito a partir de uma diversidade de esquemas de leitura.

Dentre os esquemas mais utilizados, e explicitado por Roquet (2001), está a *labanotation*, elaborada em 1928 por Rudolf Laban (1879-1958), estudioso da Arquitetura e da relação entre o movimento humano e o espaço. Embora fundamental, o seu sistema aborda uma análise técnica do movimento que “[...] transcreve a leitura do desenho da dança, [enquanto] a análise qualitativa tratará de ler a cor”. Esta “cor” é o próprio significado carregado pelo gesto do outro, em relação “[...] com o espaço, com o meio-ambiente, etc.” (Roquet, 2011, p. 13) e, portanto, assim como na dança, o gesto tem significado expressivo para a vida.

Nesse sentido, as ações do ser humano se tornam, também, fazeres dotados de significados, uma vez que a imitação acontece porque o cérebro é capaz de mapear o corpo e, quando visualiza o que está fora dele, rapidamente o próprio corpo é capaz de reproduzir a ação (Greiner, 2010).

Desse modo, o *habitus* se apresenta como um fenômeno social que orienta e afeta constantemente a grandeza da memória do corpo-sujeito e, nesse sentido, Bachelard (2008) aponta que o indivíduo formula suas memórias a partir do seu imaginário, na relação entre o ambiente construído e o espaço vivenciado. As paredes, o chão, as formas geométricas da casa, sejam elas quadradas, retangulares ou pentagonais: toda a relação e a percepção corpo-espaço produzem imagens/memórias que são moldadas pelas imposições desses espaços. Vale ressaltar ainda que, com o passar do tempo, a casa muda suas dinâmicas,

considerando as oposições e as estimulações entre o corpo e o ambiente do lar, (Bachelard, 2008).

Schmid (2005) aborda a espacialidade humana e as experiências do corpo-sujeito com o mundo externo, para descrever o que transmite à casa seu significado de proteção. Ele considera que a estrutura desse espaço compõe uma série de formatações materiais e simbólicas que envolvem o corpo-sujeito, suas individualidades e intimidades, sendo estes aspectos primordiais para que a casa seja habitável e, portanto, esteja atrelada à privacidade e às noções de conforto. Segundo o autor, a interação emocional do ser humano com o ambiente construído é viabilizada por meio da visão, do tato, do olfato e da audição, que juntos ou em parte produzem cadeias de memórias multissensoriais relacionadas ao emocional.

Esta multissensorialidade na arquitetura é apresentada por Zumthor (2006) como um ambiente que promove atmosferas. Ele retrata o ambiente construído como um “corpo da arquitetura”, compreendido como a convergência dos elementos do mundo material na constituição do espaço. Para o autor, esse corpo assemelha-se ao corpo humano, concebido como uma massa corpórea revestida por uma membrana de proteção que abriga e organiza a experiência espacial. Sua perspectiva aponta que a articulação entre os materiais que compõem o ambiente possibilita múltiplas combinações e percepções sensoriais. O som, enquanto componente espacial, transforma o ambiente em um instrumento capaz de propagar vibrações e ressonâncias, produzindo ruídos que instauram vínculos de memória e afeto com o espaço.

Dessa forma, é permeando pelo campo das sensorialidades que o corpo-sujeito se torna capaz de provocar e ser provocado pelas experiências e, portanto, a memória/imaginação andam de mãos dadas com os sentidos (Schmid, 2005). Greiner (2010, p. 89) também defende esta relação e afirma que “[...] Significado, pensamento e linguagem emergem das dimensões estéticas de atividades corporais e são inseparáveis das imagens, dos padrões de processos sensoriomotores e das emoções”.

O movimento é um condicionante para o corpo-sujeito compreender o mundo e adquirir conhecimentos carregados de noções, emoções e significados, dentre eles, o de conforto (Schmid, 2005). Assim, o corpo em movimento se torna “[...] um dos principais modos como aprendemos o significado das coisas [...]” (Greiner, 2010, p.

90), reafirmando o corpo-sujeito como o ponto de referência central quando se trata do conceito de espaço.

Ademais, é por meio do campo do espaço vivenciado (Bollnow, 2019), do ponto de vista do ser humano e de uma abordagem dos corpos em movimento, que se possibilita discutir os contextos históricos, políticos, e poéticos dos espaços. Conceituar a relação corpo-espaço só se torna possível pela existência do corpo e por isso “[...] A vida humana se realiza no e pelo espaço, e a estrutura desse espaço concretiza as relações sociais, sob todos os aspectos” (Kapp; Lino; 2008, p. 20).

### **1.1. Corpo-espaço e pandemia**

O advento da pandemia do coronavírus intensificou os sistemas de comunicações, pelos dispositivos digitais, diante da necessidade de permanência no ambiente residencial. Segundo Fiori e Leoni Schmid (2021), ocorreu uma dilatação no tempo, quando a comunicação passou a se resumir via dispositivos tecnológicos, o que permitiu, por exemplo, percorrer longas distâncias em apenas alguns instantes. Esta transformação, imposta pelo distanciamento físico e social, surgiu para o bem, no entanto foram produzidas certas mudanças na forma de ocupação: de um espaço físico para um espaço virtual, quando uma diversidade de exercícios cotidianos invade a habitação e, conseqüentemente, “[...] exige desse espaço uma grande conexão com o mundo externo, conexão essa virtual” (Soriano, 2025, p. 12).

A dominação da relação do corpo-sujeito com os espaços pelas tecnologias, em especial pelos dispositivos celulares, demonstra uma atmosfera diversa na qual, de acordo com Soriano (2025), quem controla esses equipamentos se torna o arquiteto da própria realidade, ao determinar seus enquadramentos, por exemplo, frente à câmera. Isso define como o indivíduo passa a performar “[...] para as câmeras porque assim deseja e, a partir do recorte fotográfico da sua realidade, percebe o mundo de outra maneira” (Soriano, 2025, p. 13), perspectiva muito discutida através das produções artísticas no referido período e, em especial, pós-pandemia.

Estas e outras perspectivas sobre os ambientes virtuais e o longo confinamento provocaram uma “[...] nova realidade, de permanência e estagnação, nos acordou para a qualidade dos espaços que nos rodeiam” (Fiori; Leoni Schmid, 2021, p. 123). Desse modo, o desenraizamento e o retorno aos espaços físicos despertaram as percepções sobre o ambiente construído e, em especial, ao lugar de habitar. Este ambiente envolvido pelo conforto e a privacidade tornou-se, então, um espaço

ressignificado pela multifuncionalidade, a casa como ambiente de trabalho: “[...] tendo sido criados novos espaços que pudessem albergar esta nova atividade doméstica [...]” (Moreira *et al.*, 2023, p. 109).

Soriano (2025) retrata a transformação na habitação contemporânea por meio de análises de obras artísticas. Em sua pesquisa fica claro o potencial crítico disposto em maquetes e impressões 3D que ilustram a delimitação do espaço de moradia na contemporaneidade (Figura 1). A autora aponta que as obras despertam a percepção sobre uma habitação reconfigurada para um hibridismo nas ações corporais. Nesse caso, ficam representados como os espaços, denominados ambientes de trabalho, se tornam mais amplos do que os espaços básicos de sobrevivência: o de cozinhar, de dormir e de se alimentar.

Figura 1. Impressões 3D por Alvar Aaltissimo e Miocugino na Milan Design Week 2023



Fonte: Soriano (2025). CC BY 4.0

As mudanças nos modos de ocupação demonstraram certos desafios diante das percepções humanas sobre a qualidade desses espaços habitados. A saber, formas planejadas e padronizadas para a construção em massa de habitações (Leite; Celani, 2020) desenvolvem espaços com sua estrutura pensada apenas na sua função. Portanto, estes surgem ausentes de características que promovem à casa

uma atmosfera de pertencimento do ser humano, sem o “[...] vínculo entre a construção e a essência do sujeito que a percebe” (Fiori; Leoni Schmid, 2021, p. 123). É como se um enorme bloco de concreto fosse sistematizado para encaixotar pessoas, sensações e experiências.

Dessa forma as transformações decorrentes da pandemia se refletem na relação entre o corpo e o espaço vivido, a corporalidade e a corporeidade. Nesse sentido tornam-se materiais as implicações, por exemplo, nas corporalidades urbanas que, sob o aspecto biológico, quando o corpo é acometido por um vírus, e nos aspectos sociais do corpo obrigado a “[...] incorporar novas gestualidades e artefatos” (Michaello Macêdo Dias et al., 2023, p. 207). São alteradas as características do corpo biológico, amparado por sua corporalidade e, portanto das suas experiências físicas. É um corpo material que não se caracteriza como objeto, embora certos procedimentos, como o da virtualização, se tornem os causadores de uma artificialização e obsolescência corporal (Sibilia, 2002).

A corporeidade envolve uma complexidade maior e mais profunda, sobre as condições de um corpo sujeito às experiências fenomenológicas da sua própria percepção, ou seja, seus modos de se relacionar com o mundo (Miranda, 2008). Portanto, o termo corporeidade surge como um “anticorpo” ao ideológico e epistemológico conceito de corpo, o qual, segundo Bernard (2019), se resume a uma categoria estática das experiências humanas, sendo reduzida a um olhar de objetificação.

O confinamento foi um fenômeno que reduziu as experiências corporais em ambientes não residenciais e, nesse sentido, a temporalidade nas vivências humanas, de acordo com as ideias de Bauman (2001), tiveram uma influência direta na relação humana com o todo. Dessa forma tornaram-se evidentes certas transformações no corpo-sujeito, causadas pela urgência nas incorporações de outros comportamentos acompanhados de traçados culturais capazes de redesenhar os aspectos da corporalidade e da corporeidade.

Nesse contexto, o corpo viveu acompanhado das ferramentas digitais e dos mais variados meios de comunicação dependentes da internet. Tal imersão tecnológica foi potencializada pelo próprio fenômeno pandêmico, considerando que, há algum tempo, conforme descrito por Traquino (2010), os dispositivos tecnológicos tenham transformado e interferido, constantemente, nas percepções do ser humano sobre tempo e espaço. Esta provocação nos sentidos corporais desenvolvem uma

aceleração, explicitada por Harvey (2008) como uma cultura do efêmero, a qual, desde a pós-modernidade, vem influenciando nos modos de interação das pessoas e, portanto, nas estruturas sociais.

Desse modo, o corpo vem desenvolvendo mediações amparadas pelas ferramentas tecnológicas e passa por constantes afetações na corporalidade e na corporeidade, o que resulta em transformações na sua relação com o espaço. Lemos (2022) propõe uma reflexão sobre as transformações nas formas de se comunicar na contemporaneidade, especialmente a partir das experiências intensificadas pela pandemia. O autor aponta para o surgimento de uma nova configuração social, caracterizada pela coexistência entre o desejo de sociabilidade presencial e o recolhimento digital. Essa condição híbrida é uma incorporação definitiva das tecnologias na vida cotidiana e se manifesta nos fazeres, como o trabalho remoto, o ensino online e as interações mediadas por plataformas virtuais. Assim, mesmo diante do retorno às relações presenciais, a dimensão digital tem o potencial de redefinir os modos de convivência e de produtividade.

No campo da arquitetura, essa dualidade criada pelas tecnologias sugere novas formas de ocupação e significação do espaço doméstico, deixando de ser apenas o lugar do descanso e da intimidade. Esse processo alterou a percepção corporal e afetiva do ambiente, instaurando um modo de habitar em que o espaço virtual se somou ao espaço físico. Portanto, o “paradoxo” mencionado por Lemos (2022) evidenciou, além de uma tensão nas relações sociais, uma transformação na relação corpo-espaço, em que o habitar se tornou simultaneamente presencial e conectado, redimensionando as fronteiras entre o público e o privado, o coletivo e o individual.

Portanto, o hibridismo corporal na vivência simultânea nos ambientes físicos e nos virtuais transformou, em especial, nos modos de se produzir e disseminar o conhecimento por meio de ações e obras das artes da cena. O solo de dança contemporânea *Unfull* (2023), criado pelo Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais (NEPARC), é um breve exemplo sobre as incorporações das realidades nas comunicações em tempos de distanciamento físico e social. A obra, inspirada na videodança *Fuga[z]* (2021) (Figura 2), foi imaginada e concebida no e para o ambiente residencial onde, a princípio, pretendeu ser apresentada ao público de forma remota, com auxílio de plataformas virtuais de transmissão ao vivo.

Figura 2. Fuga[z] (2021)

# FUGA[Z]

Essa obra foi produzida com recursos da Lei 14017-2020 - Lei Aldir Blanc, através de editais da Prefeitura Municipal de Viçosa, com recursos da Secretaria Especial de Cultura - Ministério do Turismo - Governo Federal.



Fonte: Canal oficial de Ronaldo Mansur no YouTube (Ronaldo Mansur, YouTube, 2021).

Diversos fatores desafiaram o desenvolvimento do trabalho artístico durante o período da pandemia do coronavírus, dentre eles a escassez de recursos digitais e mão-de-obra. No entanto, a obra teve o seu processo de criação continuado e finalmente apresentada após o retorno das atividades presenciais, nos anos de 2022 e 2023.

Embora sua estreia tenha sido num palco italiano (Figura 2), o solo de dança se manteve/mantém fiel à sua dramaturgia original sobre as imprevisibilidades e adaptações corporais provocadas pelo confinamento. Portanto, sua ambientação é atribuída à atmosfera cenográfica dos objetos que (de)limitam a relação coreográfica do corpo com o espaço que, no decorrer da performatividade no espaço, é definido um caminho cotidiano (re)adaptado, percorrido e experimentado, simbolicamente, bem como as experiências reais vividas no espaço da própria casa, em tempos de pandemia.



Figura 3. *Unfull* (2023)

Fonte: Neparc (2023). CC BY 4.0

A incorporação às tecnologias digitais foi acelerada de forma que se tornou possível, por exemplo, proporcionar novas formas de interação e maior flexibilidade nos modos de ensino-aprendizagem. Nesse contexto a pesquisa de Luiz *et al.* (2023) aponta que docentes enfrentaram desafios significativos, como a falta de preparo técnico, dificuldades de infraestrutura e limitações na mediação pedagógica com os alunos, bem como evidenciado por Valle e Ivanoff (2021) sobre desafios das práticas de dança no ensino remoto. Portanto, tal experiência impôs um redimensionamento das práticas de ensino, gerando sobrecarga e a experimentação de novas metodologias que, na perspectiva pós-pandemia, há uma tendência de consolidar modelos híbridos, os quais evidenciam a necessidade de investir continuamente em formação docente e suporte institucional (Luiz *et al.*, 2023).

Esta rapidez do acesso a informação também se expande radicalmente quando as tecnologias de inteligência artificial (IA) generativa e os processos de ensino-aprendizagem se encontram. Tal perspectiva é abordada por Azambuja e Ferreira da Silva (2024) que conceituam como “technotização” uma nova alfabetização que vem tomando as universidades e criando demandas que desafiam não somente a docência, mas que desencadeiam num corpo obsoleto, assim denominado por Sibilia (2002), que dependente dos ambientes virtuais para processar informações.

Ficam evidentes algumas lacunas ao se considerar a escassez de estudos que incluam as perspectivas e experiências de estudantes nesse contexto. Esta

ausência de abordagens que contemplem ambos os sujeitos do processo educativo limitam uma compreensão que tem o potencial de se desenvolver de forma mais abrangente. Isto inclui os aspectos sobre as transformações ocorridas na relação corpo-espaco e ensino-aprendizagem, em especial no que diz respeito aos impactos subjetivos, cognitivos e sociais da pandemia sobre as práticas e percepções discentes.

Desse modo, torna-se importante o desenvolvimento de pesquisas sobre o contexto pós-pandêmico, no que diz respeito às relações do corpo-sujeito com o ambiente construído, considerando as mudanças nas percepções do espaco que o ser humano ocupa, das suas funções e das noções de conforto. É nesse contexto dos significados relativos aos espacos, culturalmente estabelecidos, que a presente investigação se baseia para revelar as ditas “(re)significações” da relação do corpo com o ambiente construído de forma simbólica, quando os sentidos carregados pelos espacos, precedentes de uma pandemia global, são percebidos de outra maneira após o fenômeno.

Desse modo, propõe-se reflexões sobre os ambientes construídos dos lares, na contemporaneidade, considerando uma outra questão que diz respeito aos ambientes estarem, ou não, preparados/planejados para uma próxima/nova pandemia. Por fim, esta investigação busca revelar e teorizar a complexidade da existência de um Corpo Pós-Pandemia, no contexto do ambiente residencial, a partir de uma análise descritiva, expressada nos dados coletados. Esta pesquisa se debruça no entendimento do corpo-sujeito e sua relação com a arquitetura, suas reais transformações nas percepções dessa relação corpo-espaco no contexto pós-pandemia, e as modificações nas noções dos sujeitos relativas ao significado da casa.

## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, C. C.; FERREIRA DA SILVA, G. Novos desafios para a educação na Era da Inteligência Artificial. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 1–16, 2024. DOI: 10.4013/fsu.2024.251.07. Acesso em: 8 jul. 2025.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaco**. WMF Martins Fontes. Coleção Tópicos. 5.ed. 242p. 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Obra original publicada em 2000.

BERNARD, M. Corporeidade como “anticorpo”, ou a subversão estética do “corpo” como categoria tradicional. Trad. Marie Claire Forté. Publicado originalmente como:

De la corporéité comme “anticorps” ou la subversion esthétique de la catégorie traditionnelle de “corps”. In: BERNARD, Michel. **De la création chorégraphique**. Pantin: Centre National de la Danse, 2001. p. 17–24. Publicação online: Paris 8 Danse, 2019. Disponível em: <https://hal.science/hal-02293685>. Acesso em: 8 jul. 2025.

BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Tradução de Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2019. 327 p. (Série Pesquisa, n. 125). Título original: Mensch und Raum.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 26 mar. 2025.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: **A sociologia de Pierre Bourdieu**. Renato Ortiz (org.). p. 39-72. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

FIORI, I. M.; LEONI SCHMID, A. Espaços emocionais: Atmosfera e percepção espacial na arquitetura. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 121–132, 2021. DOI: 10.5935/cadernospos.v20n2p121-132. Acesso em 31 maio. 2025.

GREINER, C. Princípios da experiência: as aptidões profanadoras do organismo. In: GREINER, C. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações**. São Paulo: Annablume, 2010. p. 71–88. ISBN 978-85-7419-369-4.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

KAP, S. K.; LINO, S. F. Na cozinha dos modernos. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 15, n. 16, p. 10–27, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/Arquiteturaeurbanismo/article/view/926>. Acesso em: 27 mai. 2025.

LEITE, R. M.; CELANI, G. Personalizado ou flexível? Abordagens para personalização adaptativa em arquitetura. **Cadernos PROARQ**, n. 36, p. 221-240, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.37180/2675-0392-n36-12>. Acesso em 01 abr. 2025.

LEMOS, R. O mundo nunca mais será o mesmo. In: WISNIK, Guilherme; VIEIRA, Tuca (orgs.). **Futuros em gestação: cidade, política e pandemia**. São Paulo: WMF Martins Fontes; Escola da Cidade, 2022. p. 219–234. ISBN 978-85-469-0365-8.

LUIZ, M. E. T.; MARTINS, S. E.; MARINHO, A. Atuação docente no ensino superior: facilidades, dificuldades e perspectivas frente à COVID-19. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, e280056, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782023280056>. Acesso em: 20 out. 2025.

MANSUR, R. *FUGA[Z]*. **YouTube**, 29 jan. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/fgM1vaMgSWE>. Acesso em: 20 out. 2025.

MICHAELLO MACÊDO DIAS, J.; NICOLE BARBOSA RAMOS, A.; CAMARGO RIBEIRO FIDELIS DE MOURA MARQUES, I. CORPOS-URBANOS “INFECTADOS”: Incorporações da covid-19 em Maceió/AL. PIXO - **Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 6, n. 22, p. 206-223, 28 out. 2023.

MIRANDA, R. **Corpo-espaço**: aspectos de uma geofilosofia do movimento. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

MOREIRA, A; MAIA, G; FARIAS, H. A casa na cidade pós-COVID: novos modelos e novos modos de habitar. In: V SEMINÁRIO AEAULP – Proximidades Distantes, 2023, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: AEAULP, 2023. p. 101–111. ISBN: 978-989-53462-5-7. Lisboa: 2024.

NEPARC - Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais. **UNFULL**. Viçosa, MG, 2 maio 2024. Disponível em: <https://neparc.com/2024/05/02/unfull/>. Acesso em: 20 out. 2025.

ROQUET, C. 2. Da análise do movimento à abordagem sistêmica do gesto expressivo. **O Percevejo Online**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2012. DOI: 10.9789/2176-7017.2011.v3i1.%p. Acesso em 7 jul. 2025.

SCHMID, A. L. A expressividade não-visual do espaço. in: SCHMID, A. L. **A idéia de conforto: reflexões sobre o ambiente construído**. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005, cap. 3, p. 103-131. ISBN 85-99403-01-X.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

DE OLIVEIRA SORIANO, A. Performatividades na habitação: o corpo e as novas configurações para a arquitetura. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 64, n. 64, p. e1581, 2025. DOI: 10.19179/rdf.v64i64.1581. Acesso em: 10 out. 2025.

SOUZA, K.T.A.; SOUZA, J.F.C. Corpo-próprio: de corpo-objeto à corpo-sujeito em Merleau-Ponty. **Problemata International Journal Of Philosophy**, Paraíba, v. 8, n. 2, p. 48-56, set. 2017. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/32509>. Acesso em 26 mai. 2025.

TRAQUINO, M. **A Construção do Lugar pela Arte Contemporânea**. Portugal: Edições Húmus, 2010.

VALLE, F. P.; IVANOFF, V. Dança, educação e tecnologia: a docência em tempos de pandemia. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 44, n. 44, p. 1–15, 2021. DOI: 10.19179/2319-0868.819/866. Acesso em 3 jun. 2025.

ZUMTHOR, Peter. **Atmósferas**: entornos arquitectónicos, las cosas a mi alrededor. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

# OBJETIVOS DA PESQUISA

## OBJETIVO GERAL

Apresentar e discutir as (re)significações da relação corpo-espço e a casa, considerando as transformações nas percepções do corpo-sujeito em relação aos espaços que ocupavam durante o confinamento e as marcas deixadas para o pós-pandemia.

## Objetivos Específicos

OE1. Analisar e descrever a relação entre corpo e espaço doméstico durante e após a pandemia da COVID-19, analisando as transformações nas experiências de habitar e nas percepções de conforto e abrigo (discutido no capítulo 2).

OE2. Investigar e descrever as adaptações corporais, espaciais e sensoriais decorrentes do confinamento e das ressignificações do ambiente doméstico (discutido nos capítulos 2 e 3).

OE3. Compreender o papel das tecnologias digitais na mediação das práticas corporais, artísticas e educativas em contextos de ensino remoto e híbrido (discutido no capítulo 3).

OE4. Descrever e refletir sobre as ações pedagógicas e artísticas desenvolvidas, evidenciando o diálogo interdisciplinar entre Dança e Arquitetura e seus impactos na formação crítica e sensível dos participantes (discutido no capítulo 3 e nas conclusões).

## CAPÍTULO II

### 2. EIXO MOTIVACIONAL DA PESQUISA

#### Conexões entre os capítulos I e II no contexto da pesquisa

O Capítulo I reuniu a base teórica e os objetivos desta pesquisa, mobilizando autores que discutem sobre a espacialidade na arquitetura e as experiências do corpo-sujeito, bem como as noções de casa, conforto, *habitus* e as multissensorialidades humanas. Esses referenciais situam o corpo como instrumento relacional com o mundo e a casa como espaço simbólico de memória, afeto e proteção, abrindo caminhos para compreender o ambiente construído como um campo de afetações e experiências vividas.

A seguir, no Capítulo II, essa fundamentação teórica se entrelaça a um primeiro campo de experimentações concretas por meio da *Residência Artística Planta Baixa na Nuvem*, uma ação educativa do Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais (NEPARC) que se tornou o eixo motivacional desta pesquisa. Ao retomar tal experiência, já sistematizada e publicada em formato de artigo, o capítulo descreve como a dança tensionou e (re)significou o espaço doméstico em meio ao confinamento, convidando estudantes do ensino médio a explorarem, por meio de práticas artísticas, as transformações corporais e espaciais vividas durante a pandemia.

O resultado da ação educativa foi a produção de duas novas obras, a partir da (re)construção da instalação cênica interativa *Planta Baixa* (2015) de autoria de Camila Oliveira – Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). As inquietações que emergiram dessas práticas da Residência Artística, sobretudo as relativas à multifuncionalidade da casa, ao papel das tecnologias e aos redimensionamentos do conforto, preparam uma base conceitual e metodológica para o capítulo seguinte, no qual é desenvolvido um Estudo de Caso em que essas questões são aprofundadas à luz dos relatos de estudantes de graduação em Dança.

**Residência Artística Planta Baixa na Nuvem: uma abordagem interdisciplinar  
entre dança e ambiente construído**

MANSUR, R.; SNIZEK, A. B.; OLIVEIRA, M. M. Residência Artística Planta Baixa na Nuvem: Uma abordagem interdisciplinar entre dança e ambiente construído. **Revista Estud(i)os de Dança**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 1–19, 2025. DOI: <https://doi.org/10.53072/RED202502/00207>. Artigo publicado em 07 de outubro de 2025.

## **Residência Artística Planta Baixa na Nuvem: uma abordagem interdisciplinar entre dança e ambiente construído**

**Resumo:** Este relato de experiência documental aborda a relação corpo-espço e a vivência da casa durante a pandemia da COVID-19, explorando a interdisciplinaridade entre as áreas da dança e da arquitetura. O texto fundamenta-se nos conceitos de corporeidade e espacialidade, destacando a videodança como exemplo artístico de adaptação emergencial nos espaços residenciais em tempos de coronavírus. A instalação cênica interativa Planta Baixa foi a inspiração para ações educativas, online e presenciais, desenvolvidas com estudantes do ensino médio/secundário. Intitulada Residência Artística Planta Baixa na Nuvem, esta iniciativa promoveu reflexões sobre a adaptação, a memória afetiva e a multifuncionalidade do espaço doméstico. Com o objetivo de explicitar tal realidade, a discussão apoia-se na experiência de estágio de um dos integrantes do Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais do Curso de Graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa, no Brasil. As abordagens presentes neste relato salientaram o potencial interdisciplinar para a percepção crítica do espaço pós-pandemia, ao colocar em foco as experiências dos participantes nas suas adaptações ao ambiente construído da casa.

Palavras-chave: Ação Educativa. Corpo-Espço. Espaço Construído. Práticas Artísticas.

## **Planta Baixa na Nuvem Artistic Residency: an interdisciplinary approach between dance and built environment**

**Abstract:** This documented experience report approaches the relationship between body-space and the notion of home during the COVID-19 pandemic, exploring the interdisciplinarity between the areas of dance and architecture. Grounded in the concepts of corporeality and spatiality, the text highlights videodance as an artistic example of emergency adaptation within residential spaces in times of coronavirus. The interactive scenic installation Planta Baixa was the inspiration for educational activities, online and in person, developed with high school students. Entitled Planta Baixa na Nuvem Artistic Residency, these activities fostered reflections on adaptation, affective memory, and the multifunctionality of the domestic space. To explain this reality, the discussion draws on the internship experience of a member of the Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais from the Undergraduate Dance Course at the Universidade Federal de Viçosa, Brazil. The approaches present in this report emphasize the interdisciplinary potential for a critical perception of the post-pandemic space, by focusing on participants' experiences of adapting to the built environment of the home.

Keywords: Educational Action. Body-Space. Built Space. Artistics Practices.

## 2.1. INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

No ano de 2020, o mundo foi surpreendido por uma pandemia viral que transformou de diversas formas o cotidiano das pessoas, exigindo cuidados redobrados com a saúde e levando o mundo a repensar o significado da casa. As residências, que antes já carregavam significados de abrigo e proteção (Bollnow, 2008), viram essas funções reforçadas diante da necessidade de afastamento dos ambientes públicos, como medida sanitária de prevenção do contágio pelo vírus da COVID-19.

Grande parte da sociedade foi empurrada para dentro das suas casas durante a campanha global "fique em casa", que se baseava nas medidas de distanciamento físico e social. Entretanto, as necessidades do dia a dia, como o estudo, o trabalho e o lazer, tiveram de ser "acomodadas" nesse espaço então considerado seguro para serem realizadas naquele momento: a própria casa.

As noções de conforto associadas ao espaço residencial (Schmid, 2005) passaram por ressignificações, à medida que a habitação se tornava um cenário multifuncional (Villa et al., 2021), sofrendo, sob o imperativo das medidas sanitárias, adequações para receber o acúmulo de atividades além daquelas tradicionalmente ligadas ao ambiente doméstico.

Nesse contexto, diversas classes trabalhadoras tiveram a oportunidade de adaptar os seus trabalhos ao *home office*; no entanto, as classes menos favorecidas viram-se obrigadas a saírem das suas residências, ficando expostas ao risco de contágio, considerando que, caso contrário, colocariam em risco os seus próprios empregos (Harvey, 2020).

Os artistas do corpo integram um grupo de trabalhadores que também tiveram de se adaptar à realidade imposta pela pandemia. Este contexto desafiou artistas de todos os campos a reinventar os seus modos de produção e a democratizar o acesso à fruição da arte. Perante um fenômeno de escala global, as atividades remotas foram ampliadas como solução satisfatória durante os períodos de confinamento no espaço residencial.

Assim, as reflexões apresentadas neste relato fundamentam-se na relação corpo-espaco, a partir dos conceitos de corporeidade (Miranda, 2008) e de espacialidade na arquitetura (Aguiar, 2006), partindo da premissa da padronização e da ausência de personalização nos espaços construídos, tal como abordado por Leite

e Celani (2020). Tais implicações e os seus desdobramentos são aqui contextualizados no recorte temporal da pandemia da COVID-19.

Para demonstrar as modificações na relação corpo-espço e arquitetura, recorre-se à atuação de artistas da dança durante, e em consequência do distanciamento físico e social, associando-lhe o conceito de *videodança* (Brum, 2012; Madeira, 2024). A referência a este tipo de produção permitirá fomentar discussões sobre factos concretos relacionados com os espaços de vida e de atuação durante a pandemia da COVID-19, numa estreita relação corpo-espço, com a articulação entre corpo, espaço construído residencial e uso das tecnologias.

### **2.1.1. A racionalização do espaço: cozinha, movimento, coreografia**

O espaço é percebido graças às capacidades sensoriais humanas e, portanto, considera-se a qualidade dos espaços como resultante de um processo complexo: o das multissensorialidades (Schmid, 2005). Uma possível abordagem da percepção humana dos espaços produzidos pela arquitetura baseia-se em noções que partem do corpo em movimento nesse “espaço pensado, civilizado, moldado para abrigar as pessoas e suas atividades” (Schmid, 2005, p. 52). O movimento e as formas de ocupação espacial do corpo-sujeito são orientados pela corporeidade que, segundo Miranda (2008), “é um conceito de definição fluida que destaca o corpo enquanto instrumento relacional com o mundo” (p. 42).

Esta relação corpo-espço promove naturalmente, e em tempo real, intervenções nas sensorialidades humanas, resultando em constantes transformações e desenvolvimentos diversos. São essas sensorialidades que permitem, por exemplo, a construção de noções de distância, dimensão ou organização espacial, constituídas a partir das experiências de cada indivíduo.

O espaço tem uma relação direta e uma influência determinante na construção das percepções do sujeito, na formulação das suas ações e comportamentos, moldados pelas formas de distribuição espacial e dos objetos nesses espaços. Uma mesa de centro na sala de estar, por exemplo, determina a direção no seu deslocamento até à cozinha, podendo obrigar, consoante o ponto de partida, a descrever uma curva para evitar a colisão com o objeto.

Desta forma, compreende-se que o resultado da organização de um espaço determinará a forma como o corpo se organiza em relação a ele. Schmid (2005) destaca que a mensuração (resultante das sensorialidades individuais) dos espaços

não é a única premissa que desencadeia a sensação de conforto e que, além disso, essas noções são influenciadas por fatores individuais e sociais. O autor enfatiza a ideia de conforto como um conjunto de sensorialidades humanas em estreita relação com os elementos que determinam o *layout* dos espaços. Ou seja, as decisões sobre a organização dos objetos no espaço construído baseiam-se na procura de uma melhor fluidez e facilidade de movimentos e deslocamentos, enquanto corpo que ocupa e intervém nesses espaços.

Tais possibilidades são evocadas pela capacidade de percepção do ambiente, que sugere melhorias, ou não, nos espaços residenciais, enquanto lugares de intervenções humanas diversas. A casa, portanto, constitui-se também como um ambiente historicamente destinado a receber trabalhos e tarefas, em grande parte o trabalho doméstico. As estruturações deste ambiente residencial podem ser significadas pela conjugação entre o trabalho, as ações domésticas, religiosas e de procriação, o lazer e o convívio social (Kap & Lino, 2008).

Os significados atribuídos ao espaço doméstico têm em conta as suas diversidades e transformações ao longo do tempo, perante as sociedades industriais urbanas nas quais, segundo Kap e Lino (2008), prevaleceu uma separação entre os aspectos econômicos e culturais.

Esse afastamento modificou, em parte, o sentido da funcionalidade do contexto doméstico, entre elas a não utilização do mesmo espaço para habitar e trabalhar, “da mesma maneira que o tempo do trabalho (assalariado) e o tempo dito livre não se misturam” (Kap & Lino, 2008, p. 13). Ao mesmo tempo, as autoras reafirmam que o trabalho doméstico não foi extinto e que, pelo contrário, é provável que, até então, grande parcela dos trabalhos humanos são de reprodução doméstico (serviço doméstico prestado, em sua grande maioria por mulheres, sem remuneração).

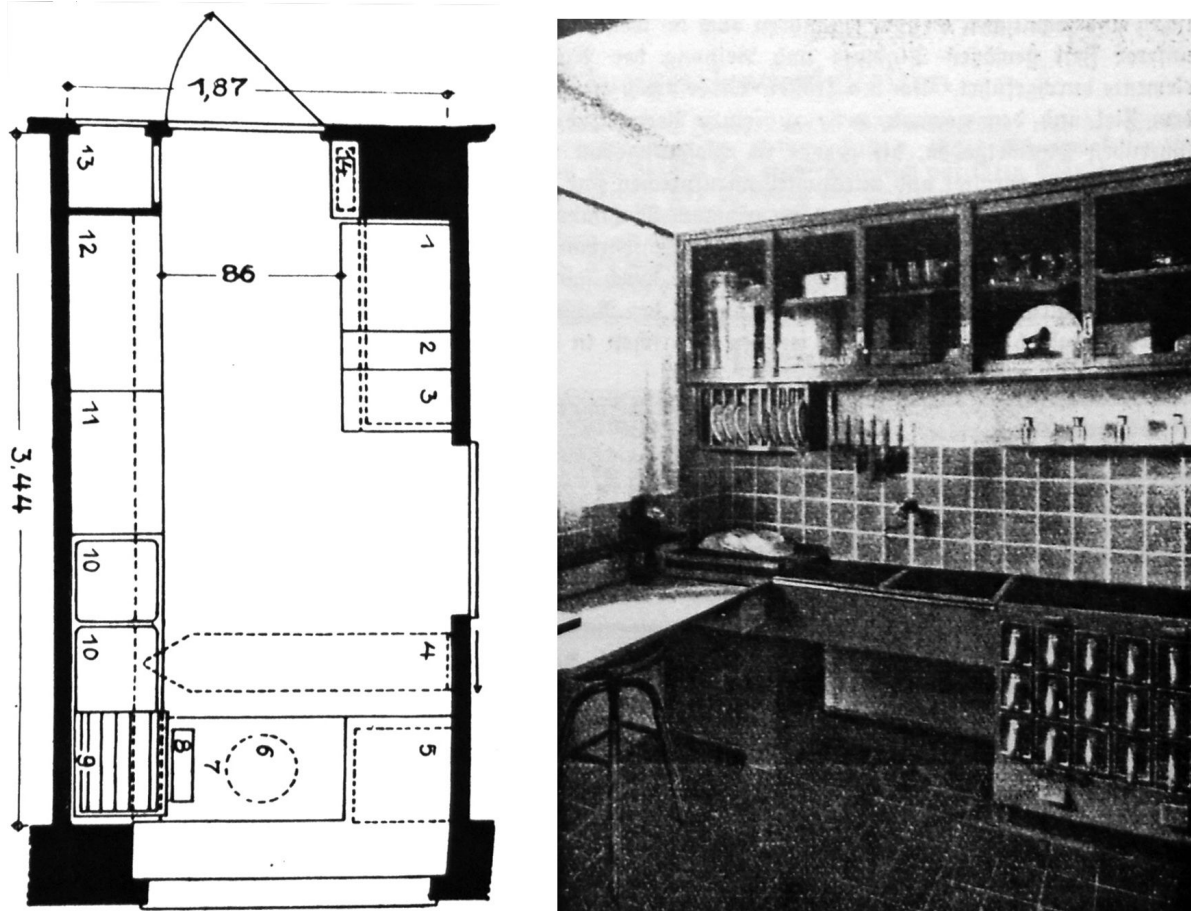
Nesse contexto, no início do século XX consolidou-se o crescente Movimento Moderno na arquitetura, caracterizado pelo surgimento de mudanças nos objetivos e nas técnicas, fruto do aumento do trabalho fabril e da diminuição do tempo passado no ambiente doméstico, em consequência da Revolução Industrial, entre os séculos XVIII e XIX, e do período entre guerras (Benevolo, 2001). A arquitetura moderna investiu, por exemplo, na sistematização das cozinhas, incentivando a produção de espaços favoráveis à economia de espaço e de tempo nas tarefas domésticas (Kap & Lino, 2008).

Os conceitos de espaço e de espacialidade integraram o campo do Movimento Moderno e fundamentaram estudos sobre a relação corpo-espaço na arquitetura. Segundo Aguiar (2006), os pressupostos desses estudos visavam melhorar as condições espaciais com base no movimento do corpo. Para isso, o espaço foi conceitualizado a partir da qualidade da interação e do deslocamento nos ambientes arquitetônicos e na sua relação com os objetos e as paredes que o delimitam. A espacialidade surge, então, como conceito da relação corpo-espaço definida pela forma como o corpo se sente acomodado nos espaços. A introdução dos estudos da espacialidade na arquitetura foi relevante “ao propiciar uma avaliação da performance dos espaços a partir das demandas do corpo (...) individualmente e coletivamente” (Aguiar, 2006, p. 75).

O Movimento Moderno estabeleceu-se no período pós-guerra, em 1919 (Benevolo, 2001), uma época de emergência em que a arquitetura moderna levou à padronização dos espaços, sobretudo residenciais. A arquiteta austríaca Margarete Schütte-Lihotzky (n. 1897–m. 2000) destacou-se como exemplo de ativismo nesse movimento quando, em 1920, colocou em prática o seu projeto de racionalização e padronização por meio dos seus desenhos, especialmente aquele a que chamou “The standardized kitchen arrangement” [O arranjo padronizado da cozinha] (Hochhaeusl, 2013, para. 3). Schütte-Lihotzky afirmou que o seu projeto se baseava em princípios científicos e também nos “novos” métodos (da época) de realização racionalizada das tarefas domésticas.

O tamanho reduzido das cozinhas, concebido segundo este método racional, estabeleceu-se com o intuito de poupar não somente espaço e recursos, mas principalmente tempo. Hochhaeusl (2013) afirma que a concepção da cozinha racional teve início com Schütte-Lihotzky em Viena, na Áustria, mas foi posteriormente desenvolvida em larga escala na cidade de Frankfurt, na Alemanha. Após a sua padronização e difusão, a então nomeada Cozinha de Frankfurt (Figura 4) foi integrada em pelo menos dez mil núcleos de famílias alemãs (Hochhaeusl, 2013; Kap & Lino, 2008), no âmbito do desenvolvimento de um vasto conjunto de habitações a preços acessíveis.

Figura 4. Cozinha de Frankfurt de Shütte-Lihotzky - 1926



Fonte: May (1926).

Com o intuito de responder principalmente às necessidades das mulheres que, naquela época, começavam a firmar-se em empregos fora de casa e acumulavam o trabalho (extra) doméstico, Schütte-Lihotzky projetou a cozinha racional para “facilitar ao máximo as tarefas (...) trazendo para o ambiente doméstico a otimização produtiva das fábricas” (Kap & Lino, 2008, p. 22). Após a concepção destes ideais da Cozinha de Frankfurt (1925-1930), Schütte-Lihotzky foi amplamente elogiada, considerando a sua conduta ao focar-se nos estudos do movimento apresentados pela *Frankfurt Kitchen*. Os seus estudos traçaram todos os movimentos corporais naquele espaço de trabalho, que foi projetado de forma a que os objetos e utensílios se encontrassem organizados de modo a permitir que o corpo se movimentasse no espaço de forma ordenada, rápida e fácil durante a execução das tarefas:

A aplicação do método consistiu em cronometrar e analisar cada movimento realizado na cozinha tradicional e, em seguida, reorganizar espaços e objetos de acordo com sequências lógicas que exigissem o mínimo de passos e gestos, diminuindo o tempo necessário a cada operação. (Kap & Lino, 2008, p. 22)

Este plano racional foi amplamente adotado, naquela época, por atender às necessidades das classes trabalhadoras, as quais tinham como ambiente de trabalho cotidiano a casa, para além das fábricas e/ou escritórios. Schütte-Lihotzky sistematizou uma forma de movimento, criando ordenações conduzidas pelo e no espaço, que definiam uma coreografia a ser realizada nesse espaço de trabalho.

A Cozinha de Frankfurt reformulou os ideais relativos à lógica de uso dessa composição do espaço residencial, em aspectos que tangem a concepção de esquemas coreográficos, os quais, com base nos conceitos de Forsythe (n.d.), surgem carregados de propósitos de ação. A sistematização de uma coreografia atribuiu um sentido próprio à utilidade da cozinha e evidenciou a necessidade de classificar esses movimentos como ações de tarefas domésticas, que se estendem às rotinas da sociedade contemporânea.

Forsythe (n.d.) sugere que a experiência coreográfica é providenciada substancial e exclusivamente pelo corpo. Contudo, o autor questiona se as coreografias podem expressar-se autonomamente (isto é, sem o corpo) através dos denominados Objetos Coreográficos.

No caso da Cozinha de Frankfurt, a relação coreográfica estabelece-se com os objetos que, de acordo com a sua ordenação, são capazes de interferir e direcionar sistematicamente as formas de produção do movimento corporal. São ações que aproximam o corpo ao objeto e ao espaço, de forma que os conceitos sobre práticas coreográficas, abordados por Forsythe (n.d.), ultrapassam os limites da expressão e da sensibilidade, tal como nas práticas de dança, e assumem uma dimensão de funcionalidade.

Os estudos de Schütte-Lihotzky, portanto, situam-se nesse campo em que se organizaram sistemas de ação com o foco principal de produzir um determinado conhecimento, visando facilitar o envolvimento do indivíduo com a cozinha. A sua proposta favorecia o utilizador inserido num contexto marcado por questões sociais e econômicas, estabelecidas num evento de (re)evolução das formas de atuar na sociedade e de exercer papéis laborais.

O desenvolvimento da cozinha racional envolveu a busca pelo conforto a partir da redução do trabalho doméstico, provocando uma interferência nas formas de ocupação e na percepção do corpo em relação à performance do espaço residencial — estudos de espacialidade baseados, então, na corporeidade e no movimento, fossem eles funcionais ou não funcionais (Miranda, 2008).

A Cozinha de Frankfurt exemplifica a introdução dos conceitos de espaço e de espacialidade na arquitetura, fundamentando a inserção dos estudos do movimento durante o Movimento Moderno. Assim, “é no conceito da arquitetura que o corpo – o corpo humano – se torna a base para a experiência e recepção dos espaços construídos” (Aguiar, 2006, p. 76). Os modos de perceber e de agir do ser humano influenciaram, desde então, os conceitos de espaço nos estudos de arquitetura, em que “O papel do corpo é central” (Aguiar, 2006, p. 76).

No entanto, existem evidências de espaços habitacionais padronizados até aos dias de hoje, cada vez mais viabilizados em função dos meios de produção em larga escala. Isto revela o afastamento entre a personalização do planejamento dos espaços (Leite & Celani, 2020), conforme preconizado pelo movimento moderno, e os parâmetros de percepção individuais e diversificados do corpo (Schmid, 2005). O resultado se traduz na ineficiência dos ambientes construídos durante a percepção e experiência do utilizador em “Espaços com dimensões cada vez menores” (Leite & Celani, 2020, p. 226), conduzindo à multifuncionalidade dos usos de determinado local.

Neste contexto, Jorge (2013) apresenta estudos sobre habitações com características físicas de espaços estáticos. O autor analisa os espaços residenciais construídos no século XX por meio de temáticas como a organização da casa em função da estrutura familiar. Nesse sentido, a forma de desenvolvimento das habitações surge, culturalmente, dos diferentes tipos de núcleos familiares, delimitando um modo uniforme de produção do espaço (Jorge, 2013). Os desdobramentos na contemporaneidade revelam que o núcleo familiar deixou de ser o grupo central na habitação, propondo-se a análise de “exemplos, atuais ou precedentes, que permitam tornar versátil o espaço, adaptando-o a necessidades que se vão alterando em curtos espaços de tempo” (Jorge, 2013, secção Concluindo, para. 3).

O carácter multifuncional do uso dos espaços foi ampliado a nível global no contexto da pandemia da COVID-19, quando alterações nas rotinas individuais e coletivas “pôs em destaque a importância da polivalência nos ambientes residenciais” (Leite & Celani, 2020, p. 226), momento em que uma enorme diversidade de atividades cotidianas foi “reacomodada” dentro de casa (Canabarro et al., 2022; Leite & Celani, 2020; Villa et al., 2021).

A pandemia da COVID-19 trouxe inúmeros desafios relativamente às formas de atuar perante as imposições do distanciamento físico e social. Estas medidas ordenaram, naturalmente, a procura de soluções capazes de responder à necessidade de adaptação face à sobreposição de atividades num mesmo ambiente.

É neste contexto que se considera a aproximação entre a dança e a arquitetura dos espaços domésticos como pano de fundo do presente trabalho, que visa discutir as mudanças na relação com os espaços da casa e as formas de produzir arte durante a pandemia. Estas abordagens sustentam as reflexões apresentadas neste artigo, nomeadamente no que se refere às produções artísticas estendidas ao contexto escolar e às suas implicações sobre a relação corpo-espaço durante e após a pandemia.

### **2.1.2. As produções artísticas no recorte temporal da pandemia: o exemplo da videodança e a casa como palco**

Diante da longa permanência dos corpos num mesmo ambiente, a "pausa" experimentada a nível global promoveu inegáveis adaptações nos espaços residenciais. No entanto, Lepecki (2020) defende que foi praticamente impossível existir uma pausa nas atividades económicas. O autor esclarece que se manteve o imperativo do capital e do Estado, o que afetou a autonomia da sociedade.

Na perspectiva de Lepecki (2020), foram "propostas" novas formas de "mover", uma vez que as classes trabalhadoras desfavorecidas tiveram uma certa "liberdade" para se deslocarem até aos seus locais de trabalho. Esta situação, segundo Harvey (2020), colocou estes grupos em risco de saúde com o objetivo de, supostamente, impedir o declínio económico. Outros, em contrapartida foram confinadas em casa, em especial os artistas do corpo, obrigados a redimensionar as suas formas de atuação na busca pela sobrevivência e pela contribuição económica. Neste contexto, a linguagem da videodança tornou-se uma reafirmação para os artistas da cena, que se apropriaram de diversos meios tecnológicos, mediáticos e criativos para manifestar a sua existência e os seus direitos perante a sociedade.

O conceito de videodança será abordado como um trabalho de audiovisual que utiliza registos em vídeos como materiais posteriormente sujeitos a edição, para, então, serem publicados como obra (Madeira, 2024). Durante o processo de manipulação dos materiais mediáticos (vídeo, sonoplastia, música, etc.) "perpassam caminhos de construção das emoções, narrativas e sentidos. É um vídeo que não

pode ser reproduzido em um palco, unicamente feito para a tela” (Madeira, 2024, p. 312).

As produções de videodança não são recentes, tendo esta linguagem artística ganho destaque a partir da década de 1970, principalmente nos Estados Unidos. Brum (2012) relata que, no Brasil, as primeiras publicações que questionaram as formas de produção em videodança surgiram na década de 1990. Para o autor, o campo de estudos da videodança “trata-se de uma cena que emerge da aproximação de artistas do audiovisual e da dança que, juntos, encontram no vídeo um manancial repleto de novos recursos para realizar suas ideias” (Brum, 2012, p. 77).

Neste sentido, considera-se que o recorte temporal da pandemia da COVID-19 exigiu, das artes corporais, uma aproximação e um aprofundamento no conhecimento da produção artística através do audiovisual. A realidade das produções artísticas provocada pela pandemia vai ao encontro das reflexões de Madeira (2024), que aponta em sua pesquisa que se “trata de um passado ainda presente, uma realidade que se mantém – mesmo com o retorno das atividades econômicas” (p. 309). Portanto, pode se afirmar que as transformações geradas pelos momentos de distanciamento produziram novos olhares dirigidos a esta linguagem da videodança.

As análises de Madeira (2024) sobre obras de videodança narram as modificações na relação corpo-espaco desencadeadas pelos sentimentos de constante permanência no ambiente residencial, que passa também a assumir a função de palco. O “enclausuramento” imediato, imposto por decretos de instâncias superiores, segundo Lepecki (2020), determinou não só o que deveria ser feito, mas também a forma como poderia ser realizado.

Os corpos passaram a comunicar de maneiras diferentes – uma vez que, neste período, toda a engrenagem de captação e criação foi modificada. As narrativas tiveram que ser realocadas em uma realidade que até então era menos explorada. (Madeira, 2024, p. 308)

Nesse sentido, a interação dos artistas com o espaço-delimitação-objetos-luz-câmera-som torna-se a base da obra audiovisual e dá sentido e forma às ideias conforme o espaço utilizado. Ao mesmo tempo espelha-se no espectador, que reconhece o seu próprio ambiente residencial através da obra, experimentando imaginar a casa como palco de tudo. Trata-se de uma perspectiva que apenas se concretiza quando mediada pelas tecnologias da informação, de modo a permitir que as produções chegassem ao público. *Corações em Espera* em 2020, da Focus Cia.

de Dança (2021), e *Gestos Transitantes em Campo Expandido* em 2021, do Núcleo Dédalos (2021), são exemplos de obras de dança apresentadas em tempo real, por meio de plataformas de videoconferência. Criadas no contexto da pandemia, estas obras transformaram a arquitetura das casas em espaço de exploração e experiência corporal criativa, redefinindo a casa como palco de multifuncionalidades éticas e estéticas.

A videodança *Planta Baixa na Nuvem*, fruto da *Residência Artística Planta Baixa na Nuvem* — apresentada mais adiante —, reforça os anseios e as necessidades emergenciais do corpo enclausurado num espaço de abrigo e proteção. Esse estado de permanência transbordou para outros campos que não apenas o “espaço da casa como habitação”, indo de encontro às noções de conforto propostas por Schmid (2005). Assim, as percepções sobre o ambiente construído e sobre a relação corpo-espaço foram determinadas pela necessidade da vida cotidiana de cada indivíduo. Ou seja, resultam das necessidades surgidas durante um fenômeno coletivo, embora cada ser humano o tenha experimentado individualmente.

As produções desenvolvidas no espaço residencial constituíram, desse modo, um canal de transformação substancial nas formas de produzir arte durante a crise sanitária. Questões como estas, pautadas pela relação corpo-espaço, com a casa e com o campo artístico foram também direcionadas a outros grupos de pessoas. É nesse contexto que a *Residência Artística Planta Baixa na Nuvem*, desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais (NEPARC), provocou, na prática, reflexões sobre corpo-espaço, permanência e adaptabilidade das pessoas aos espaços arquitetônicos residenciais.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é traçar uma linha narrativa entre a dança e o espaço construído, sublinhando a sua conexão e a relevância de discutir a relação do corpo com o ambiente residencial. Essa relação evidencia as formas de adaptabilidade corporal aos espaços domésticos durante a pandemia, reveladas nas vivências artísticas promovidas pelo NEPARC.

## **2.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **2.2.1. O relato de experiência**

Este relato de experiência documental apresenta descrições e reflexões sobre a *Residência Artística Planta Baixa na Nuvem*, realizada entre agosto e dezembro de 2020, em formato online, e em maio de 2023, de forma presencial. As ações educativas aqui descritas envolveram, em sua totalidade, 320 estudantes do CAP-Coluni/UFV, considerando os dois formatos e os anos de aplicação (160/cada). Tal instituição que se caracteriza por um perfil socioeconômico heterogêneo, dado o processo seletivo abranger estudantes de diversas regiões do Estado de Minas Gerais e, inclusive, de outras partes do Brasil.

Tais atividades integraram o cumprimento das exigências do Estágio Supervisionado da Licenciatura do Curso de Graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa (UFV), desenvolvido pelo primeiro autor deste artigo.

Dessa forma, o conteúdo presente, extraído do Relatório de Estágio de Ferreira (2023), fundamenta-se em diálogos, observações e reflexões estabelecidos com estudantes do ensino médio/secundário, participantes nas ações educativas. Esta experiência despertou no investigador o interesse em aprofundar conhecimentos sobre as ambiências e situações vivenciadas, conduzindo à busca pela realização do mestrado.

A Residência Artística foi desenvolvida com procedimentos metodológicos baseados na recolha de materiais para uma ação de caráter artístico-pedagógico. Nesse processo, o NEPARC e um total de 160 estudantes construíram, coletivamente, obras artísticas por meio de esboços de plantas baixas e descrições em áudio (online). Subsequentemente, o estagiário e outros 160 estudantes desenvolveram, também, esboços de plantas baixas, depoimentos em escrito, além de práticas corporais artísticas (presencial), todos fundamentados nas reflexões propostas pela Residência anterior. Os resultados da ação educativa online encontram-se disponíveis em acesso aberto ao público nas páginas oficiais do NEPARC.

### **2.2.2. O projeto NEPARC e a obra planta baixa**

O NEPARC é um projeto de investigação e extensão vinculado ao Curso de Dança do Departamento de Artes e Humanidades da UFV. Criado em 2012, o NEPARC produz conhecimento por meio da pesquisa e da construção de espetáculos

de Dança e Performance. Coordenado pela Professora Doutora Andréa Bergallo Snizek, o projeto desenvolve novas linguagens artísticas a partir das tecnologias inseridas no contexto contemporâneo das artes.

Há 13 anos, o NEPARC atua na produção de espetáculos de dança, na realização de residências artísticas e coreográficas nacionais e internacionais, na produção de workshops diversificados para diferentes públicos, bem como na organização de diversos eventos técnicos-científicos, como seminários internacionais. Estas atividades envolvem não apenas a comunidade acadêmica e viçosense (MG - Minas Gerais), mas também profissionais de outros países.

Entre os trabalhos artísticos do NEPARC destaca-se a obra *Planta Baixa*, uma instalação cênica interativa que aborda a relação entre corpo, casa e memórias afetivas dos participantes. A sua estrutura foi concebida a partir da planta baixa de um apartamento e, nesse sentido, combina movimentos artísticos inspirados em ações cotidianas, promovendo interações entre intérpretes e público.

A proposta desta instalação cênica permite a composição coletiva do espaço delimitado por uma planta baixa de uma casa demarcada no chão. Ao integrar os espectadores na performance, a obra explora memórias e afetos individuais, possibilitando que cada participante manipule e (re)organize o espaço da casa a ser ocupado. Dessa organização resulta uma composição em tempo real de uma instalação cênica irrepitível que, caso seja preservada no local da ação, pode ser visitada posteriormente (NEPARC, n.d.).

Criada por Camila Oliveira e com dramaturgia de Andréa Bergallo Snizek, a obra reflete os hábitos desenvolvidos no ambiente doméstico, com o intuito de pensar de forma consciente a inerente relação entre corpo, memórias afetivas e padrões de movimentos realizados no espaço arquitetônico residencial (Figura 5). A obra sensibiliza ações dos intérpretes e dos espectadores para que se “Dance a imaginária materialização de uma casa, a delimitação do espaço, desenhe um chão, com memória e sensação” (NEPARC, n.d., secção Planta Baixa, para. 2).

Figura 5. Planta Baixa (2015)



Fonte: Videodança Planta Baixa em 2015, by NEPARC (NEPARC Viçosa, 2020).

O trabalho apresenta-se em dois formatos: performance/instalação cênica interativa e videodança. Embora a abordagem e a temática em ambos os formatos sejam idênticas, cada tipo de apresentação estabelece modos diferentes de relação com o espaço e com o espectador. Na performance, privilegia-se a relação direta e a integração do público no espaço de ação. Já na videodança, a obra restringe-se à tela, e o foco recai sobre as escolhas feitas para a sua composição.

### 2.2.3. A residência artística Planta Baixa na Nuvem (2020)

Em 2019, a *Residência Artística Planta Baixa* foi contemplada pelo Prêmio Funarte Descentrarte, tendo desenvolvido, em 2020, as suas atividades no âmbito escolar de Viçosa-MG. A Residência foi inicialmente projetada para aplicação presencial, e, por isso, adaptada para o formato online devido à pandemia da COVID-19, passando a denominar-se *Residência Artística Planta Baixa na Nuvem*.

O seu principal objetivo consistiu em construir coletivamente um espaço cênico simbólico, integrando memórias e afetos dos participantes. A proposta permitiu reorganizar e manipular o espaço ocupado, resultando numa apresentação com elenco híbrido, composto por residentes, estudantes do CAp-Coluni/UFV<sup>2</sup> e ministrantes, membros do NEPARC.

<sup>2</sup> O CAp-Coluni/UFV, localizado em Viçosa-MG, foi criado em 1965 como Colégio Universitário, vinculado à UFV. Inicialmente destinado à 3.ª série do Ciclo Colegial, expandiu a sua oferta para o ensino médio/secundário completo em 1982, tendo sido regularizado pelo Ministério da Educação em 1981. Em 2001, foi oficialmente transformado em Colégio de Aplicação (COLUNI, n.d.).

A programação da Residência incluiu: *Lives* temáticas sobre coreografia, iluminação, figurino e produção; encontros virtuais com estudantes do Colégio de Aplicação CAp-Coluni/UFV; e a realização de tarefas orientadas por grupos de WhatsApp®.

Como resultado, foram criadas duas novas versões da obra *Planta Baixa*, explorando a interação e as modificações da relação corpo-espaço no ambiente doméstico durante o período de distanciamento físico e social: *Trabalho Interativo Planta Baixa na Nuvem*; e *Videodança Planta Baixa na Nuvem*. As atividades decorreram entre agosto e dezembro de 2020, um período que desafiou intensamente as possibilidades de criação artística em contexto remoto.

A parceria com a professora de Artes do Colégio CAp-Coluni/UFV permitiu a inserção da Residência no ambiente escolar. As primeiras comunicações ocorreram em novembro de 2020, durante as aulas de Artes, com o intuito de apresentar aos estudantes a proposta da Residência Artística e os seus objetivos, a partir da instalação cênica interativa *Planta Baixa*.

Nos encontros realizados via videoconferência, o NEPARC solicitou aos estudantes a realização de tarefas, mediadas pela professora responsável. Estas foram estruturadas para estimular a reflexão dos estudantes sobre o uso e a relação com o espaço doméstico.

A primeira atividade consistiu em responder, por meio de gravações de áudio, a perguntas sobre a composição e organização das casas, as rotinas e as mudanças decorrentes da pandemia. Na segunda tarefa solicitou que os alunos produzissem desenhos detalhados de um cômodo da casa, contendo portas, janelas e móveis, no qual tivessem passado mais tempo durante o confinamento.

A equipe analisou as gravações enviadas (Figura 6), que se configuraram como depoimentos sobre a reconfiguração do espaço doméstico e das rotinas diárias, refletindo experiências, sensações e percepções sobre o espaço da casa durante a pandemia.

Figura 6. Residência Artística Planta Baixa



Fonte: Recebimento e análise das tarefas entregues pelos estudantes, 2020, by NEPARC.

É importante destacar que todas as entregas foram individuais, preservando a privacidade dos participantes. O NEPARC adotou medidas para garantir o anonimato dos depoimentos ao editar os áudios destacando apenas palavras-chave ditas, sem formar expressões completas. Do total de 160 gravações, a equipe do projeto selecionou os trechos mais relevantes para a construção das obras.

## 2.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 2.3.1. A construção colaborativa de duas novas obras artísticas

O NEPARC produziu a montagem no palco do Espaço Acadêmico Cultural Fernando Sabino da UFV, onde realizou os procedimentos das gravações das performances dos bailarinos. A equipe do projeto respeitou as regras de distanciamento físico durante toda a ação educativa: cada integrante gravou individualmente movimentos específicos, inspirados em diferentes cômodos da casa.

Na etapa final, as gravações editadas foram integradas às ilustrações feitas pelos estudantes. Estas foram projetadas como plantas baixas sobre os vídeos dos bailarinos, criando a ilusão de dança nos espaços representados.

O resultado foi o *Trabalho Interativo Planta Baixa na Nuvem* (Figura 7), disponibilizado no site do NEPARC, permitindo que os estudantes reconhecessem os seus vídeos a partir do desenho do cômodo e da trilha sonora.

Figura 7. Trabalho Interativo Planta Baixa na Nuvem



Fonte: Vídeos do Trabalho Interativo desenvolvidos pelo NEPARC, by NEPARC. (2020).

Embora o NEPARC tenha realizado parte do trabalho de forma presencial, seguindo os protocolos sanitários, a produção intensificou as discussões para integrar, remotamente, os estudantes no processo criativo. Para isso, o projeto desenvolveu uma nova videodança, adaptada ao contexto da pandemia, permitindo a participação remota. A obra manteve fidelidade à sua estrutura original, incorporando os áudios enviados pelos estudantes na trilha sonora da videodança.

Esta abordagem resultou numa nova interpretação do *Planta Baixa*, conectando sua versão de 2015 ao contexto pandêmico. A videodança foi considerada a obra-síntese resultante de todas as atividades realizadas no âmbito da Residência Artística.

A manipulação de materiais na construção da *Videodança Planta Baixa na Nuvem* (Figura 8) exemplifica o que Madeira (2024) descreve sobre a capacidade da obra de evidenciar a relação do corpo com os objetos e o espaço, em especial, o de uma casa. Esta relação pode ser visível na ordenação das linhas que compõem a delimitação (planta baixa fixada no chão), caracterizada como um espaço pessoal, íntimo e seguro. Estes aspectos definem o sentido de “casa” enquanto espaço gerador de memórias, afetos e significados de proteção, fundamentais em tempos de crise sanitária.

Figura 8. Videodança Planta Baixa na Nuvem (2020)



Fonte: Canal oficial do NEPARC no YouTube (NEPARC Viçosa, 2020).

Videodanças, como *Planta Baixa na Nuvem*, produzem reações que, segundo Madeira (2024), colocam o espectador no mesmo lugar do autor e dos intérpretes. Apesar de objetiva na sua narrativa, a obra é imersa numa subjetividade que a torna capaz de evocar memórias, afeto e emoções no público-alvo do momento (Madeira, 2024). Nesse sentido, fomenta reflexões em todos aqueles que, de alguma forma, entraram em contato com ela.

A respeito disso, é com foco nas atividades com estudantes que a *Residência Artística Planta Baixa na Nuvem* se mostra transformadora, pois, para além da simples exposição de uma obra audiovisual, promoveu-se a interação entre autora, artistas e público-alvo. A colaboração dos estudantes do ensino médio/secundário foi fundamental para a produção das duas novas versões da obra *Planta Baixa* (videodança e trabalho interativo), ambas baseadas nas experiências e percepções sobre corpo, memória e espaço doméstico no contexto da pandemia. Estas obras foram apresentadas em *Lives*<sup>3</sup>, cumprindo os intuitos da Residência Artística e de um projeto de democratização da fruição artística. Todos os estes trabalhos resultantes da Residência encontram-se atualmente disponíveis para livre acesso público.

### 2.3.2. A aplicação da residência artística no pós-pandemia (2023)

As produções do NEPARC em 2020 suscitaram reflexões relacionadas com o contexto da pandemia. O anseio de continuar a promover diálogos sobre as mudanças na relação corpo-espaço e a casa, após as experiências de adaptabilidade e

<sup>3</sup> Ver a *playlist* de *Lives* completa em NEPARC Viçosa (2013).

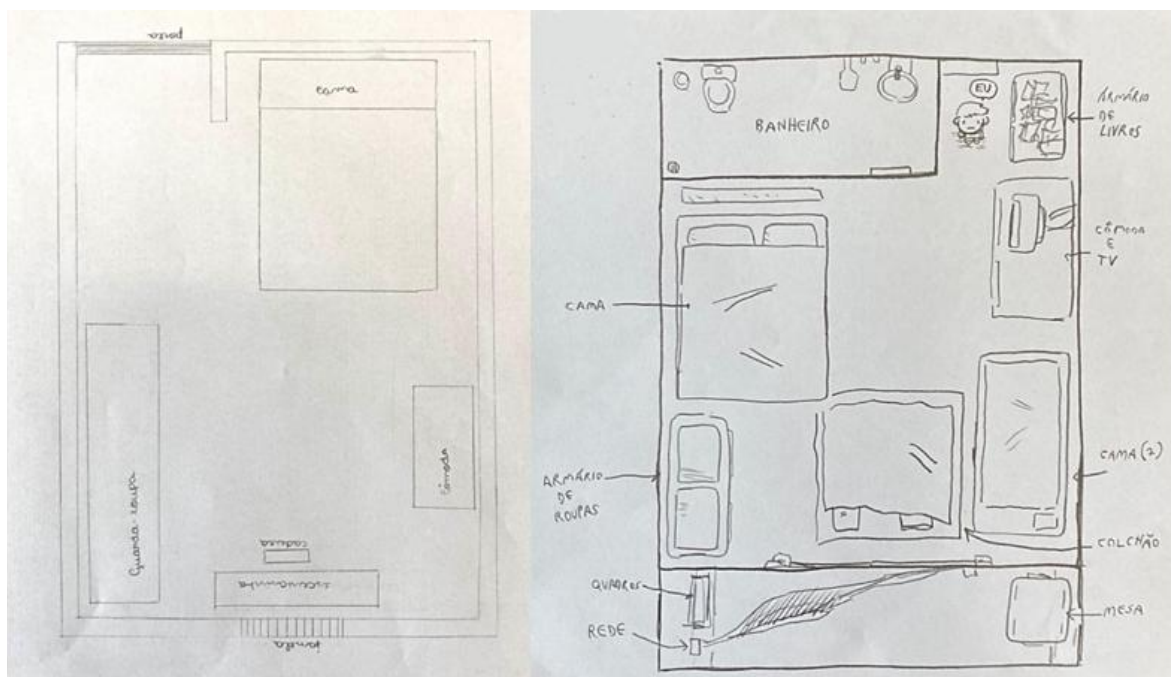
permanência em espaços delimitados, originou novas questões a explorar no momento subsequente.

Nesta perspectiva do contexto pós-pandêmico, estas questões sobre as mudanças na percepção da relação corpo-espaço e o ambiente doméstico, continuaram a desenvolver-se no âmbito escolar. Dessa forma, a Residência Artística foi ressignificada por um estagiário e membro do NEPARC. A proposta promoveu reflexões sobre possíveis transformações e/ou ressignificações na relação corpo-espaço e casa, envolvendo novamente estudantes do ensino médio/secundário do CAp-Coluni/UFV.

Com o intuito de cumprir os requisitos do Estágio Supervisionado da Licenciatura em Dança, foram feitas regências de aulas fundamentadas nas técnicas e temáticas utilizadas na Residência de 2020, utilizada como projeto-piloto para contribuir para a estratégia criativa e reflexiva na mediação dos conteúdos, ministrados pelo estagiário em 2023. Para tal, a aplicação decorreu em regime presencial, através de aulas expositivas, práticas corporais artísticas e debates.

Na primeira parte, foi desenvolvido um exercício criativo de plantas baixas: os estudantes desenharam, à mão livre, os cômodos onde mais permaneceram durante o fenômeno da pandemia (Figura 9).

Figura 9. Plantas baixas desenhadas, por dois estudantes envolvidos na ação educativa



Fonte: Ferreira, 2023.

O exercício visou evidenciar os desafios vivenciados por esses estudantes devido à intensificação das experiências no espaço habitacional e ao distanciamento de outros ambientes. Assim, reforçou-se o espaço residencial como lugar essencial da experiência da vida humana (Bachelard, 2008).

Como parte dessas reflexões, a tarefa de esboçar uma planta baixa foi acompanhada de descrições breves sobre o espaço mais utilizado pelos estudantes no trânsito da pandemia. Em cada uma delas, os estudantes registraram as suas percepções sobre esse espaço privado, os seus pensamentos sobre as mudanças nas formas de habitar e de que modo essas transformações reverberaram na sua relação corpo-espaço no pós-pandemia.

Na atividade prática corporal (Figura 10), a turma foi dividida em grupos: um estudante de cada grupo permanecia vendado, auxiliado pelos membros. A dinâmica ocorreu em três momentos distintos: (1) o participante vendado percorreu um trajeto delimitado em formato de planta baixa, desviando-se de objetos (previamente posicionados) com a ajuda dos colegas; (2) os objetos foram removidos, mas os colegas continuaram a orientar como se os obstáculos ainda estivessem presentes, induzindo a repetição dos movimentos iniciais; (3) sem a venda e sem os objetos, o participante refez o trajeto utilizando apenas a memória corporal adquirida, sem auxílio externo.

Figura 10. Trajeto construído para realização da atividade prática



Essa abordagem favoreceu a experimentação sensorial e a percepção espacial, permitindo refletir sobre a interação do corpo com o ambiente e a construção de narrativas corporais. Após a prática, emergiram reflexões sobre as percepções pessoais e as transformações do corpo na relação com o espaço, através de vivências singulares na pandemia que afetaram o comportamento destes estudantes.

### **2.3.3. Principais descobertas e reflexões**

Durante a roda de conversa realizada após as práticas corporais, diversos estudantes manifestaram as suas percepções acerca da experiência vivenciada, estabelecendo relações com os seus hábitos e com as transformações corporais sentidas durante e após a pandemia. De maneira geral, houve consenso entre os participantes quanto às mudanças significativas nas percepções corpo-espaço, sendo a pandemia apontada como um fator determinante dessas modificações. Importa ressaltar que estas observações, relatadas a partir da perspectiva do estagiário, surgiram dos diálogos e reflexões promovidos durante as regências, as quais serão explicitadas a seguir.

Sob a observação do estagiário, verificou-se uma alta incidência do uso do espaço do quarto durante o período de confinamento. A adaptação desse espaço revelou-se uma estratégia relevante na procura pela sensação de conforto, um aspecto exigido pelo longo tempo de permanência num mesmo cômodo da casa. Apesar dessa adaptação, manteve-se uma evidente relação afetiva com o espaço, considerando a necessidade de adaptá-lo de modo a melhorar a sua funcionalidade.

Por outro lado, os corpos tenderam a tornar-se, de certa forma, imóveis no ambiente residencial, sobretudo no que diz respeito à realização de atividades escolares e ao aumento no tempo de uso das redes sociais. Tornou-se evidente a relação entre os sentimentos e o espaço da casa dos estudantes, marcada por sensações de enclausuramento e pela limitação das interações sociais presenciais.

Desta forma, destaca-se que as atividades desenvolvidas problematizaram a compreensão da relação corpo-espaço, com o intuito de proporcionar a reflexão sobre a ideia de conforto (Schmid, 2005), a ocupação e as funções/multifuncionalidades dos espaços residenciais. Estes espaços assumem significados como abrigo e proteção para grupos familiares, amigos ou para o indivíduo (Bollnow, 2008). São, em geral, ambientes de moradia projetados para uso doméstico, que passaram a acomodar,

simultaneamente, o trabalho, os estudos e o lazer, tendo como foco principal o cuidado com a saúde durante o período de distanciamento físico e social.

Durante as práticas corporais, os participantes relacionaram frequentemente as suas memórias sobre a casa com sensações diferentes das atuais, mantendo o espaço como local de descanso e conforto. Nesse sentido, o distanciamento físico e social delimitou um “espaço de existência”, reafirmado pelo corpo, intensificado pela corporeidade e, simultaneamente, limitado pelo enclausuramento e pelas alterações nos modos de utilização das tecnologias, efeitos que se prolongam até hoje. Em alguns casos, esta situação potencializou a qualidade das relações familiares, dado o aumento no tempo de permanência e convivência no mesmo espaço.

O quarto foi caracterizado por grande parte dos estudantes como um local de segurança, onde os problemas do mundo não alcançavam as pessoas. Contudo, estes espaços, antes confortáveis e agradáveis, passaram a ser percebidos como ambientes de restrição quando associados à privação das experiências externas. Dessa forma, a grande maioria dos estudantes relatou a necessidade de recriar outros espaços, orientados pelas suas próprias noções de conforto.

A limitação do acesso aos espaços públicos reforçou a importância das relações sociais. De acordo com os próprios estudantes, a relação corpo-espaço foi alterada, exigindo novos desafios e ajustes a um corpo que, durante longo período, esteve dependente de um único espaço. Portanto, no pós-pandemia, o retorno à ocupação de ambientes públicos exigiu que o corpo se desprendesse do ambiente privado, promovendo o restabelecimento das dinâmicas sociais de convivência e relacionamento com outras pessoas, presencialmente.

Destaca-se, ainda, a influência dos dispositivos tecnológicos, especialmente dos *smartphones*, na aprendizagem e na percepção corporal. O uso crescente dessas tecnologias alterou a relação do indivíduo com o espaço, desencadeando novas percepções temporais, uma vez que a conexão espaço-tempo sofreu transformações simultâneas. Traquino (2010) descreve este fenômeno da pós-modernidade, caracterizado como uma “cultura de três minutos”, em que a emergência e a efemeridade nas relações cotidianas das pessoas se evidenciam, exemplificando com a ação instantânea de “ver televisão mudando constantemente de canal, sem permanecer mais que três minutos no mesmo programa” (Traquino, 2010, p. 20).

As suas reverberações nos momentos recentes, em especial durante a pandemia, revelaram os dispositivos e as redes como centrais na comunicação,

acelerando o consumo de informação. Plataformas como Tik Tok® e Instagram® ilustram um acesso a conteúdos condensados e rápidos, potencializando a cultura do efêmero, fenômeno que, de acordo com Harvey (2008) vem se alastrando desde a pós-modernidade. Esta experiência compromete-se com as formas de acessar o excesso de informação, tendo o exemplo das telas dos dispositivos celulares, como uma ferramenta que permite deslizar pelo *feed* constantemente e percorrer “quilômetros” de conteúdos.

Esta interação com os dispositivos tecnológicos é um aspecto que se desencadeia nas constantes transformações das estruturas sociais, tornando-as mais fluidas e temporárias (Bauman, 2001). O fenômeno pandêmico modificou as maneiras de consumir informação, tornando-o instantâneo e constante, promovendo sensações de urgência ao absorver e descartar conteúdos. Estas experiências sociais estão alinhadas com o conceito de Bauman (2001), quando o autor descreve que a aceleração da vida moderna desenvolve relações e experiências humanas cada vez mais efêmeras.

Os participantes relataram que a experiência simbólica de percorrer o trajeto interno da planta baixa, atravessando diversos objetos, evocou uma sensação de colisão constante com os obstáculos. As reflexões dos estudantes sobre esta vivência estabeleceram uma analogia aos desafios enfrentados durante a pandemia e posteriormente, o que os levou a comparar essa sensação de colisão com os impactos vividos, seja no enfrentamento de desafios pessoais como relações interpessoais.

Como ação educativa, foi possível notar a relevância da interdisciplinaridade entre áreas distintas para a produção de conhecimento e reflexão, contribuindo para os desafios do ensino-aprendizagem (Mansur et al., 2024). Nesse sentido, o desenvolvimento de uma abordagem interdisciplinar entre dança (corpo) e arquitetura (ambiente construído) permitiu reflexões sobre os fenômenos vividos, transformações e potenciais contributos para o desenvolvimento das áreas envolvidas.

A experiência do estágio da licenciatura em Dança evidenciou o seu importante papel na formação docente, demonstrando o potencial existente na interação entre dança e arquitetura. Esta interseção, promovida pela Residência Artística, estimulou reflexões fundamentadas nas noções sobre o corpo e o conhecimento produzido e adquirido através das suas experiências (Bondía, 2002), em estreita relação com os ambientes construídos, as noções de conforto (Schmid, 2005) e as evidentes

necessidades de questionar as funcionalidades dos espaços durante e após a pandemia.

## **2.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ação educativa *Residência Artística Planta Baixa na Nuvem* desenvolveu estratégias de mediação no que tange ao papel da arte na formação dos indivíduos. O projeto, realizado no CAp-Coluni/UFV, reafirma o fazer artístico na escola, considerando os seus contextos político, social e histórico, uma vez que as atividades promovidas pela Residência possibilitaram discussões emergentes da interdisciplinaridade entre arte corporal e arquitetura, em diálogo com os impactos da pandemia da COVID-19. Assim, o projeto destacou que a aproximação entre áreas distintas pode gerar experiências amplas em múltiplos contextos, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo do sujeito na sua relação com o mundo.

A partir das práticas corporais, tornou-se evidente que o fazer artístico transcende a simples construção ou fruição de obras de arte. No contexto da Residência Artística, uma ação pedagógica baseada numa obra que explora a relação do corpo com o espaço arquitetônico demonstrou que o envolvimento dos estudantes permitiu a construção de conhecimento por meio das próprias experiências, mediadas pelas individualidades na percepção corpo-espaço. Os resultados destacam que a experiência não se limita ao acontecimento em si, mas se refere ao impacto que este gera sobre o sujeito. Sendo assim, de modo geral, diversas pessoas que participam do mesmo evento podem vivenciar experiências completamente distintas, como se observa nas formas variadas de adaptação ao espaço da casa, segundo a perspectiva e percepção individual de cada um dos estudantes envolvidos.

A casa, projetada inicialmente a partir das ideias de conforto e proteção, tornou-se, entretanto, um ambiente destinado a acolher uma série de atividades que antes eram realizadas fora dela. Neste contexto, esta ação educativa evidenciou a ausência de personalização e ineficiência dos ambientes residenciais para desempenhar funções distintas daquelas previstas antes da pandemia.

Os exercícios interativos envolvendo estudantes do ensino médio/secundário promoveram uma diversidade de questionamentos sobre o uso e restrição de determinados espaços. A adaptação do espaço residencial para outras atividades,

que não somente a de abrigo e proteção, condicionou mudanças na relação entre o corpo e o espaço da casa durante a pandemia.

Dessa forma, surgem perguntas pertinentes: quais foram os efeitos dessas mudanças na relação corpo-espaço e na percepção da casa, no período pós-pandemia? Serão estas transformações, os aspectos remodelados resultantes desta relação corpo-espaço, incorporados pelo corpo, influenciando futuras interações com os ambientes residenciais? De que modo estas experiências condicionam a forma como o corpo se relaciona com a arquitetura das casas daqui em diante?

Estas foram algumas das questões suscitadas pela ação educativa, as quais promoveram reflexões que incentivaram um olhar investigativo sobre o fenômeno da pandemia e do distanciamento físico e social. Os desafios explicitados podem adicionar novas camadas a futuras pesquisas sobre a temática, projetando a análise para o momento posterior aos impactos de um fenômeno global. Através da mediação artística, pretende-se fomentar diálogos e reflexões que beneficiem o conhecimento com base nas experiências individuais e coletivas, contribuindo para a compreensão das relações entre corpo, espaço e arquitetura.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à Thamiris Calegari Rodrigues pelo apoio na escrita; à Profa. Danielle Rodrigues de Moraes por possibilitar as ações educativas no CAP-Coluni/UFV; à Camila Oliveira pela criação e permissão do desenvolvimento contínuo da obra Planta Baixa; ao Mauricio da Silva Paulo pela assistência técnica e tradução; ao NEPARC por acolher a diversidade de artistas e projetos; ao Laboratório de Tecnologias em Conforto Ambiental e Eficiência Energética – LATECAE (DAU/UFV) pelo acolhimento à referida pesquisa; ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFV).

### **Conflitos de interesses**

Os autores declaram não haver qualquer conflito de interesses.

### **Contribuições dos autores**

Conceptualização, R.M.; Curadoria dos dados, R.M.; Análise formal, R.M., A.B.S. e M.M.O.; Investigação, R.M. e A.B.S.; Metodologia, R.M., A.B.S. e M.M.O.; Administração do projeto, R.M. e A.B.S.; Recursos, A.B.S.; Supervisão, A.B.S. e M.M.O.; Validação, M.M.O.; Visualização, R.M., A.B.S. e M.M.O.; Redação do rascunho original, R.M.; Redação – revisão e edição, R.M., A.B.S. e M.M.O.

### **Financiamento**

Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, D. V. de. Espaço, corpo e movimento: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitetura. **Arqtexto**, n. 8, p. 74–95, 2006. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/arqtexto/arqtexto-8/>. Acesso em: 28 out. 2025.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (Obra original publicada em 2000).
- BENÉVOLO, L. **História da arquitetura moderna**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, 2002. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003). Acesso em: 28 out. 2025.
- BRUM, L. Videodança: uma arte do devir. In: CALDAS, P. et al. (org.). **Dança em foco: ensaios contemporâneos de videodança**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012. p. 75–113.
- CANABARRO, I. dos S.; SCHONARDIE, E. F.; STRÜCKER, B. A ressignificação do lugar e do não-lugar: considerações sobre as dimensões das ocupações dos lugares em um período de pandemia no Brasil. **Revista de Direito da Cidade**, v. 14, n. 1, p. 1–26, 2022. DOI: 10.12957/rdc.2022.54911.
- FERREIRA, R. R. M. Residência Artística Planta Baixa: contribuições e reflexões nas construções didático-pedagógicas. Manuscrito não publicado – Estágio Supervisionado (Licenciatura em Dança) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2023.
- FONSECA JORGE, P. A. A dinâmica do espaço na habitação mínima. **Arquitextos**, v. 14, n. 157.01, 2013. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.157/4804>. Acesso em: 28 out. 2025.
- FORSYTHE, W. *Essay*. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.williamforsythe.com/essay.html>. Acesso em: 28 out. 2025.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- HARVEY, D. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In: DAVIS, M. et al. (org.). **Coronavírus e a luta de classes**. São Paulo: Terra Sem Amos, 2020. p. 13–23. Disponível em:

<https://terrasemamos.files.wordpress.com/2020/03/coronavc3adrus-e-a-luta-de-classes-tsa.pdf>. Acesso em: 28 out. 2025.

HOCHHÄUSL, S. From Vienna to Frankfurt inside Core-House Type 7: A history of scarcity through the modern kitchen. **Architectural Histories**, v. 1, n. 1, Art. 24, 2013. DOI: 10.5334/ah.aq.

KAP, S. K.; LINO, S. F. Na cozinha dos modernos. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 15, n. 16, p. 10–27, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/Arquiteturaeurbanismo/article/view/926>. Acesso em: 28 out. 2025.

LEITE, R. M.; CELANI, G. Personalizado ou flexível? Abordagens para personalização adaptativa em arquitetura. **Cadernos PROARQ**, n. 36, p. 221–240, 2021. DOI: 10.37180/2675-0392-n36-12.

LEPECKI, A. Movimento na pausa. In: **ConTactos**. [S. l.]: HemiPress, 2020. Disponível em: <https://contactos.tome.press/?lang=pt-br>. Acesso em: 28 out. 2025.

MADEIRA, R. C. B. D. de C. Videodança na pandemia: emoções, narrativas e sentidos. In: FORTUNA, D. R.; FREITAS, R. F.; OLIVEIRA, D. C. (org.). **Narrativas na pandemia: corpos, escritas e subjetividades**. Rio de Janeiro: Editora Ayran; FAPERJ, 2024. p. 307–327.

MANSUR, R.; SNIZEK, A. B.; PIMENTA, R. A. Os Seminários Corpo-Conhecimento e Corpo-Criatividade como experiência formativa junto à educação básica. **Revista de Ciências Humanas**, v. 1, n. 24, 2024. DOI: 10.47328/revcch.v1i24.16482.

MIRANDA, R. **Corpo-espaço: aspectos de uma geofilosofia do movimento**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

NEPARC. **Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais**. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://neparc.com/>. Acesso em: 28 out. 2025.

NEPARC. **Residência Artística Planta Baixa**. 11 abr. 2020. Disponível em: <https://neparc.com/2020/04/11/residencia-coreografica-planta-baixa/>. Acesso em: 28 out. 2025.

NEPARC VIÇOSA. **Planta Baixa na nuvem – videodança** [vídeo]. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9QQI7YF9hEQ>. Acesso em: 28 out. 2025.

SCHMID, A. L. **A ideia de conforto: reflexões sobre o ambiente construído**. Florianópolis: Pacto Ambiental, 2005.

TRAQUINO, M. **A construção do lugar pela arte contemporânea**. Braga: Edições Húmus, 2010.

VILLA, S. B.; CARNEIRO, G. P.; MORAES, R. A.; CARVALHO, N. L. de M. Reflexões sobre os impactos da pandemia de COVID-19 no espaço doméstico. **Gestão & Tecnologia de Projetos**, v. 16, n. 4, p. 67–83, 2021. DOI: 10.11606/gtp.v16i4.176851.

# CAPÍTULO III

## 3. CORPO PÓS-PANDEMIA?

### **Conexões entre os capítulos I, II e III no contexto da pesquisa**

O horizonte teórico apresentado nos dois primeiros capítulos articula corporeidade, espacialidade, conforto, e casa como abrigo à *Residência Artística Planta Baixa na Nuvem* como experiência formativa e motivadora da pesquisa, a qual produziu questionamentos que direcionaram o foco para o desenvolvimento de um Estudo de Caso com estudantes de graduação em Dança da UFV. Portanto, no Capítulo III, também em formato de artigo e aceito para publicação, tem seu foco nas transformações na relação corpo-espaco com o ambiente do lar, em um recorte temporal que atravessa o confinamento e é conduzido para o pós-pandemia.

As práticas corporais em dança e as entrevistas por questionário, dentre os instrumentos utilizados na investigação, permitiram uma escuta, em detalhe, sobre como esses participantes da pesquisa, os corpos-sujeitos em formação profissional na Dança, narram as adaptações, os limites e os redimensionamentos simbólicos do lugar de habitar, mediados pelas tecnologias digitais, promoveram improvisos espaciais e memórias do confinamento.

A leitura desses materiais foi feita com base nos conceitos discutidos anteriormente: a corporeidade como um termo complexo que compreende os modos do corpo se relacionar com o mundo, a casa como espaço simbólico de afetações e proteção, o conforto e a multissensorialidade como dimensões da experiência arquitetônica e as práticas/fazer corporais incorporados ao cotidiano. Assim, este capítulo faz convergir, mais uma vez, teoria e prática, aproximando a experiência concreta vivida pelos estudantes de Dança às discussões sobre um “Corpo Pós-Pandemia”.

**“Corpo Pós-Pandemia”: (re)significações da relação corpo-espço e da casa**

MANSUR, R; SNIZEK, A. B.; OLIVEIRA, M. M. **“Corpo Pós-pandemia”: (re)significações da relação corpo-espço e da casa.** Artigo submetido e recomendado para publicação pela Revista Sala Preta – USP em dezembro de 2025.

**“CORPO PÓS-PANDEMIA”:  
(re)significações da relação corpo-espço e da casa**

**Resumo**

Este artigo aborda a relação entre o corpo e o espaço residencial durante a pandemia global do coronavírus. Desde então, estudos sobre a espacialidade na arquitetura se mostraram urgentes para compreender como a longa permanência nos ambientes do lar transformou os modos do corpo-sujeito perceber os espaços. Portanto, apresentam-se discussões sobre a afetação do confinamento na vivência de graduandos em Dança da Universidade Federal de Viçosa (MG). A pesquisa qualitativa é um Estudo de Caso, realizado com práticas corporais de sensibilização em dança, no intuito de explorar e discutir a percepção corpo-espço dos participantes. Os resultados apresentaram redimensionamentos, sentidos e observados até o presente momento, como por exemplo, a retração de movimentos corporais, o uso e a dependência das tecnologias e a relação de afeto e a ausência de flexibilidade no ambiente do lar.

Palavras-chave: Adaptação; Arquitetura; Ambiente Construído; Confinamento; Dança.

**“POST-PANDEMIC BODY”:  
(Re)significations of the Body–Space Relationship and the Home**

**Abstract**

This article approach the relationship between the body and the residential space during the global coronavirus pandemic. Since then, studies on spatiality in architecture have proven urgent to understanding how prolonged stays in home environments have transformed the ways in which the body-subject perceives space. Accordingly, discussions are presented about the affective impact of confinement on the experiences of undergraduate Dance students at the Universidade Federal de Viçosa (MG) This qualitative research is a Case Study, conducted through body-based dance awareness practices, aiming to explore participants' body–space perception. The findings revealed transformations—felt and observed to the present moment—such as the restriction of bodily movements, the use and dependence on technology, and the affective relationship established with the home environment.

Keywords: Adaptation; Architecture; Built Environment; Confinement; Dance.

**“CUERPO POSTPANDEMIA”:  
(re)significaciones de la relación cuerpo-espacio y del hogar**

**Resumen**

Este artículo aborda la relación entre el cuerpo y el espacio residencial durante la pandemia global del coronavirus. Desde entonces, los estudios sobre la espacialidad en la arquitectura se han mostrado urgentes para comprender cómo la prolongada permanencia en los ambientes del hogar transformó las formas en que el cuerpo-sujeito percibe los espacios. En este sentido, se presentan discusiones sobre la afectación del confinamiento en la vivencia de los estudiantes de licenciatura en Danza

de la Universidade Federal de Viçosa – Minas Gerais. Esta investigación cualitativa es un Estudio de Caso, realizada mediante prácticas corporales de sensibilización en danza, con el propósito de explorar la percepción cuerpo–espacio de los participantes. Los resultados revelaron transformaciones —sentidas y observadas hasta el presente— tales como la retracción de los movimientos corporales, el uso y la dependencia de las tecnologías, y la relación afectiva con el entorno doméstico. Palabras clave: Adaptación; Arquitectura; Entorno Construido; Confinamiento; Danza.

### 3.1. INTRODUÇÃO

A diversidade de questões pandêmicas discutidas neste trabalho, leva em consideração esse fenômeno global como um acontecimento que provocou mudanças no cotidiano das pessoas, seja nas formas de se comunicar, locomover, trabalhar e até mesmo de ocupar os espaços. Cotidiano este, entendido a partir da perspectiva de Certeau (1998), como o hábito que surge vinculado às memórias que, segundo Bourdieu (2003) construímos culturalmente dia após dia e nos demanda diversos modos de o interiorizar e exteriorizar.

É nesse sentido, das relações entre o corpo e o espaço, seja ele de permanência ou de passagem, que a vida cotidiana se constrói e, conforme Certeau (1998), se organiza de diversos modos, debruçados em comportamentos e tradições culturais de cada indivíduo. Essa perspectiva pode ser estendida diante das práticas no espaço da casa durante a pandemia do coronavírus, onde e quando o indivíduo desempenhou funções vinculadas a outros cotidianos, a exemplo do estudo e do trabalho, os quais estão presentes na discussão deste artigo.

Portanto, o foco desta pesquisa é a relação entre o corpo-sujeito<sup>4</sup> e a casa, considerando que a sua atmosfera de lar é constituída quando o ambiente é desenvolvido e verdadeiramente habitado pelo ser humano (Fiori e Leoni Schmid, 2021). Bachelard (2008) aponta que a casa é um ambiente que se constrói natural e simbolicamente como uma extensão da memória e dos afetos de quem a habita, por se tratar de um pertence do ser humano e se tornar o seu primeiro universo. Bollnow (2019) e Schmid (2005) complementam que o lar é um ambiente de experiências, por onde perpassam os fazeres humanos, se tornando um ambiente de exploração para as multissensorialidades corporais. Assim, no ambiente doméstico, ficam expressos

---

<sup>4</sup> Souza e Souza (2017) destacam que mente e corpo são inseparáveis, tomando como base reflexões sobre a espacialidade do corpo fundamentadas na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (1908-1961). De acordo com os autores, o ato de perceber/pensar não se dissocia da experiência de estar no mundo, já que o indivíduo é um corpo-sujeito que integra o espaço, interage com os objetos e vivencia situações que, ao mesmo tempo, são experienciadas e produzem experiências por meio da sua relação corpo-espço.

os significados, as percepções e os simbolismos que cada um carrega, revelados pelas configurações do e no espaço elaboradas na construção das próprias espacialidades corporais singulares, específicas e próprias dos lugares de se ocupar. No entanto, de acordo com Canabarro *et al.* (2022), os espaços passaram por uma dinâmica de ganho e perda de identidade, considerando que as residências foram ambientes que sofreram ressignificações nos modos de ocupar, em consequência das suas multifuncionalidades, estabelecidas pelo enclausuramento dos corpos nesses ambientes. Além disso, a imposição das medidas de contingência governamentais, segundo Lepecki (2020), determinaram os grupos de trabalhadores que poderiam, ou não, sair das próprias residências para cumprir seus papéis trabalhistas.

Nesse contexto, o *home office* foi uma solução viável para um grupo diverso de trabalhadores e, portanto, existiu uma relação de causa-consequência em que as modificações nos modos de ocupar o lar, foram possibilitadas pelo uso dos dispositivos tecnológicos, o qual aumentou significativamente durante o período de confinamento. Naquele momento, a internet foi primordial na vida do ser humano, porém, de acordo com Fiori e Leoni Schmid (2021), a longa permanência dentro de casa e a imersão tecnológica das redes promoveu, significativamente, um deslocamento da experiência corporal dos espaços físicos para os espaços virtuais.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que o corpo vive sendo afetado por objetos, espaços e pelas mais diversas existências. Estas afetações definem, então, a maneira de reagir ao que é apresentado ao corpo-sujeito, seja por escolha, imposição ou circunstância. Diante do confinamento das pessoas em casa, as alterações nas formas do corpo se relacionar com o fenômeno se desenvolveram a partir de uma interconexão, abordada por Certeau (1998), como uma cotidianidade concreta, que se manifesta, no caso da pandemia, na arquitetura do ambiente residencial. Neste cenário, a corporalidade<sup>5</sup> e a corporeidade<sup>6</sup> foram os aspectos alvo

---

<sup>5</sup> Michaello Macêdo Dias *et al.* (2023) abordam a corporalidade urbana num viés biológico, quando o corpo é infectado por um vírus, e nas “[...] dimensões sociais desses mesmos corpos, que tiveram que incorporar novas gestualidades e artefatos” (p. 207), ou seja, a corporalidade é resultante das experiências físicas do corpo, frente às relações de materialidade.

<sup>6</sup> A corporeidade abrange uma visão mais complexa e profunda sobre as condições humanas, no caso das experiências fenomenológicas do corpo, da sua percepção e do seu aspecto relacional com o mundo (Miranda, 2008). Segundo, Bernard (2019) o termo “corpo” já carrega ideologias e epistemologias que delimitam a experiência humana a uma visão mensurável, objetificada. Portanto, corporeidade surge como um “anticorpo” ao conceito de corpo como uma categoria estática e o expande para suas multiplicidades sensoriais, o que torna o corpo um “campo de forças heterogêneas” (Bernard, 2019).

do corpo-sujeito afetados pelo fenômeno pandêmico e suas medidas emergenciais que englobaram a incorporação de novos comportamentos e traços culturais como higienizar as mãos, usar máscaras, se distanciar fisicamente das pessoas, ficar em casa e se comunicar via dispositivos conectados à internet.

Segundo Traquino (2010), há algum tempo, este uso dos dispositivos tecnológicos para comunicação e informação vem influenciando nas percepções sobre o espaço e o tempo, visto que as relações humanas estão marcadas pela rapidez e pela fugacidade no cotidiano. Na pandemia do coronavírus este panorama foi transformado em um uso exacerbado dos *tablets*, *smartphones* e computadores, e, conseqüentemente, houve um aumento de experiências por meio das telas.

Esse contexto potencializou e evidenciou o que é denominado por Harvey (2008) como uma cultura do efêmero, caracterizada pelas produções culturais e sociais se tornarem cada vez mais orientadas pelo imediatismo, uma aceleração do tempo social e cultural, onde tudo se torna uma novidade passageira e rapidamente obsoleta. Tal fenômeno é ascendente nas estruturas sociais desde a pós-modernidade, elevando-as a uma experiência humana cada vez mais descartável (Bauman, 2001). Dessa forma, o corpo-sujeito se depara com as ferramentas tecnológicas que o rodeiam e passa por transformações na corporalidade, na corporeidade – nos modos de se relacionar com os indivíduos e com o mundo; nos modos de se relacionar, experienciar e ocupar os espaços.

O cumprimento de atividades mediadas pelos aparatos tecnológicos afetou as formas de atuar, em especial, dos artistas da dança, os quais tiveram uma adaptação espacial significativa, em que o ambientes construídos das próprias casas se tornaram palcos e salas de aula (Mansur *et al.* 2025). Isso se estendeu às artes corporais em geral, realidade que, no decorrer das atividades remotas, se tornou crítica e desafiadora e a relação do corpo com o fenômeno não se resumiu apenas ao viés sanitário, pois, conforme descrito por Villegas (2021, p. 4), aquele momento evidenciou uma complexidade nas redes de conexões humanas diversas em que “...o corpo ocupa o centro da crise contemporânea que se radicaliza com a pandemia” (Villegas, 2021, p. 4).

Ao apontar que o ambiente residencial sofre uma invasão do trabalho, Villegas (2021) deixa claro que a complexidade do corpo na crise, vai além das complicações relativas ao contágio pelo vírus. Este contexto se caracteriza então como uma

sindemia<sup>7</sup>, que, conforme Villegas (2021), implica numa série de reações adversas que ultrapassam os limites de um corpo com sintomas de COVID-19, considerando uma sociedade que vive em exorbitante dependência tecnológica.

Nesse sentido, a tela virou o próprio ambiente de trabalho, inclusive, de criação nas artes cênicas. A dança, em especial, passou por um dilatado período de distanciamento em busca de respostas sobre a emergência na relação do corpo performativo/artístico com os ambientes virtuais e a arquitetura (Gasparini, 2022). O trabalho de artistas/docentes de Dança no período remoto desafiou e foi desafiado pelas leis de um fenômeno global, que, segundo Lepecki (2020), caracterizaram-se num modo de confinamento estabelecido pelas instâncias de poder, onde (quase) todos poderiam “acomodar” seus próprios trabalhos dentro do ambiente residencial.

Artistas do corpo profissionais e em formação, naturalmente passam por processos de estudos e pesquisas que dependem da relação corpo-espço. Portanto, suas atuações não se resumiram em organizar um escritório composto por uma mesa, uma cadeira e um computador, para constituir um espaço de trabalho na casa. Os ambientes virtuais, utilizados para as atuações/comunicações em “tempo real”, embora essenciais, se tornaram “espaços hostis”, que, segundo Ribas (2023), elevaram questionamentos a um lugar de desafios e ineficiências nas práticas corporais. Nesse contexto a Dança ganha destaque, por se tratar de um campo do conhecimento “[...] que transita entre a diversidade de espaços, de presença e de estados corporais, oferecida pela variação das ambiências e propósitos, produz e oportuniza ao corpo/sujeito a construção de conhecimentos” (Snizek; Siqueira, 2022, p. 223).

A arquitetura da casa se tornou um fator limitante e transformador no processo de ensino-aprendizagem por meio do corpo, ao provocar desafios antes não vivenciados pelos corpos da dança, em contextos sem uma pandemia, como a do coronavírus, em que os espaços de trabalho, como por exemplo a sala de aula, são ambientes preparados para receber determinado tipo de atividade corporal. A intensa resignificação de ambiente, gerou novos modos de relações com o lar provocando outras corporalidades de forma que, depois de algum tempo, se tornou possível “[...]”

---

<sup>7</sup> A palavra sindemia é utilizada por Veiga-Neto (2020) no termo *sindemia covídica*, que busca explicitar as complexidades do contexto da pandemia do coronavírus, no qual suas complicações vão além das questões de saúde, e englobam, também, os contextos econômicos, sociais e culturais de cada população.

traçar pequenos deslocamentos, medir as distâncias, conter ou expandir os movimentos” (Valle; Ivanoff, 2021, p. 5).

As transformações simbólicas ocorridas no espaço residencial, em especial relativas ao trabalho e ao estudo, aproximam-se das reflexões de Jorge (2013) que, considerando as qualidades do espaço arquitetônico, é possível perceber uma alteração na funcionalidade orgânica de um ambiente culturalmente produzido e de um modo uniforme. Este aspecto delimita e desperta outras percepções do espaço, influenciada por novas configurações espaciais de caráter emergencial, como na pandemia, adotadas para a reorganização imediata do lar que, antes era habitado, acabou se tornando o cenário de um novo cotidiano. Assim, o ato de habitar foi incorporado por uma adaptação performativa, delimitada pelas circunstâncias e pela necessidade de conciliar diversas funções num mesmo ambiente, em resposta às imposições de uma nova natureza de existência e de relação com o espaço habitado.

A casa, portanto, é projetada a partir do pensamento do espaço matemático, baseando-se nas três dimensões espaciais: largura, altura e profundidade (Bollnow, 2019). Leite e Celani (2020) descrevem o tempo como a quarta dimensão e, Pallasmaa (2017), depois do tempo, compreende a memória como a quinta dimensão na arquitetura dos espaços. Assim, a casa, entendida como um sistema estabelecido culturalmente para funções previamente definidas, viu-se desafiada a enfrentar alterações profundas com o passar da pandemia.

A organicidade do espaço doméstico, antes pautada pela estabilidade e pela repetição de usos, deu lugar para adaptações forçadas, que se tornaram essenciais para a manutenção de um cotidiano em profunda transformação. Essas mudanças, ainda que emergenciais, revelaram a capacidade dos espaços residenciais de absorver e expressar novas formas de existência e de convivência. Isto complexifica ainda mais as premissas dos planejamentos arquitetônicos, pois, com o passar do tempo, a contemporaneidade e seus fenômenos modificam as vivências humanas e suas interpretações sobre arquitetura que, desse modo, está “[...] sujeita a mudanças, muitas vezes, imprevisíveis” (Leite; Celani, 2020, p. 231).

Nesse sentido a pandemia intensificou, de maneira significativa, a imersão no ambiente virtual que, em seus variados contextos, surgiu como a principal e mais segura via de interação social. Esta migração, da ocupação dos espaços físicos para os virtuais, foi uma experiência que, segundo Villegas (2021), oportunizou reflexões

sobre a vivência em um “mundo-tela”, no qual o corpo não experimenta a performance (ancorada à presença física), sendo predominantemente mediada pelas tecnologias. As mediações tecnológicas seguem influenciando constantemente, tanto nas formas de atuação nas artes corporais, quanto nos seus processos formais e informais de ensino-aprendizagem. Realidade que, segundo Snizek e Siqueira (2022), vem afetando diversos graus de formação do corpo-sujeito na contemporaneidade, no que diz respeito às “[...] propostas relativas ao desenvolvimento humano, à educação em especial” (p. 233).

O estudo de Yu e Liu (2024), realizado na China no ano de 2023 com estudantes universitários de Dança, oferece uma perspectiva analítica inovadora para o campo da educação artística *online*. Os resultados da pesquisa reforçam a importância do aprimoramento da infraestrutura tecnológica, de um engajamento docente mais efetivo e o desenvolvimento de sistemas de ensino mais responsivos às necessidades dos estudantes de Dança em contextos virtuais. Segundo os pesquisadores, quatro variáveis atuam de maneira indireta, mediando essa relação: a experiência de aprendizagem, a inspiração do docente, os obstáculos enfrentados durante o processo e a qualidade da tecnologia empregada.

Dessa forma o contexto das adaptações e soluções encontradas por docentes e artistas do corpo acaba refletindo nos cursos superiores, onde os seus estudantes em formação serão os futuros profissionais do corpo. A exemplo do Curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Viçosa (UFV), segundo o Projeto Pedagógico do Curso norteado pelas Diretrizes para os Cursos de Graduação da UFV, “[...] o espaço físico deve permitir o fortalecimento e facilitar o processo de ensino e aprendizagem, incluindo atividades didático-pedagógicas inovadoras e diversas” (Universidade Federal de Viçosa, 2022, p. 6-7).

No entanto, ao cumprir as obrigações da matriz curricular, no período de confinamento, os futuros profissionais artistas e/ou docentes experimentaram os processos de exploração corporal via dispositivos tecnológicos e restritos aos espaços, adequados ou não, das próprias residências. Ainda que tenham se instaurado tais adaptações forçadas, as mesmas se tornaram essenciais para a manutenção de um cotidiano transformado.

Tal contexto suscitou questionamentos sobre as alterações na experiência do corpo na Dança, especialmente no que se refere à relação corpo-espço e à intensificação das experiências no ambiente construído da casa. Assim, esta pesquisa

tem como eixo motivacional as modificações na percepção e na interação corpo-espço, considerando que, desde o fenômeno global da pandemia, “[...] estava sendo produzido um novo corpo, uma vez que novos comportamentos estão sendo normatizados” (Villegas, 2021, p. 17). Esse “novo corpo” poderia ser, afinal, denominado como “Corpo Pós-Pandemia”?

Dessa forma, tem-se como objetivo analisar as transformações na relação corpo-espço com o ambiente residencial, tendo como foco da pesquisa a percepção de artistas e estudantes de graduação em Dança, durante e após o confinamento pandêmico. A investigação pretende discutir, a partir dos dados coletados, por meio da metodologia de Estudo de Caso, as modificações na relação do corpo com os ambientes construídos, o lar em especial, levando em consideração as limitações, adaptações e ressignificações da casa, o uso intensivo das tecnologias digitais durante o confinamento e suas afetações até os dias atuais.

### **3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

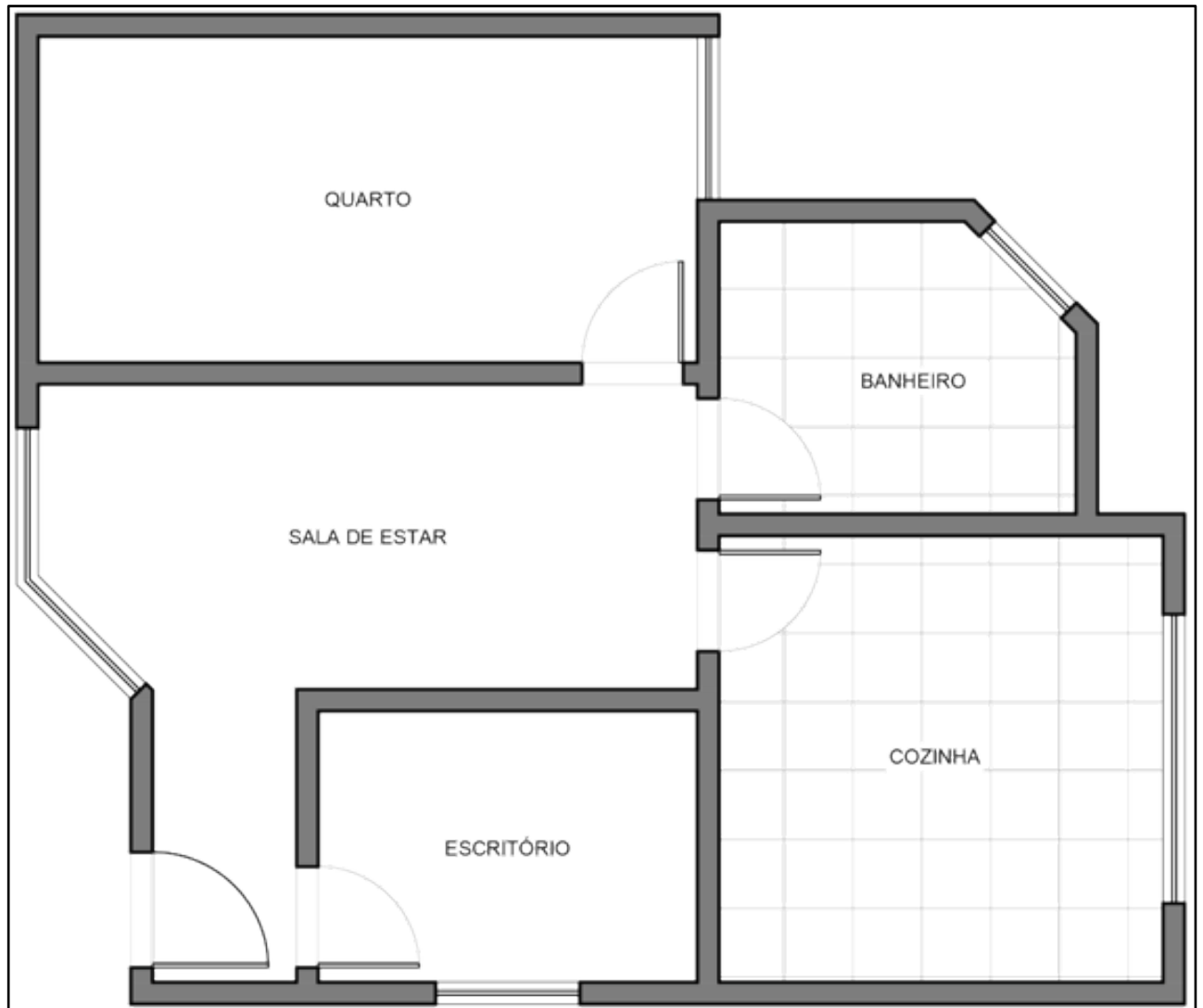
A pesquisa é um Estudo de Caso Único (Yin, 2015), em que este é investigado dentro de um contexto ou fenômeno específico: as transformações na percepção da relação corpo-espço e o ambiente residencial durante o distanciamento físico e social. A unidade de caso é um grupo de pessoas, sendo este composto por profissionais do corpo/dança em processo de formação. Portanto, o campo da pesquisa se trata de estudantes do curso de Graduação em Dança (UFV), matriculados na disciplina de DAN 218 – Dança contemporânea IV.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de outubro a dezembro de 2024, envolvendo um grupo de 27 participantes, no total. Foram aplicadas práticas corporais de sensibilização em dança que, segundo Ferreira e Snizek (2021, p. 27), para além de “[...] modificar, qualificar e aperfeiçoar movimentos e linguagem corporal [...]”, visam provocar os “[...] estados corporais sensíveis a partir da diversificação proposital de relações do corpo-sujeito com o espaço, o(s) outro(s) e o acaso”.

A primeira prática corporal consistiu em dividir os participantes em grupos, sendo um integrante de cada grupo o escolhido para permanecer vendado durante toda a prática, sob o auxílio dos outros membros para se locomover. Os participantes vendados foram estimulados a percorrerem um trajeto delimitado, inspirado no formato de uma planta baixa (Figura 11), em três momentos: (1) de acordo com as disposições de objetos inseridos neste espaço (Figura 12); (2) removidos os objetos,

os membros auxiliares dos grupos orientaram o participante vendado como se os objetos ainda estivessem dispostos na planta baixa (Figura 13) e; (3) por último, os participantes retiraram as vendas e refizeram o trajeto apoiando-se na memória corporal em relação aos dois momentos anteriores.

Figura 11. Planta baixa utilizada na prática corporal de sensibilização



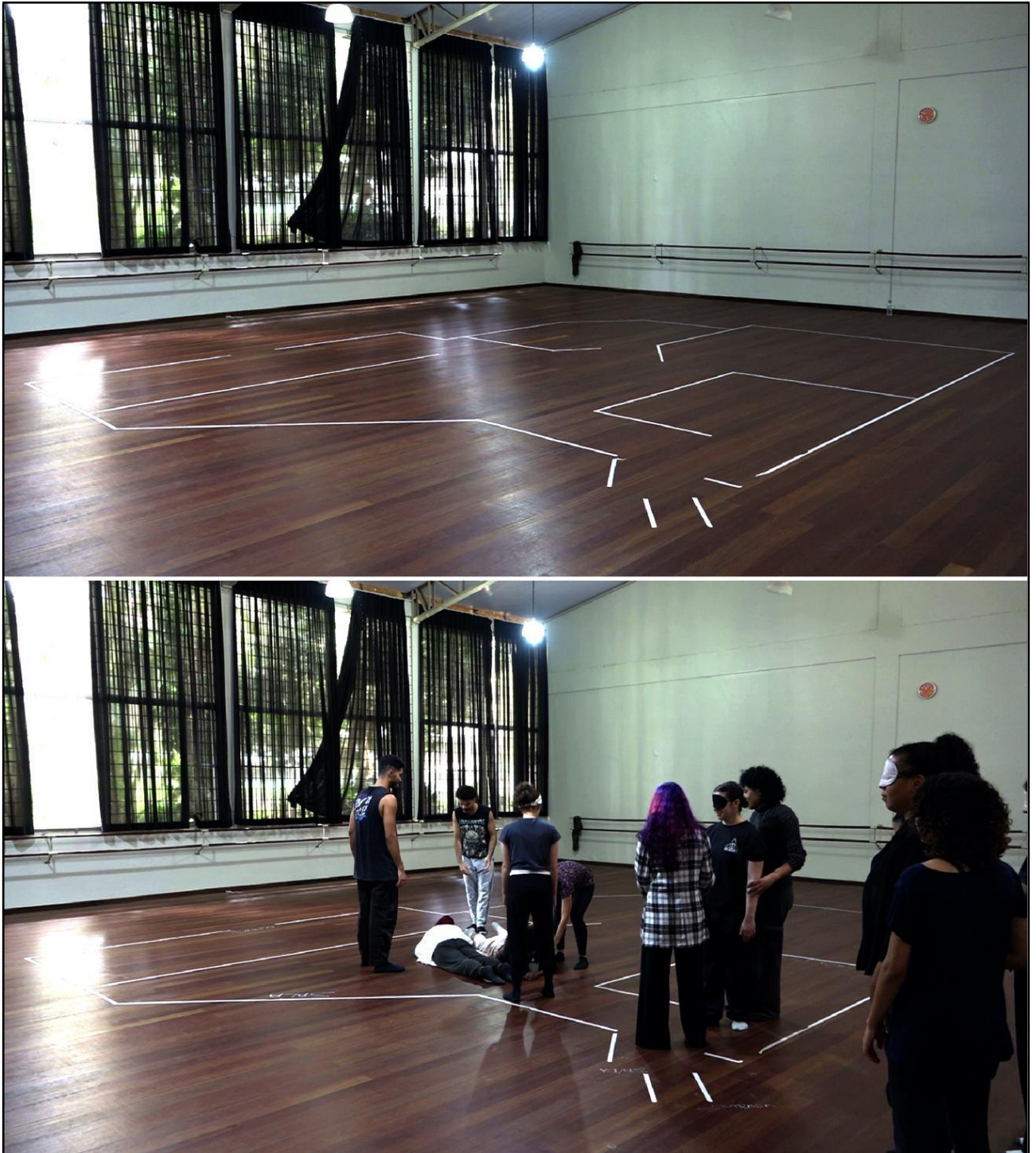
Fonte: os autores, 2025.

Figura 12. Trajeto da prática corporal com os objetos dentro da planta baixa



Fonte: acervo dos autores, 2024.

Figura 13. Trajeto da prática corporal sem os objetos dentro da planta baixa



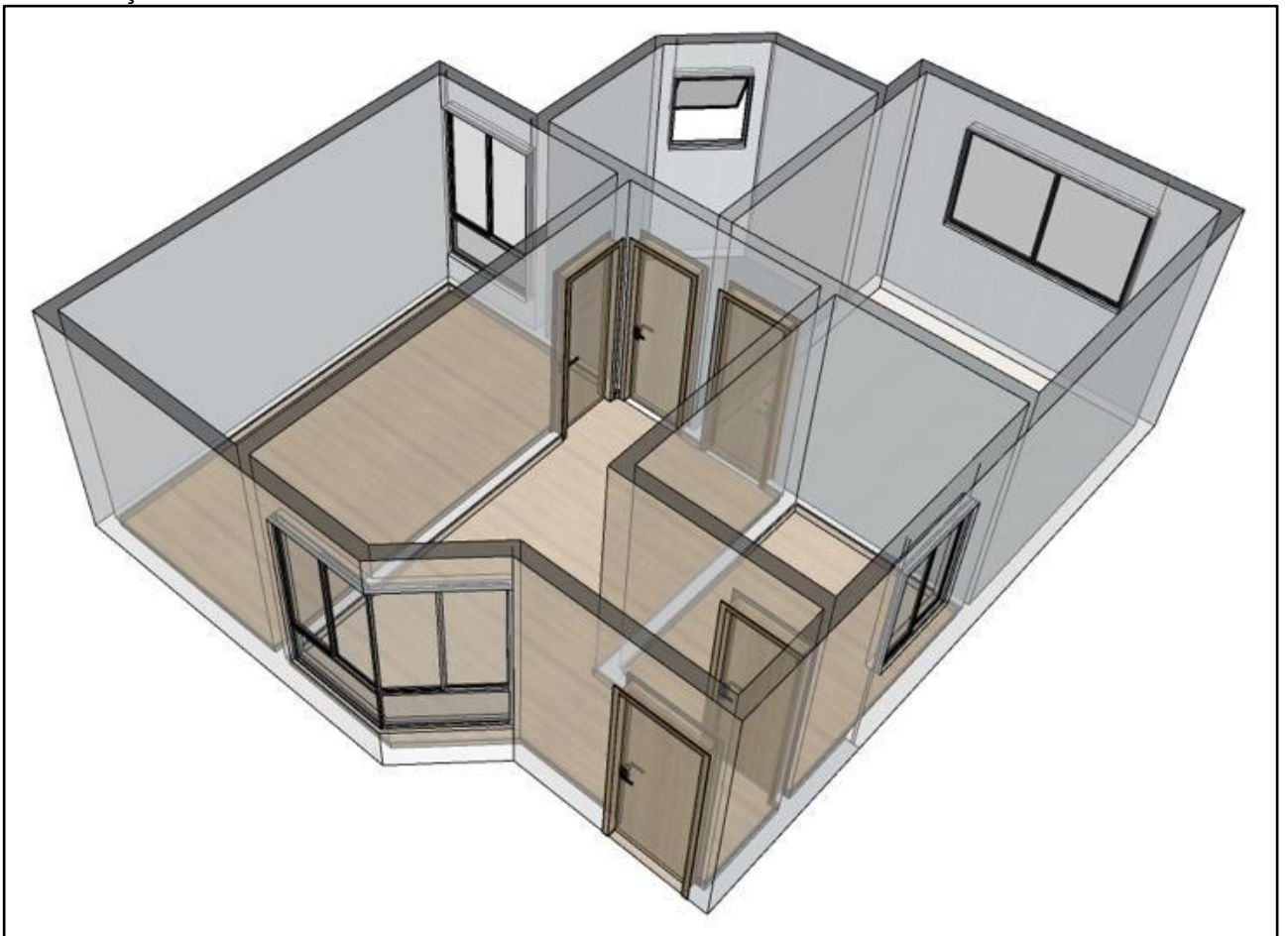
Fonte: acervo dos autores, 2024.

Este exercício foi inspirado na Residência Artística Planta Baixa na Nuvem<sup>8</sup>, ação educativa realizada em 2020 e 2023, de forma remota e presencial, respectivamente, no âmbito escolar pelo NEPARC – Núcleo de Estudos e Práticas

<sup>8</sup>Ver <https://neparc.com/2020/04/11/residencia-coreografica-planta-baixa/>.

Artístico-Corporais<sup>9</sup> (Mansur *et al.*, 2025). A Residência teve como base a obra Planta Baixa (2015)<sup>10</sup> de autoria de Camila Oliveira, por se tratar de uma instalação cênica em que o espaço é delimitado por uma planta baixa de uma casa. A performance acontece dentro desse ambiente que, ao se inspirar na obra cinematográfica Dogville (2003) do Diretor Lars von Triere e no jogo The Sims®, retrata o ambiente construído de um lar com demarcações feitas no chão e transmitem a sensação de paredes (invisíveis) de uma casa (Figura 14).

Figura 14. Ilustração representativa em 3D da planta baixa utilizada na prática corporal de sensibilização



Fonte: os autores, 2025.

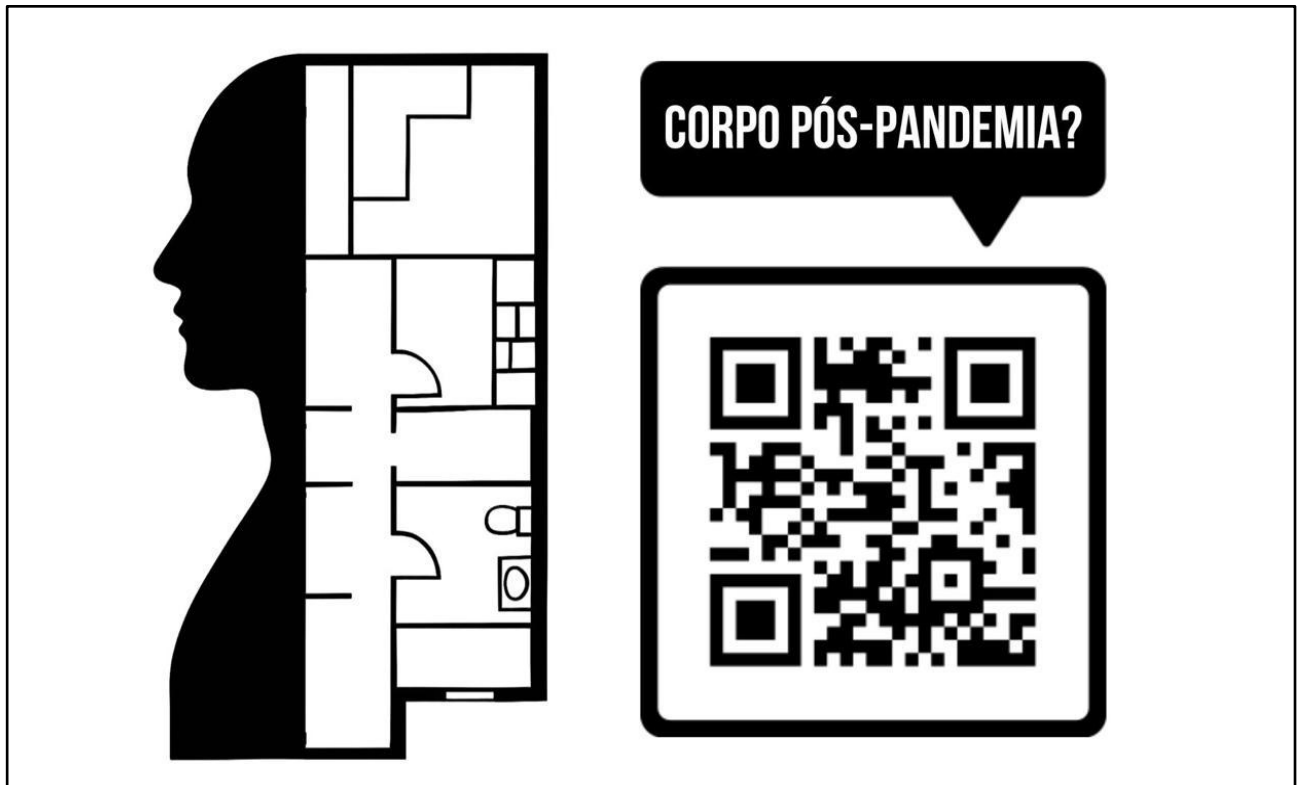
A segunda prática corporal foi realizada *online*, com os mesmos grupos de trabalho da anterior, no entanto houve a troca dos integrantes vendados, os quais se propuseram a explorar o ambiente construído do Departamento de Artes e Humanidades – Sede do Curso de Dança da UFV.

<sup>9</sup>Ver <https://neparc.com/sobre/>.

<sup>10</sup>Ver <https://youtu.be/7PRr-pxZoaA?list=RD7PRr-pxZoaA>.

Para isto, os membros auxiliares dos grupos utilizaram seus dispositivos celulares para guiar, por meio de videochamada, os estudantes vendados na locomoção e exploração do espaço, a partir de comandos verbais para indicação de movimento, direção e desvio de objetos e paredes, nos três pavimentos do edifício (Figura 15)<sup>11</sup>.

Figura 15. Vídeo da prática corporal *online*



Fonte: os autores, 2025.

Após as práticas (registradas em vídeo), com observação participativa, ocorreram rodas de conversa (registradas em áudio) e a aplicação do questionário por formulário *online*. Os áudios das experiências individuais e coletivas, obtidas nas rodas de conversa, foram transcritos por meio da plataforma Google Pinpoint, que transforma arquivos de áudio em texto. Dessa forma, obteve-se resultados qualitativos e análises interpretativas por triangulação (Bauer e Gaskell, 2002).

<sup>11</sup>Ver em <https://youtu.be/kII0LNYjlqI>.

### **3.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.3.1. Os participantes da pesquisa**

O levantamento dos dados revelou que 46,7% dos envolvidos vivenciaram o período remoto de aulas (Período Especial Remoto – PER/2020-2021 da UFV<sup>12</sup>). Embora os outros 53,3% dos participantes tenham ingressado no curso de graduação após o PER, os mesmos tiveram experiências de práticas corporais de dança mediadas pelas tecnologias digitais, durante as medidas de distanciamento físico e social.

Participaram integralmente das práticas corporais de sensibilização e rodas de conversa 24 dos 27 estudantes envolvidos, sendo que um total de 15 participantes respondeu ao questionário da pesquisa. Os nomes dos indivíduos foram anonimizados e referenciados neste tópico como “Participante” seguido por um número. Ao longo do texto, portanto, as citações das transcrições e respostas do questionário estão abreviadas (exemplo: “Participante 12” = “P.12”).

#### **3.3.2. Primeiras provocações e reflexões sobre relação corpo-espaço**

Durante a primeira prática, dentro da planta baixa, a inibição do sentido da visão afetou a percepção corpo-espaço, de modo que os participantes se apoiassem no tato e na audição. Isto reafirma que a adaptação do gesto e das formas de se locomover dentro do espaço, tem relação direta com a organização dos objetos que compõem o ambiente. P.23 afirma que, ao notar a presença de objetos desconhecidos no caminho, sem o uso da visão, exclusivamente por meio do tato, passou a “[...] tomar mais cuidado para andar”.

O aguçamento da percepção tátil definiu o significado de determinados espaços para cada participante, por meio da memória e do imaginário corporal, habilidades do corpo-sujeito que, de acordo com Bachelard (2008), embora sejam diferentes, são indissociáveis. Nesse sentido, após a prática corporal, P.19 declara: “o tato do chão fica melhor para sentir [...] na hora que eu saí da porta para fora, a primeira vez, eu não senti tanta diferença do chão. Na segunda, eu percebi a diferença de um chão para o outro”.

O mesmo participante afirma ainda: “eu fiquei pensando [...] quando, talvez, uma pessoa nasce cega ou [...] ao longo da vida fica cega, em como ela aguça, o quão

---

<sup>12</sup>Definido como Período Especial Remoto (2020-2021) na Universidade Federal de Viçosa.

barulho elas escutam, sabe? [...] no sentido de você escuta uns barulhinhos que você não escuta quando você tá enxergando”. As multissensorialidades percebidas, se correlacionadas com a percepção de espaço de Schmid (2005), apontam a forma do corpo se organizar no ambiente construído, de acordo com os sentidos disponíveis do corpo humano, e como ele recebe todos os estímulos do ambiente. Nesse caso, em especial e em acordo aos estudos de Schmid (2005), provocaram-se novas formas de perceber e ocupar os espaços, por meio do tato e a memória corporal e sensorial que, quando encadeadas, promovem ao corpo-sujeito novas formas de experimentar os próprios fenômenos multissensoriais nos espaços.

Por outro lado, as noções e percepções do espaço são constituídas por meio do contato, da vivência naquele ambiente construído e não somente pelo tato, mas também pela visão. Este sentido humano permite um “fenômeno visual e tátil”, ou seja, o encontro do olhar com determinadas superfícies, até onde a visão alcança (Kuypers *et al.*, 2011). P.11 partilha a sua percepção sobre a diferença entre a segunda e a terceira etapa prática, quando teve, nesta última, a visão complementando as multissensorialidades corporais: “[...] senti que eu estava mais livre para explorar o espaço de fato e eu achei muito interessante. Porque é isso, ter a percepção do espaço no tato, ter a percepção auditiva do colega falando e te guiando”.

Há uma evidência de repetição dos comportamentos nos espaços, delimitando os hábitos, os quais promovem confiança e segurança ao ocupar aquele ambiente com certa frequência. Portanto a prática de percorrer o trajeto simulado, se assemelha ao cotidiano vivido na casa durante o confinamento, enquanto a prática, o próprio fazer do corpo, se tornou adaptativo. Esse pensamento vai de encontro as noções apontadas por Bourdieu (2003), em que o hábito se torna intrínseco à memória corporal por meio da práxis, culturalmente e na relação com os espaços. Nesse sentido, após a repetição do circuito, com e sem objetos, P.7 afirma que “[...] além de ficar mais rápido, já sabia o que tinha que fazer”. Em seguida, P.24 declara: “Eu fui decorando coisas muito óbvias, tipo, eu sabia que eu começava pulando alguma coisa, fui decorando início e fim”.

Fica evidente que o comportamento, dentro dos cômodos da planta baixa, foi definido de acordo com suas funções e significados de senso comum, ou seja, a partir do entendimento do corpo-sujeito sobre a função pré-estabelecida pelo ambiente, culturalmente. Sobre isso, P.15 afirma: “eu me perdi completamente aqui na hora de refazer, porque eu também me guiei pelo que estava escrito”. P.19 também ressalta

esta interpretação, sobre a compreensão do espaço quando ocupado: “A primeira vez que eu passei, fiquei um pouco receosa de bater em algumas coisas, mas eu fui [...] não sei se o fato de eu ter escutado alguém falando [acidentalmente] que era uma casa influenciou um pouco”. Nesse sentido, o próprio conceito de habitar, de acordo com Pallasmaa (2017), passa por derivações poéticas, filosóficas e culturais, de modo que o comportamento no cotidiano nos espaços será afetado tanto pelo significado individual quanto pelo sentido comum, cultural, sobre a função e o sentido de um determinado cômodo da casa, por exemplo. No entanto, durante a pandemia essas funcionalidades orgânicas dos espaços foram alteradas em novas qualidades espaciais e percebidas pelo corpo como ambientes de trabalho e estudo.

Para o corpo-sujeito, alguns pontos de referência na arquitetura do espaço podem surgir como estruturas organizativas de segurança para o movimento do corpo, em especial, nas práticas de dança, bem como descrito por P.19, que exemplifica sobre esta organização e o direcionamento do corpo no espaço durante suas práticas de dança: “[...] se eu ensaio para cá [com frontalidade definida], se você virar [mudar a frente] e eu não ensaio antes, eu não consigo acertar os lados [direita e esquerda]”. Sua experiência demonstra que o próprio corpo precisa de referências estruturais/físicas no espaço para se sentir seguro e, portanto, confortável, em diferentes direções, para que o propósito do movimento se conclua sem empecilhos.

Na prática *online*, segundo P.8 “[...] o direcionamento ficou só um pouco confuso, porque P.24 falava: “Vai para frente”. Aí a minha frente estava aqui [na direção dos olhos/rosto], só que a frente dela era outra”. Nesse sentido, o direcionamento e a organização do corpo no espaço, com a mediação dos dispositivos tecnológicos, foram fatores determinantes na percepção corpo-espaço durante as vivências das práticas corporais de dança no ensino remoto.

A inibição do sentido da visão provocou aos participantes repensarem suas noções sobre as dimensões do ambiente construído, considerando que suas experiências naquele espaço foram explorações em tempo real e a partir da memória/imaginário. Ainda que o ambiente explorado (DAH) fosse comum aos participantes, as mensurações/noções matemáticas sobre aquele espaço não concordam, necessariamente, com as do espaço vivenciado humano, conforme Bollnow, (2019), o da vivência cotidiana e, portanto, dos fenômenos e das experiências corporais. Segundo P.20: “começo a andar e me direcionar, me apoiando nessas memórias, acabou que eu percebi que o espaço às vezes é muito maior do que eu

lembrava”. Para, P.12 a prática *online* permitiu: “[...] transformar esse espaço [...] Ele vira uma outra coisa, ele fica tanto grande quanto pequeno e você sentir essas texturas de uma maneira diferente”.

As formas, delimitações e dimensões do ambiente explorado conduziram o corpo, ou seja, determinaram a forma dos participantes se organizarem e se comportarem naquele espaço. Segundo P.10, “É bem interessante ver que tudo tem forma. E as coisas que criam essa forma, elas conduzem. Então o corrimão, na hora que ele fazia a curva, ele te conduzia.”

Em seguida, o mesmo participante fez relação entre a percepção do uso do espaço explorado e o confinamento durante a pandemia:

Eu já andei muitas vezes no corredor. Mas nesse corredor, eu nunca presto atenção em cada tempo que eu ocupo, nos passos que eu vou dando. Então eu nunca tenho a dimensão completa dele. E para mim, em relação a tudo que eu fiz, com a pandemia, foi que eu descobri novos lugares na minha casa (P.10).

Tal relato evidencia que o confinamento provocou novas formas de percepção e ocupação dos espaços da casa, considerando a permanência imposta no ambiente residencial como um fator determinante para o redimensionamento das dimensões e limitações estruturais do ambiente construído. Aspecto este que culminou na busca por outros espaços do lar que despertassem a sensação de amplitude, para o conforto de um corpo-sujeito da dança:

[...] eu busquei muito cantos, cantos que me sugeriam a sensação de amplitude. Porque eu sentia que eu estava muito dentro do meu quarto [...] me levando para um lugar ruim. Então, sempre quando eu volto para casa, eu tenho uma tendência muito grande a [...] retomar esse lugar meu de tristeza. Então, eu senti que, para ampliar, eu buscava outros lugares da casa. Então, as paredes me davam a proteção de eu estar encostando em algo (P.10).

Ao analisar essas novas percepções/ressignificações da relação corpo-espaço na pandemia, P.14 complementa: “na pandemia eu criei um bloqueio com muitos espaços dentro de casa. Então, muitos lugares, hoje em dia, eu não consigo acessar, porque eu criei esse bloqueio por estar nesses espaços”.

A prática corporal *online* provocou reflexões sobre a adaptação do espaço residencial para práticas de dança: “Durante a pandemia a gente chegou a fazer algumas aulas [...] eu lembro que eu tive que buscar e transformar o espaço do meu quarto para ser um local para eu dançar” (P.14). Os desafios citados, descaracterizaram aquele espaço como um ambiente apropriado para estudos e trabalhos práticos de dança: “eu não consigo olhar com a mesma visão que eu tinha na pandemia, porque eu tenho um bloqueio daquele espaço” (P. 14).

P.10 destacou as dificuldades ao realizar práticas oferecidas pelo Curso de Dança no período remoto: “eu fazia no meu quarto e batia em tudo, eu chutava a cadeira, eu chutava o guarda-roupa, eu chutava tudo”. P.8 relatou vivências semelhantes e a necessidade de ampliar as possibilidades da experimentação corporal, diante das limitações físicas do espaço e suas interferências nas formas de se experienciar o corpo em movimento, ou seja, de construir o conhecimento.

Quando tava na pandemia, eu dançava em casa em um espaço bem pequeno e sempre batia na porta, no armário. Então eu sempre tentava deixar a minha dança menor. E quando eu vim para cá, que eu tive acesso ao Estúdio desse tamanho, nunca mais consegui voltar a dançar lá. Quando eu chego em casa, a primeira coisa que eu sinto falta é desse tamanho todo, livre, que a gente tem para poder explorar e do quanto eu consegui fazer uma dança maior, poder explorar várias coisas diferentes. (P.8).

Já a P.7 considera que sua experimentação corporal depois da pandemia se resumiu em fazer o oposto do que normalmente e, dentro do possível, era feito no espaço da casa. Comenta: “diminuiu muito o espaço e depois que eu consegui voltar para o estúdio, eu acho que isso refletiu até nas coisas que eu crio porque eu não consigo mais criar coreografia pequena” e que seus trabalhos de dança passaram a ter como característica a ampliação da ocupação do espaço através de deslocamentos corporais. Sobre estudos coreográficos, realizados como parte das avaliações do Curso de Dança, considera ainda que desafiaram a própria corporeidade uma vez que precisou redimensionar o uso do espaço para trabalhar. “Eu não consigo deixar meus trabalhos pequenos, porque me agonia pensar em dançar com pouco espaço de novo” (P.7), esclarecendo se incomodar com a necessidade de trabalhar as práticas corporais artísticas em espaços reduzidos novamente. Estes lugares, espaços vivenciados do ser humano, são denominados por Hubert Godard de buracos negros, aqueles que considera ameaçadores, que se evitam, em decorrência de traumas, e, de certo modo, passam despercebidos à percepção do ser humano (Kuypers *et al.*, 2011). Lugares que pertencem a um campo ignorado, como se o seu fenômeno motivador não tivesse acontecido ou, se dado de uma forma tão violenta a ponto de ser ignorado pela consciência.

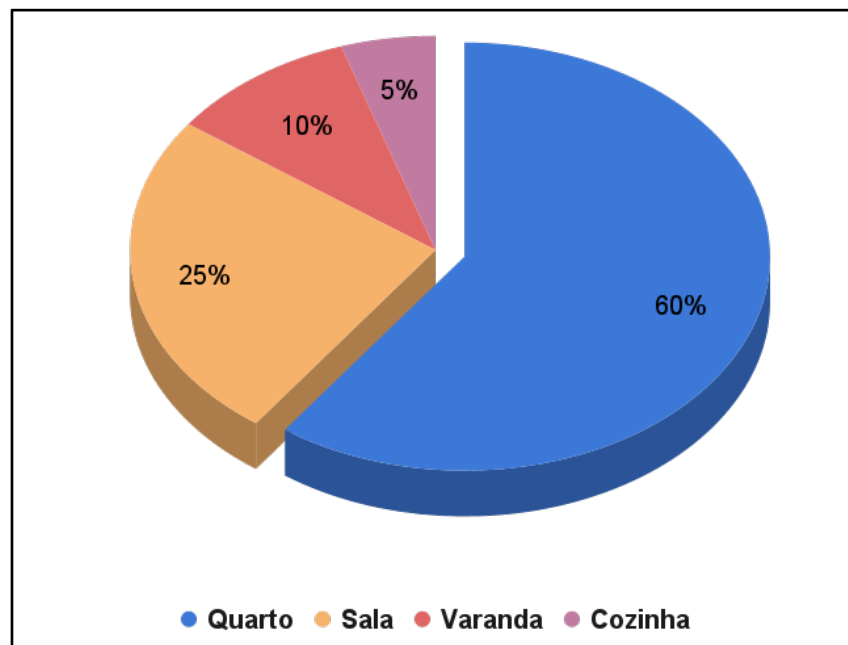
As afetações e as transformações na corporalidade e na corporeidade, causadas pelo fenômeno pandêmico, integram o espaço do ser humano, a relação corpo-espaço. São rastros de vivências que resultam em formas diferentes e silenciosas de se compreender e se comportar no mundo. Transformações que, segundo P.11

[...] são inevitáveis e que aconteceram constantemente e que a gente vai carregar isso por um longo tempo, porque a gente desenvolveu até vícios corporais dentro do espaço, seja para a gente se defender, não de algo ruim, mas da forma que a gente vai fazer determinada aula. Essas limitações que a gente teve durante a pandemia, elas aparecem na hora de uma aula, enfim, elas acontecem.

### 3.3.3. Reflexões sobre o “Corpo Pós-Pandemia”

Os dados obtidos com a aplicação do questionário, permitiram o conhecimento dos cômodos da casa onde os participantes mais permaneciam, durante o período do distanciamento físico e social. A Figura 16 ilustra o percentual de ocupação dos cômodos, sendo que o quarto foi o espaço mais utilizado por 60% dos estudantes.

Figura 16. Gráfico representativo dos cômodos mais utilizados pelos participantes



Fonte: os autores, 2025.

Embora 53,3% dos participantes não tenham experienciado as aulas do Curso de Dança, durante o PER/2020-2021 da UFV, os dados demonstram que 100% dos participantes vivenciaram, via dispositivos tecnológicos práticas diversas de dança, durante o advento da pandemia. Estas atividades se deram, em grande parte, dentro do quarto, por se tornar, segundo comentam, um lugar de segurança e conforto (Participantes 3, 4, 10 e 11). Por outro lado, a longa permanência neste ambiente modificou a percepção da relação corpo-espaço que segundo P.7: “Não foi algo tão diferente do que estava acostumada [...], porém o fato de ser uma “obrigação” [a restrição espacial] deixava um pouco claustrofóbico”.

O ambiente da sala foi, também, uma alternativa para as práticas corporais, visto que demandam espaços mais amplos (Participantes 11 e 12). Segundo P.12, o

cômodo que mais utilizou foi a cozinha, por se tratar do “único ambiente da casa com uma mesa a qual podia utilizar para realizar os estudos (apoiar o caderno, o computador, melhor conexão de internet)”.

De acordo com o relato dos participantes constata-se que ocupavam os próprios quartos durante longos períodos com diferentes atividades cotidianas, como por exemplo de trabalho, estudo e de lazer. P.9, por exemplo, destaca que fazia aulas e provas *online* na sala e comenta: “durante as disciplinas práticas, ou que necessitavam de ligar a câmera durante a chamada, eu utilizava o quarto”.

P.12 afirma ter utilizado, além da cozinha, a sala como ambiente de estudos por se tratar de “[...] um lugar mais aconchegante e confortável. Porém não era sempre, pois a conexão de internet nesse ambiente era mais fraca”. Este é um exemplo de transformação/adequação dos espaços às atividades, visto que as funcionalidades, culturalmente estabelecidas aos cômodos e à residência, em geral, foram modificadas. P.12 comenta que praticava suas aulas de dança na sala, “Devido ao espaço, a iluminação direcionada, e a conexão de internet, que mesmo sendo fraca ainda era melhor do que a conexão na varanda [...]”. Ou seja, associa a viabilização de suas práticas corporais, a determinadas condições como a amplitude do espaço, a iluminação e a intensidade do sinal de internet considerando-os aspectos minimamente funcionais e essenciais para o conforto.

Os participantes sentiram as limitações espaciais, especialmente no quarto, considerando a necessidade de reorganizar os móveis para viabilizar as práticas de dança. Isso reforça a ideia de que o ambiente residencial passou por ressignificações arquitetônicas e de *layout*, conforme descrito por Canabarro *et al.* (2022), deixando de ser apenas um espaço de descanso e convívio familiar, integrando outras funções como de estúdio de dança, sala de aula e espaço performativo, confirmando a multiplicidade na identidade do lar.

#### **3.3.4. Adaptação do Espaço Doméstico, Tecnologias e Limitações**

Os estudantes encontraram diversas alternativas de uso e ampliação do espaço de práticas de dança como, por exemplo, a reorganização de parte da mobília desses ambientes, ações como mudar e/ou retirar os móveis do cômodo e, até mesmo, levantar a cama. De acordo com P.12: “Para realizar as aulas práticas na sala era necessário organizar o ambiente, às vezes utilizar cadeiras que buscava da cozinha, e também empurrar um dos sofás”.

Alguns dos participantes reforçam o fator quanto a dificuldade de locomoção, em consequência do espaço reduzido da residência. Sobre tais aspectos P. 11 destaca:

[...] acredito e percebo o quanto a pandemia me limitou até mesmo em um espaço que conscientemente eu realizava várias atividades (mesmo com algumas limitações), mas parecia que, pelo momento que estávamos vivendo, esse local foi diminuindo de tamanho e já não cabia mais realizar atividades como eu fazia antes, ou então tinha a opção de reformular essas atividades (P.11).

Para P.14 as adaptações não envolveram somente a estrutura física da casa mas também, os fatores corporais: “[...] algumas partes e espaços do meu quarto foram movidos e significados [...]. Houve um processo de adequar meu corpo ao novo espaço que, até então, tinha uma função limitada”.

A maioria dos participantes afirmou que os espaços utilizados não atenderam adequadamente a realização das atividades práticas solicitadas tanto na formação acadêmica quanto no ensino informal de dança. Os Participantes 2, 10, 12 e 14 reforçaram essa inadequação citando algumas limitações dos espaços: “acredito que poderia desenvolver mais em um espaço maior” (P.10); “muitos movimentos ficavam restringidos, o piso não era adequado e a conexão com a internet era algo muito instável, o que não colaborava com o foco ou com o fluxo de ideias no momento de dançar” (P.12); “tudo o que pude fazer foi limitado, e fez com que o meu corpo se adequasse ao espaço e não ele a mim, me trazendo vícios corpóreos contínuos depois que deixei de utilizar esse espaço reduzido” (P.14).

Os dispositivos tecnológicos de comunicação e as plataformas digitais se tornaram equipamentos essenciais para a prática de dança, durante o percurso pandêmico. No entanto, descreveram certas insatisfações, a respeito dos impedimentos, em especial, relativos à realização, em tempo real, de práticas corporais mediadas pelas tecnologias. Atribuíram tais impedimentos, por exemplo, à instabilidade na conexão da internet e/ou a falta de acesso à rede quando localizados em um cômodo distante do ponto de acesso *Wi-Fi*: “A conexão com Internet ficava instável se eu fosse para o quintal, onde eu teria mais espaço para explorar. Acabei continuando a realizar no meu quarto” (P.3). Outros ambientes, também viáveis à prática de dança, “[...] às vezes não tinham um acesso bom à internet, ou tinha fluxo de pessoas e carros (minha garagem, por exemplo)” (P.7).

O redimensionamento e a ressignificação dos espaços afetaram, também, o corpo e seus modos de exploração para o desenvolvimento das competências

corporais e artísticas, e, da mesma forma, os modos e/ou estratégias de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, P.11 afirma: “[...] acontecia da conexão de internet falhar e perder partes simbólicas ou importantes da aula”. A conexão entre os dispositivos tecnológicos e a rede foi, então, fundamental, considerando a relação entre os indivíduos como parte integrante do aparato das práticas corporais, na construção do conhecimento e na sua formação em Dança.

Essas experiências evidenciam como os processos de adaptação corporal e espacial se tornaram estratégias para a manutenção das práticas formativas e criativas durante o confinamento. A residência, nesse contexto, tornou-se objeto de adaptações ergonômicas, transformando-se em um novo cenário: uma sala de aula e um espaço performativo. Esses rearranjos nas novas formas de habitar demonstraram transformações significativas nas dinâmicas de ocupação dos espaços domésticos. Ficou mais perceptiva, e de modo mais concreto, a relação entre o ambiente construído e as modificações corporais necessárias, seja em nível individual ou coletivo. Assim, instaurou-se a presença de um “novo corpo” que passou a interagir e a se adaptar a um espaço ressignificado.

Além das demandas, impostas pelo próprio corpo, nas adaptações espaciais em confinamento, P.9 afirma que ocorreram, ainda, “[...] exigências um pouco irreais de equipamentos e condições especiais para realização das aulas. Eu não tinha sequer um computador adequado, quem dirá câmera, tripé ou espaço amplo”.

A experiência de adaptação corporal em ambientes reduzidos – como os casos em que estudantes relatam movimentos “menores” ou sensação de claustrofobia – relaciona-se com a noção de corpo atravessado pela cultura do efêmero (Harvey, 2008; Bauman, 2001). Nesse sentido, segundo os participantes, a dança mediada pelas telas e pelo espaço mínimo da casa, provocadas por temporalidades rápidas e fragmentadas, podem promover vícios corporais e modificar a corporeidade, o que, conforme Traquino (2010) se dá através da influência das tecnologias na percepção de tempo e espaço.

P.3 observou contrastes em meio aos desafios e descreve que “ao mesmo tempo que limitou o espaço físico, parece que reduziu limites e fronteiras entre cidades e países”. Apesar de ampliar o campo das possibilidades, o uso intensivo das tecnologias, de acordo com P.12, influenciou na rotina do ser humano “[...] visto que, para tudo que iríamos realizar, teríamos que estar conectados, o que impactou profundamente a nossa relação com o social e com o espaço”. Ademais, declarou que

“a dança começou a ter que caber em telas”, ou seja, reestruturou o campo da dança, por meio da tecnologia, promovendo novas formas de dançar e de se organizar espacialmente.

Nesse contexto, a articulação entre o corpo e as tecnologias de transmissão de áudio e vídeo nas atividades e ocupações remotas, como as aulas e os processos criativos, fez com que os espaços de habitar assumissem novos recortes e enquadramentos configurados sob diferentes vivências e olhares, particulares de cada pessoa. Esses ambientes foram transformados e adaptados para serem, também, cenários para seus novos fazeres. Os corpos, por sua vez, precisaram se ajustar às exigências e delimitações das telas, às disposições das câmeras e, conseqüentemente, à reorganização dos espaços, como apontam os próprios participantes.

### **3.3.5. Transformações proprioceptivas corpo-espaço pós-pandemia**

As respostas do questionário revelaram transformações nos modos de operar do corpo no pós-pandemia, segundo parte dos participantes, os quais notaram modificações nas suas percepções da relação corpo-espaço, ou seja, na corporeidade. P.5, por exemplo, comenta sobre a influência dos espaços que, normalmente, não notava antes do fenômeno pandêmico: “me fez perceber que o espaço influencia bastante o emocional e o físico”.

Algumas observações se fundamentam na exploração do corpo nos espaços, em que, segundo P.1, “fazer as práticas em espaço pequeno o corpo se acostuma com poucos movimentos” e, destaca que, nesse sentido o encontro do corpo com espaços amplos ainda causa certa estranheza, uma vez que não responde com movimentos maiores. P.6 ressalta este aspecto como um hábito que se tornou um empecilho durante seu processo de formação: “É uma das coisas que as professoras mais corrigem em mim, deixar meus movimentos maiores, mas ainda não consigo, apesar de já ter melhorado bastante”. P.9 destaca: “percebi uma dificuldade em pensar nas formas de deslocamento pelo espaço, mesmo agora dispondo do espaço amplo do estúdio”.

No sentido da retração do movimento corporal nos espaços, P.7 afirmou que, durante o confinamento, foi um desafio conseguir evoluções nas técnicas corporais. Ele declara ainda ter percebido uma mudança nas próprias criações que, diferente dos participantes supracitados, seus trabalhos de dança facilmente tomam muito espaço:

“não consigo criar coreografias que não sejam expansivas, em termos espaciais, justamente por ter passado tanto tempo fazendo tudo tão pequeno”.

Para alguns estudantes, como os Participantes 3 e 4, não foram perceptíveis transformações no corpo-sujeito ou na percepção e na relação corpo-espço, sugerindo o confinamento como um aspecto normal do cotidiano, em relação à ocupação e realização de atividades dentro de um cômodo da casa. No entanto, P.11 afirma que, na sua percepção, não foi uma transformação consciente e instantânea, “[...] as percepções foram sendo tomadas com o passar do tempo, além de me auto-observar, as pessoas próximas vão tendo percepção, também, sobre como o “corpo-sujeito” se coloca num espaço familiar, embora pareça tudo novo na nova configuração, pela qual vida se moldou”.

Conforme aponta Pallasmaa (2017), o ato de habitar envolve as dimensões primordiais do espaço e do tempo, as quais se entrelaçam à experiência sensível do corpo e, portanto, implica numa relação indissociável entre espaço, tempo, memória e afeto. No que se refere à memória, observou-se que, durante os períodos mais críticos da pandemia marcados pelo distanciamento físico e social, o espaço da memória precisou ser ressignificado. Esse processo demandou a adaptação de uma corporeidade anterior, incorporada de diferentes maneiras, resultando em outras espacialidades e modos de presença.

Os dizeres sobre as experiências dos participantes deixam muito evidente em como a arquitetura dos espaços tem influência direta e constante nos espaços vivenciados do ser humano. Alguns exemplos sobre a longa permanência nestes ambientes físicos merecem destaque: “Quando pude sair, me vi estranhando a grandeza dos lugares [...] por ficar tanto tempo em um espaço pequeno, meu corpo-sujeito se tornou pequeno” (P.13). “Passei a ter um olhar bem mais externo do corpo [...] O espaço parecia pequeno e limitado, somente do tamanho que se enquadrava na câmera, e não da casa na qual sempre dancei” (P.12).

As noções de lugar, portanto, foram alteradas e observadas pelos participantes, como consequência da transição nas formas de ocupação dos espaços, principalmente, do ambiente físico para o virtual. P.3 conta que seu próprio quarto se tornou o lugar de tudo, (re)significado pelas ações, independente da função a qual aquele espaço normalmente abriga. P.7 aponta sobre a delimitação dos significados dos espaços: “num geral, tudo ficou menor para caber na tela do celular”.

Para P.14, as tecnologias afetaram o seu conceito de lugar, devido à imersão aos dispositivos “[...] a ponto de deixar de observar ou esquecer a configuração de muitos locais que tinha acesso, e só pude observar esses lugares (minha casa) quando precisei adaptá-lo para as aulas práticas”.

A ausência de espaços mais flexíveis (Leite; Celani, 2020), tornou o confinamento uma experiência que despertou a noção de conforto aos participantes. P.12 descreve a experiência do distanciamento social como um fator de afastamento de sua sensação de aconchego da própria casa, instigando o anseio de caminhar por espaços abertos. Ele complementa: “Gostaria que minha antiga casa tivesse mais janelas para o mundo e menos janelas para as paredes”.

A casa, reconfigurada durante o período de confinamento, passou a carregar novos sentidos e afetos (Fiori; Leoni Schmid, 2021). Diante da sua permanência e da multifuncionalidade do espaço residencial, P.5 afirma que o confinamento “fez perceber que, por mais que passe muito tempo dentro de casa e goste bastante desse espaço, ficar tempo demais dentro dele influencia muito o humor e o emocional”.

Fica evidente, na busca por espaços alternativos dentro da casa, como a sala ou até a cozinha, o intuito de atender às necessidades corporais e tecnológicas. Tal movimento confirma o que Leite e Celani (2020) indicam, ao considerar o tempo como uma quarta dimensão arquitetônica, responsável pelas modificações, de forma contínua, nos modos de interpretar, vivenciar e habitar os espaços.

Outros redimensionamentos na percepção corpo-espaço dos participantes demonstram transformações diversas nos modos de se relacionarem com a arquitetura dos espaços pós-pandemia. P.2, em relação aos espaços físicos, disse que “tudo começou a parecer maior ou [...] que poderia ser ampliado”, enquanto P.3 declara “a vontade de explorar ambientes diversos”.

Por outro lado, P.9 considera que não notou se a experiência afetou suas percepções corpo-espaço, devido à efemeridade na organização/funcionalidade do seu espaço: “Todas as alterações que eu fazia no espaço para as aulas eram desfeitas no fim, então o espaço não traz uma memória desse período”. No entanto, depõe o contrário, um aspecto de transformação no corpo-sujeito, possivelmente inconsciente: “[...] mas eu me sinto angustiada com a possibilidade de me movimentar nesses espaços novamente” (P.9).

P.11 afirma que foram inevitáveis as transformações e que podem ser observadas até hoje: “[...] seja ao realizar uma aula em um espaço mais amplo ou

mais limitado, o corpo se coloca com mais limitação e cuidado, cuidado esse para com o espaço pessoal ou espaço compartilhado com o outro”. Enquanto P.12 ressalta sensações de desconforto ao ocupar espaços com muitas pessoas, aspecto que afeta e desafia a interação com elas. Revela ainda, um interesse na “busca por moradias espaçosas e que pudessem proporcionar espaço individual”. P.15 declarou a sensação de bem-estar ao poder sair de casa no pós-pandemia e que, no entanto, se tornou agradável, de modo geral, ocupar o espaço do seu quarto e da sua casa.

Por fim, esta percepção do estranhamento ao voltar a ocupar espaços amplos de estúdios após a pandemia reafirma a ideia do “novo corpo” discutido por Villegas (2021). Fica evidente que esse “Corpo Pós-Pandemia” carrega memórias e hábitos corporais que, até então, foram construídos por sua relação com o espaço de segurança e confinamento, seja pela dificuldade de expandir os movimentos em ambientes grandes, seja pela recusa a ocupar espaços reduzidos.

Ademais, alguns participantes compartilharam percepções complementares sobre as práticas de sensibilização: “A prática realizada foi muito interessante para nos mostrar como as nossas percepções podem se alterar em relação ao espaço e também transformar o espaço” (P.12). “A experiência [...] vivenciada e compartilhada em aula [...] me fez perceber e pensar sobre coisas que eu não havia questionado desde a pandemia, e nesse pós-pandemia me permitiu observar com outra perspectiva” (P.11).

Sobre as modificações corporais nos espaços físicos P. 12 destaca:

Há uma construção de afetos e sentidos em todo o espaço material, uma lógica que adotamos e uma rotina de ocupação de espaço, que foi alterada drasticamente com a pandemia e nos fez ressignificar o espaço habitado e construir novos sentidos para o mesmo, o que também atravessou nossa personalidade e comportamentos.

Para P.14 tem sido diferente sua forma de se relacionar com o outro, e afirma: “Apesar da pandemia, ainda tento manter uma relação de convívio [presencial] ao ocupar os mesmos espaços”. E da mesma forma, destaca outras percepções significativas sobre as relações interpessoais. Denomina de “nova geração” os estudantes recém-ingressados no mesmo curso de graduação e observa: “Ocupamos os mesmos espaços, mas são corpos distintos, que não têm qualquer relação. É como se dois corpos ocupassem o mesmo espaço, mas nunca se tocassem. Ambos estão em redes diferentes”. Se referindo ao fato de notar um certo isolamento decorrente do

uso dos dispositivos celulares como estratégia primeira de comunicação/relação, por exemplo, nos corredores e espaços compartilhados.

Nesse sentido, os modos do corpo-sujeito perceber os espaços foram profundamente transformados. Observam-se aqui as experimentações e os resultados obtidos, a partir dos quais se compreende que as relações sensoriais se estendem também às afetações provocadas tanto pela organização espacial anterior quanto pela necessidade de sua reorganização, tal qual derivada de uma arquitetura projetada pela memória e pela experiência.

O estudo de caso realizado com estudantes de graduação em Dança mostrou-se essencial para identificar transformações na percepção da relação corpo-espço após a experiência da pandemia. Observou-se que a prática da dança em ambientes domésticos se configurou como um processo desafiador que exigiu criatividade, resiliência e resultou em significativas mudanças na vivência corporal. Ficou evidente que, apesar das infinitas plasticidades corporais, o corpo se manifesta como um instrumento expressivo, relacional e central à arquitetura dos ambientes, buscando se manifestar de diversas formas, com o intuito de que os ambientes construídos atendam às suas necessidades e desejos mais profundos.

### **3.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa evidencia que as práticas corporais, em tempos de pandemia, revelaram uma profunda interdependência entre corpo, espaço e tecnologia, desencadeando memórias e adaptações sensoriais que deixaram marcas no corpo-sujeito. Além dos achados relativos às transformações nos modos de aprendizado de técnicas corporais dos estudantes, constataram-se efeitos residuais do confinamento, conforme depoimentos dos participantes, como a estruturação de vícios de movimento, bloqueios afetivos e novas sensibilidades em relação ao espaço da casa. As qualidades perceptivas do espaço de habitar, anteriormente voltadas exclusivamente a esse propósito, foram ressignificadas de forma repentina no intuito de atender às demandas de um novo corpo que antes habitava apenas as salas de aula, planejadas para tais finalidades.

Durante as práticas corporais de sensibilização, a inibição da visão redirecionou significativamente a percepção corpo-espço para o tátil e auditivo, o que comprovou a plasticidade sensorial dos indivíduos diante da relação simultânea entre a reconfiguração do ambiente e o condicionamento do sujeito. Isto reflete no momento

do confinamento, quando o controle do espaço habitado foi intensificado e transformado em campos de experiência corporal até então desconhecidos. O corpo adaptado àqueles novos espaços, traduzidos pelas dimensões das telas, pelas redes e as plataformas digitais, desenvolveu uma nova escala humana moldada para as suas performances, refletida na reorganização do espaço doméstico e na incorporação de um novo espaço de trabalho. É importante ressaltar, também, que as percepções de texturas, dimensões e objetos através da memória corporal, demonstram que o ambiente construído, além dos seus aspectos físicos/materiais e estruturais, se caracteriza, também, pelos sentidos, pela imaginação e pelos traçados sensoriais humanos acumulados. Nesse sentido, a repetição de trajetos e gestos nos ambientes simulados no estudo de caso, reforçou a formação de mapas corporais que organizam os movimentos. O espaço quando se torna familiar permite aos corpos se adaptarem e se movimentarem com eficiência e confiança.

A casa, portanto, foi ressignificada, simultaneamente, em ambiente de estudo, trabalho e dança, fato que, por si só, suscitou por adaptações no ambiente doméstico. As evidências de um “corpo encolhido” se manifestaram pelo estranhamento na retomada de práticas corporais em espaços amplos, evidenciando a memória muscular do confinamento. A automatização dentro dos ambientes reduzidos revelou, também, um efeito residual que remete a estes vícios corporais, os quais desafiaram processos de readaptação, sobretudo no pós-pandemia, quando surgiu a necessidade de ocupar espaços diferentes dos residenciais.

As investigações revelaram uma flexibilidade diferenciada no espaço da casa, em que fica evidente a sua capacidade de ressignificação. Ao mesmo tempo, enfatizaram o desgaste emocional e o cognitivo, associados à imposição de limites físicos/materiais e de conexão à rede. O ambiente virtual derrubou fronteiras geográficas, embora o distanciamento físico e social tenha construído “fronteiras espaciais” rígidas e estáticas dentro da casa, inicialmente reduzindo o potencial criativo e expressivo dos corpos, porém, depois de algum tempo de adaptações, se tornou campo de novas experimentações e criações, dentro das suas possibilidades.

Os usos das tecnologias redimensionaram os conceitos de lugar e, nesse sentido, a disponibilidade e/ou a qualidade da conexão com a internet passou a agregar as noções de conforto do ser humano. Os corpos conectados, em tempo integral, vivem imersos na exploração dos ambientes virtuais, diminuindo a experiência vívida, biológica, e sensorial nos espaços físicos da residência, estes cada

vez mais reduzidos e transformados em ambientes que priorizem e comportem o trabalho.

Experiências no ensino remoto relativizaram o senso comum das funções e significados dos espaços corpo habitacionais: mobílias improvisadas, salas transformadas em estúdio e a resignificação do lugar denotaram que o espaço não é apenas físico, mas performativo e simbólico. As restrições espaciais prolongadas e seus bloqueios sensoriais levaram os ambientes domésticos a significarem espaços desconfortáveis. Nesse sentido, os condicionamentos sensoriais e comportamentais experimentados pelos corpos, fazem com que os mesmos se sintam desafiados a ocuparem espaços restritos, mesmo quando estes são considerados amplos.

Essa nova corporalidade, resultado da interação entre memória, afeto e funcionalidade, transformou o ambiente da casa em um campo de múltiplos fazeres, tornando-se um espaço de ações submetidas às adaptações forçadas que evidenciaram as inadequações e tensões entre corpo e ambiente. Dessa forma, a relação corpo-espaço foi realocada e redimensionada a ponto de revelar tanto sua vulnerabilidade quanto sua potência transformadora. Tais transformações afetaram diretamente nas experiências de exploração do corpo no espaço, o que afetou de modo notável a qualidade das interações e das práticas que delas resultaram.

As memórias do confinamento, uma vez que constituem a trajetória sensório-corporal, constituem um “novo corpo”, um “Corpo Pós-Pandemia”. Suas mudanças na forma física e simbólica de ocupar e experienciar o espaço redimensionou afetos (no sentido de afetações), vivências e expectativas quanto à moradia, ao coletivo e à corporeidade. A pandemia exigiu formas emergentes de viver o cotidiano e passaram a influenciar os modos contemporâneos de habitar, perceber e se relacionar com o espaço. Portanto, são corpos impactados que podem e devem ser consideradas no pós-pandemia, seja para a promoção de estratégias de exploração corpo-espaço, tanto quanto para a compreensão das infinitas transformações no corpo-sujeito contemporâneo e no significado do ambiente construído da casa.

Pensar este corpo-sujeito, seus modos de habitar e relacionar, com as ambiências/contextos é poder adicionar camadas aos futuros estudos e planejamentos arquitetônicos, possibilitando a produção de ambientes residenciais mais flexíveis em favor do desenvolvimento humano. Buscou-se aqui, complexificar os estudos da espacialidade na arquitetura com maior envolvimento do corpo e da

dança, explorando o potencial da construção do conhecimento ao promover a aproximação entre estas duas áreas do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. A poética do espaço. 5. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Título original: *Qualitative Researching with Text, Image and Sound: A Practical Handbook*. ISBN 85-326-2727-7.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Obra original publicada em 2000.

BERNARD, M. Corporeidade como “anticorpo”, ou a subversão estética do “corpo” como categoria tradicional. Trad. Marie Claire Forté. Publicado originalmente como: *De la corporéité comme “anticorps” ou la subversion esthétique de la catégorie traditionnelle de “corps”*. In: BERNARD, Michel. **De la création chorégraphique**. Pantin: Centre National de la Danse, 2001. P. 17–24. Publicação online: Paris 8 Danse, 2019. Disponível em: <https://hal.science/hal-02293685>. Acesso em: 8 jul. 2025.

BERGALLO SNIZEK, A.; DA COSTA OLIVEIRA SIQUEIRA, D. (Des) organizações corporais e artes da cena: Práticas, criações e mediação tecnológica a partir da pandemia. **Revista de Ciências Humanas**, [S. l.], v. 2, n. 22, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/14831>. Acesso em 9 jun. 2025.

BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Tradução de Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2019. 327 p. (Série Pesquisa, n. 125). Título original: *Mensch und Raum*.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: **A sociologia de Pierre Bourdieu**. Renato Ortiz (org.). p. 39-72. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

CANABARRO, I. S.; SCHONARDIE, E. F.; STRÜCKER, B. A resignificação do lugar e do não-lugar: considerações sobre as dimensões das ocupações dos lugares em um período de pandemia no Brasil. **Revista de Direito da Cidade**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 1–26, 2022. DOI: 10.12957/rdc.2022.54911. Acesso em: 9 jul. 2025.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERREIRA, R. R. M.; SNIZEK, A. B. Estudos interdisciplinares em dança contemporânea: preparação corporal, práticas de sensibilização e composição. In:

DOMINGOS, A. V. et al. (Org.). **Diálogos em Criação: uma reflexão prática sobre corpo-espaço**. Recife: Universidade Franciscana, 2021. P. 5–40. DOI: <https://doi.org/10.29327/546669>. Acesso em: 20 mai. 2025.

FIORI, I. M.; LEONI SCHMID, A. Espaços emocionais: Atmosfera e percepção espacial na arquitetura. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 121–132, 2021. DOI: 10.5935/cadernospos.v20n2p121-132. Acesso em 31 maio. 2025.

FONSECA JORGE, P. A. A dinâmica do espaço na habitação mínima. **Arquitextos**, v. 14, n. 157.01, 2013. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.157/4804>. Acesso em: 28 ago. 2025.

GASPARINI, I. Programas Performativos Pandêmicos como registro e continuidade dos processos de criação em dança durante a pandemia. **Revista de Ciências Humanas**, [S. l.], v. 2, n. 22, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/14339>. Acesso em 4 jun. 2025.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. Ed. São Paulo: Loyola, 2008.

KUYPERS, P.; TAVARES, T. J. R. da S.; OLSSON-FORSBERG, M. 8 – Buracos Negros: uma entrevista com Hubert Godard. **O Percevejo Online**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2011. DOI: 10.9789/2176-7017.2010.v2i2.%p. Acesso em: 22 jun. 2025.

LEPECKI, A. Movimento na pausa. Tradução de Ana Luiza Braga. In: **ConTactos**. HemiPress, 2020. Disponível em: <https://contactos.tome.press/?lang=pt-br>. Acesso em: 30 jun. 2025.

MANSUR, R.; SNIZEK, A. B.; OLIVEIRA, M. M. Residência Artística Planta Baixa na Nuvem: Uma abordagem interdisciplinar entre dança e ambiente construído. **Revista Estud(i)os de Dança**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 1–19, 2025. DOI: 10.53072/RED202502/00207. Acesso em: 15 out. 2025.

MICHAELLO MACÊDO DIAS, J.; NICOLE BARBOSA RAMOS, A.; CAMARGO RIBEIRO FIDELIS DE MOURA MARQUES, I. CORPOS-URBANOS “INFECTADOS”: Incorporações da covid-19 em Maceió/AL. PIXO – **Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 6, n. 22, p. 206-223, 28 out. 2023.

MIRANDA, R. **Corpo-espaço**: aspectos de uma geofilosofia do movimento. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

NEPARC. Residência Artística Planta Baixa. **Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais**, 2020. Disponível em <https://neparc.com/2020/04/11/90-coreografica-planta-baixa/>. Acesso em 28 mai. 2025.

PALLASMAA, J. **Habitar**. Tradução de Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

RIBAS, M. M. As Artes Cênicas, o contexto pandêmico, o caos, heterotopias e outros saberes. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 46, abr. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101462023e0204>. Acesso em 10 jun. 2025.

SCHMID, A. L. A expressividade não-visual do espaço. In: SCHMID, A. L. **A idéia de conforto: reflexões sobre o ambiente construído**. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005, cap. 3, p. 103-131. ISBN 85-99403-01-X.

SOUZA, K.T.A.; SOUZA, J.F.C. Corpo-próprio: de corpo-objeto à corpo-sujeito em Merleau-Ponty. **Problemata International Journal Of Philosophy**, Paraíba, v. 8, n. 2, p. 48-56, set. 2017. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/32509>. Acesso em 26 mai. 2025.

TRAQUINO, M. **A Construção do Lugar pela Arte Contemporânea**. Portugal: Edições Húmus, 2010.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**. Projeto Político-Pedagógico do Curso de Bacharelado em Dança – PPC Bacharelado Final. Viçosa: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Artes e Humanidades. Coordenação do Curso de Dança. Coordenadora: Prof<sup>a</sup> Christina Gontijo Fornaciari. 2022. Disponível em: <https://dan.ufv.br/wp-content/uploads/2024/10/PPC-BACHARELADO-Final-17102022-2.pdf>. Acesso em: 2 set. 2025.

VALLE, F. P.; IVANOFF, V. Dança, educação e tecnologia: a docência em tempos de pandemia. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 44, n. 44, p. 1–15, 2021. DOI: 10.19179/2319-0868.819/866. Acesso em 3 jun. 2025.

VEIGA-NETO, A. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. e109337, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236109337>. Acesso em 17 de abr. 2025.

VILLEGAS, E. V. Performance é Corpo, a Crise é do Corpo: Entrevistas com professores do ensino emergencial remoto. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis**, v. 3, n. 42, dez. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573103422021e0112>. Acesso em 17 de abr. 2025.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos** – 5ª Edição Porto Alegre: Bookman, 2015.

YU, N.; LIU, X. Online dance learning satisfaction after the pandemic: lessons from the crisis. **SAGE Open**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 1–12, jan./mar. 2024. DOI: 10.1177/21582440241227267. Acesso em 5 jun. 2025.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA

## 4. CONCLUSÕES

Esta dissertação teve como objetivo investigar as (re)significações da relação corpo-espaco e da casa no contexto pós-pandêmico, a partir de uma abordagem interdisciplinar entre Arquitetura e Dança, sustentada por referenciais fenomenológicos e por experiências corporais vividas durante e após o confinamento imposto pela pandemia da COVID-19.

Assim, as conclusões aqui apresentadas resultam do diálogo entre os três capítulos que estruturam esta investigação, de modo que, ao longo do seu percurso, os conceitos apresentados como base teórica passam a “conversar” com as experiências/ percepções narradas pelos participantes da pesquisa. As ideias de casa como espaço simbólico de memória e afeto encontram eco nos relatos que descrevem tanto o desejo de “mais janelas para o mundo” quanto a busca por moradias mais espaçosas e flexíveis, frente ao desconforto provocado pelo confinamento e pela multifuncionalidade do lar. Abordagens como as de noções de conforto e multissensorialidade da arquitetura, aparecem reconfiguradas quando os estudantes relatam a transformação de cômodos em espaços de trabalho, estudo, criação e videodança, bem como os bloqueios sensoriais que tornam a casa, por vezes, um espaço saturado.

A arquitetura se fundamenta no ser humano por atender algumas necessidades básicas ao corpo-sujeito: abrigo, proteção e conforto. Por isso, ela se apresenta com um grande potencial de acompanhar os processos e momentos históricos da sociedade em geral que, com o passar do tempo, se modificam ao refletir nos aspectos sociais, culturais, emocionais e simbólicos da vida humana. Desse modo, vai além do pensamento lógico-matemático e se torna, naturalmente, um campo do conhecimento entrelaçado à humanidade, pois tudo o que se planeja e se constrói tem o objetivo de atender e melhorar a experiência dos indivíduos nos espaços.

Do ponto de vista da Arquitetura, os resultados apontam que o ambiente residencial, concebido a partir de lógicas funcionalistas e padronizadas, mostrou-se insuficiente para absorver a multiplicidade de usos, permanências e experiências corporais exigidas pelo confinamento. A sobreposição de funções (trabalho, estudo,

lazer, práticas corporais e produção artística) tensionou os limites físicos e simbólicos da casa, evidenciando a carência de flexibilidade espacial, de qualidades ambientais adequadas e de atenção às dimensões sensoriais e afetivas do habitar.

Os pensamentos e processos arquitetônicos que acompanham o avanço acelerado das tecnologias, desde a modernidade até os dias atuais, devem seguir consonantes aos aspectos do estilo de vida em contextos específicos, compreender como o tempo das coisas vem se modificando em paralelo aos fenômenos contemporâneos e aos modos do corpo-sujeito ocupar os espaços. O corpo está no centro das crises e constantemente conectado e dependente dos dispositivos digitais e, nesse ponto, tem estado cada vez mais imerso em um hibridismo de experiências entre os ambientes físicos e virtuais.

A trajetória desta pesquisa reafirmou a relevância da tríade ensino-pesquisa-extensão como base fundamental para a produção de conhecimento interdisciplinar, em especial, entre a Dança e a Arquitetura. A integração entre a prática artística no ensino médio (desenvolvida como ação de extensão do NEPARC e de ensino através do estágio supervisionado) e a investigação do estudo de caso com graduandos (pilar da pesquisa) permitiu uma compreensão sensível e abrangente sobre as (re)significações do habitar. Estudos como este, que entrelaça o corpo e a arquitetura para promover discussões sobre o planejamento e produção do ambiente construído, têm o potencial de acompanhar as transformações culturais da sociedade.

O distanciamento físico e social, por exemplo, foi um fenômeno que mudou as dimensões da percepção do espaço, das relações e das formas de ocupar o próprio lar. A necessidade emergencial de adaptação do corpo-sujeito a esses espaços, ambientes construídos estruturalmente difíceis de se modificar, promoveu formas inéditas de se explorar, sentir, observar e pensar a funcionalidade dos mesmos, considerando-se as próprias noções de conforto.

A crise rompeu os modos tradicionais do corpo se relacionar com o outro e o espaço, enquanto a casa foi redimensionada simbolicamente como único espaço possível de exploração pelo corpo. Embora o confinamento tenha sido uma medida fundamental para evitar as complicações de saúde e as mortes ao redor do mundo, o ambiente do lar foi exposto como um espaço que não está preparado para receber os mais diversos tipos de atividades. Essa inadequação foi ainda mais sensível para profissionais ligados à expressão corporal artística e, no contexto desta pesquisa, à dança em especial, que necessita de explorações em espaços com amplitudes

diversas. Da mesma forma, a casa se tornou parte do centro dos fenômenos e está se tornando cada vez mais um ambiente equipado pelas tecnologias e habitável pelo fazer, pelo trabalhar.

O corpo no pós-pandemia busca, ainda mais, a economia de tempo mediante a imersão no ambiente virtual, pelo qual se torna possível percorrer trajetos e acessar lugares tão distantes que jamais se imaginou fazê-lo sem o deslocamento físico. Do mesmo modo, o corpo modifica suas formas de experienciar as multissensorialidades e se acomoda em estados corporais cada vez menos de se explorar, sentir e dar significado ao espaço físico.

Nesse sentido, os deslocamentos físicos ficam desnecessários, as conversas presenciais mais curtas e efêmeras, a leitura menos praticada, a dança fica cada vez menor, inóspita e reduzida aos pixels e ao tempo máximo permitido e estabelecido para o compartilhamento de um vídeo no TikTok® ou Instagram®. Esta e outras plataformas virtuais são ótimas facilitadoras para a divulgação do conhecimento, embora o corpo e a dança não devam se resumir a isso. Caso contrário, a experiência do movimento e a relação do corpo com os ambientes construídos se torna enfraquecida, corpulenta e retraída, ou seja, o desenvolvimento humano, possibilitado pelo mover, também enfraquece e o corpo cai em obsolescência. O mesmo corpo que, segundo pressupostos da psicomotricidade, criou e desenvolveu conhecimentos a partir da sua relação com o espaço e os outros, como o pensamento lógico-matemático.

Esta pesquisa revela ainda que as noções sobre o conforto nos ambientes residenciais foram alteradas de modo que afetou o aprendizado e a profissionalização de estudantes de graduação em Dança. Em especial, como a mediação pedagógica pelas tecnologias afetou nas formas de perceber e experienciar o espaço por meio da dança e, até mesmo, nos modos de se relacionar e comunicar com as pessoas em ambientes físicos compartilhados. Vale ressaltar, especificamente, que a qualidade dos dispositivos digitais e da conexão com a internet passou a integrar as noções de conforto do ser humano em relação ao lugar de morar.

Ficou evidente como cada qual encontrou soluções alternativas para viver e sobreviver ao confinamento e, portanto, na possibilidade de ocorrer outra pandemia, a sociedade pode e vai desenvolver novos modos e aparatos tecnológicos para superar a crise. A questão principal é se os ambientes residenciais, em especial, estarão preparados para outro fenômeno pandêmico, considerando as imprevisíveis

e transformadoras soluções emergenciais a serem adotadas, bem como ocorrido durante o advento da COVID-19.

A abordagem unificada (ensino-pesquisa-extensão) valida a definição aqui estabelecida de Corpo Pós-Pandemia, visto que, a corporeidade e os novos hábitos tecnológicos deixados para o pós-pandemia são fenômenos que atravessam tanto a formação inicial na escola quanto a profissionalização acadêmica. Demonstra, ainda, que o corpo precisa dos ambientes que possibilitem a qualidade na exploração corpo-espaço.

Portanto, as formas de se planejar e construir precisam ser repensadas de modo que acompanhem as transformações dos fenômenos vividos. Para isso, é importante reaproximar os estudos do corpo e da espacialidade aos planejamentos e produções do lugar de habitar, no intuito de investigar e desenvolver as potencialidades do ambiente construído, tornando-o mais flexível para mais ações/fazeres/atividades corporais que favoreçam a experiência humana.

No entanto, é importante reconhecer algumas limitações desta investigação. O estudo concentrou-se em um grupo específico de participantes, do campo da Dança, que embora tenha aprofundado a compreensão das sensibilidades corporais nas experiências, está restrito à generalização dos resultados para outros perfis de indivíduos e contextos habitacionais. Além disso, a análise privilegiou uma dimensão qualitativa das percepções e experiências, por não ter como foco medições técnicas ou avaliações quantitativas do desempenho ambiental dos espaços residenciais analisados.

Logo, como recomendações para trabalhos futuros, sugere-se a ampliação dos estudos para outros grupos sociais e tipologias habitacionais, incluindo diferentes faixas etárias, condições socioeconômicas e realidades urbanas e rurais. Investigações que articulem abordagens qualitativas e quantitativas, integrando percepções corporais a análises de fatores espaciais (térmico, acústico, lumínico e espacial). Esta investigação também propõe outras perspectivas do corpo em relação com as tecnologias digitais em tempos de Inteligências Artificiais (IA's) que, integradas aos espaços, podem contribuir de forma significativa para o avanço do conhecimento na área.

Por fim, esta dissertação reforça a necessidade de uma arquitetura mais sensível às experiências humanas, que reconheça o corpo-sujeito como referência central do projeto e compreenda o espaço doméstico como um ambiente dinâmico,

relacional e em constante transformação. Ao evidenciar as (re)significações da relação corpo-espço no contexto pós-pandêmico, o estudo contribui para o debate contemporâneo sobre o habitar, apontando para a urgência de práticas projetuais que integrem flexibilidade, sensorialidade e atenção às múltiplas dimensões da experiência corporal no ambiente construído.

## APÊNDICE A – Transcrição da roda de conversa (prática 1)

Data: 07 de outubro de 2024.

[00:01]

Ronaldo: Muito bem. As primeiras pessoas que eu quero escutar são as pessoas que estavam vendadas. Antes de eu sugerir qualquer coisa, eu quero saber d percepção de vocês em relação a essa atividade, aos três momentos dessa atividade.

[00:23]

O que vocês sentiram, qual foi o principal aspecto que isso trouxe para vocês, principalmente em percepção corporal em relação ao espaço. Que vocês têm a dizer?

[00:40]

Participante 23: O meu sentimento de sempre foi que que eu tô fazendo? Meu Deus! Porque quando a gente tava andando ali fora, Hum eu sabia mais ou menos o que que eu tava fazendo. Porque eu tava eu eu tava muito fresco na minha cabeça, aí falou assim: "Ah, não, a gente tá no corredor, a gente tá lá lá no negócio, depois que eu toquei na plantinha, falou assim: "Não, a gente tá aqui, tal, tal". Aí As meninas, o tempo inteiro falaram que eu tava vendo, não tava vendo. Chamaram de falso. Mas aí, é, elas me rodaram rodando.

[01:10]

Participante 23: As caras assim, ó, duas vezes. Aí falou assim: "Me perdi". Gente, acabou que eu sabia, eu não sei mais. Não sei se eu tô no mesmo lugar, aí, aí começou. Nossa, eu bati umas três vezes em alguma coisa. Me senti desesperada aqui. Nossa, bati três vezes em alguma coisa, foi no cachorro, tenho certeza. Que a Participante 17, eu? A Participante 17 principalmente, a Raíssa tava aqui na frente, tava bonitinho, aí a Participante 17 falou assim: "Ah, anda aí". Aí eu andava.

[01:40]

Participante 23: Só que ela só falava: "Anda". Aí eu assim, Eu tava do celular segurando Eu vou para onde aqui, gente? Eu vou aqui, aí foi aqui, aí que eu tentei perceber, porque da primeira vez que eu abaixei, eu tava assim, tá bom. Mas quanto que eu tenho que andar aqui no chão? Que simplesmente Participante 17 falou assim: "Abaixa aí, que você vai passar o negócio aqui embaixo". Eu assim: Tá bom.

[02:04]

Eu tenho quase certeza que era dois caixotes aqui eu eu andei mais do que o normal, do que era para andar, porque só teve uma hora que a Participante 17 falou assim: "Levanta, é agora. Vai, levanta, aqui, ó". Aí ela levantou, eu fiquei assim: Mas o que que eu tenho que fazer, gente? Eu não tô entendendo. Mas foi um desespero, porque eu não tava vendo e eu fico desesperada, eu tava assim: Gente, eu tava toda hora aqui assim, ó: Gente, gente, o que que eu tenho que fazer aqui?

[02:30]

Ronaldo: em relação aos três estágios desse mesmo percurso, o que você sentiu? Porque de repente a gente amplia um sentido, que é o sentido da visão, a gente basicamente se baseia nele, para acrescentar outros. E quando a gente impede o óptico, outros, a exemplo do háptico, eles aguçam.

[02:54]

Participante 23: Então qual que foi, o que que você percebeu assim de diferença igual ou alguma. Eu acho que da primeira vez que eu passei debaixo dos caixotes, foi a primeira vez que eu percebi, tipo assim, meu Deus, tem coisas de madeira aqui. Que eu não toquei muito em muita coisa, mas foi a primeira percepção que eu tive, toquei. Então tem madeira aqui. Que foi aí que eu comecei a tomar mais cuidado para andar.

[03:21]

Participante 23: Porque eu tava andando um pouquinho mais normal, aí eu comecei a andar passim, passim, passim, passim, passim. Mas Foi como se eu tentasse puxar na minha memória, como que eu estude, gente? Eu esqueci como é. Aí eu só tentei me guiar pela voz e pelo que eu estava aqui assim, tempo inteiro.

[03:47]

Participante 23: Aí foi um pouquinho difícil porque eu não estava lembrando de nada, mas da terceira vez que era quando não tinha nada, da primeira, quando eu passei pela primeira vez eu pensei que tinha um um sentimento diferente, como se não tivesse nada aqui. Aí eu fiquei assim, será que tem alguma coisa aqui? Aí eu fui tentando. Aí eu fui percebendo. Aí quando eu fui passar por cima do primeiro negócio, que eu fiquei assim, que da primeira vez eu tinha esbarrado em alguma coisa.

[04:16]

Participante 23: Aí fiquei assim, aí não tem nada. Aí eu vi que não tinha nada, falou assim: "Gente, não tem nada aqui". Aí a barba falou assim: "Cala a boca". Aí Aí ela ficou assim, aí falou assim: "Gente, não tem nada". Foi aí que eu falo assim: "Agora eu percebi alguma coisa". E aí que eu tive mais confiança, mas foi um desespero constante, mais ou menos.

[04:41]

Participante 19: Primeira coisa, eu acho que eu deveria ter feito sem meia. Ronaldo: Feito o quê? Participante 19: Sem meia. Ronaldo: Sem meia? Uhum. É, porque eu acho que o tato do chão fica melhor para sentir, tanto é que na hora que eu saí da porta para fora, ali, a primeira vez eu não senti tanta diferença do chão. Aí na segunda, eu percebi a diferença de um chão para o outro. Aí eu pensei se eu tivesse descalço. Acho que seria uma percepção bacana.

[05:06]

Participante 19: É, eu acho que a primeira vez que eu passei, eu fiquei um pouco receosa. de bater em algumas coisas, mas eu fui porque as meninas estavam guiando bem, então eu falei assim: "Ah, vamos lá". E eu não sei se o fator de eu ter escutado alguém falando que era uma casa influenciou um pouco. Chegaram ali na fila, a casa tá assim: "Ah, acabaram com a experiência".

[05:33]

Aí eu acho que já me viesou um pouco porque aí eu sabia que no lavar a mão, ou era cozinha ou era um banheiro, vestia a roupa e aí eu já pensei: Talvez eu tô num quarto, ou pode ser o banheiro também, mas em questão de, deixa eu ver, de percepção no geral... É, lateralidade, eu tenho uma grande dificuldade de me colocar nos lugares. É, quando eu tava fazendo a dupla com a Mai, até falei isso com ela.

[05:59]

Participante 19: Por exemplo, se eu ensaio para cá, se você virar e eu não ensaiar antes, eu não consigo acertar os lados. Então, acho que isso dá para perceber quando fui passar debaixo dos caixotes, porque quando eu posicionava eu desvirava de novo. Então eu posso ser que por causa dessa dificuldade minha no geral, isso influencia em outras coisas, mas em questão de aguçar outros tatos também, deixa eu ver.

[06:28]

Participante 19: Talvez o tato, igual falei, acho que se fosse sem meia talvez seria melhor, mas acho que a escuta também, eu fiquei pensando que doideira quando talvez uma pessoa nasce cega ou por via das dúvidas, ela ao longo da vida fica cega e como a aguça, o quão barulho elas escutam, sabe? Tipo, no sentido de você escuta uns barulhinhos que você não escuta quando você tá enxergando.

[06:57]

Participante 19: É, mas eu não sei mais o que falar, da segunda vez que eu passei, foi mais tranquilo. Não senti muita dificuldade, só que aí tem a questão que primeiro eu fiquei procurando aonde colocar, sentar, porque a primeira vez tinha os caixotes. Aí depois não tinha, só que aí eu percebi rápido que já não tinha mais os apoios que tinha antes. Ai, mas eu não sei, mas o que falar, não.

[07:22]

Participante 19: Se você quiser perguntar alguma coisa, talvez eu possa responder, mas... Ronaldo: E agora vocês já sabem que é uma casa, que tinha cômodos, que tinha coisas, né? Você? Pode? A vontade. Participante 11: É, com relação, eu até tinha brincado com os meninos que para mim não ia fazer diferença, uma diferença muito grande, porque eu já não enxergo muito bem sem óculos, então eu falei: "Não, acho que eu vou me dar bem nessa dinâmica".

[07:51]

Participante 11: Só que a percepção das três vezes, eu não sei, a dinâmica parece que foi ficando mais rápida. Eu até falei com eles, falei: "Gente, acho que da segunda vez a gente tá indo muito mais rápido". Creio que por essa questão de ter tirado os nossos limites espaciais com relação aos caixotes, mas eu não sabia que era uma casa. E até o momento que eu vi aqui no final, que a gente tirou a venda, eu não tinha percebido que era uma casa.

[08:20]

Participante 11: Eu achei que talvez fosse um... como se fosse um a gente tivesse um dentro de um espetáculo, porque a gente colocou vestiu, né? Tinha que sentar para contemplar alguma coisa que eu já falava assim: "Contempla". Então sentava, ficava meio que Mas eu não tinha entendido ainda. E eles foram muito muito seguros assim. Da primeira vez eles estavam muito com medo de bater então eles estavam à mão também, né?

[08:44]

Participante 11: A gente estava mais grudadinho na mão e aí conforme foi passando a segunda para a última, foi mais tranquilo e deixaram, acho que eu senti que eu estava mais livre para explorar o espaço de fato e eu achei muito interessante. Porque

é isso, ter a percepção do espaço no tato, ter a percepção auditiva do colega falando e te guiando e o Participante 4, por essa sua mão, ó, ele guiava assim, né? Então ele, além de me Guiar falando ele.

[09:14]

Participante 11: É, guiava na mão. E aí era bem engraçado, mas foi isso. Ronaldo: Tá ótimo. Participante 8: É, deu para perceber muito o áspero da madeira. Aí logo eu pensei que talvez fosse em caixas.

[09:30]

Participante 8: É, sobre poder ir mudar os níveis, eu acho que foi bom porque sei lá, deu para imaginar realmente como se eu estivesse fazendo dentro de alguma coisa, dentro de um túnel, alguma coisa. É, as meninas guiaram bem. Elas não me disseram nada, só que eu ouvi outras pessoas falando coisas que tavam acontecendo. Aí também deu para imaginar.

[09:57]

Participante 8: É, o direcionamento que ficou só um pouco confuso, porque a Participante 14 falava: "Vai para frente". Aí a minha frente tava aqui, só que a frente dela era outra. Ela não é não é só frente aí. Só frente, mas lateralidade foi! Na primeira vez, acho que a gente fez mais coisas do que na outra vez e eu percebi também que tinham coisas que não tavam existindo ali.

[10:26]

Participante 8: Tipo, ela falou: "Usa o computador". Aí eu falei: "Que computador? Aí eu fiz assim, não tinha nenhum computador". Aí eu fiquei: "Acho que eu vou ter que imaginar um computador". Então tinham coisas reais e não reais.

[10:39]

Participante 7: É, eu já sabia que era uma casa, mas por algum motivo, o meu cérebro apagou essa informação e para mim a gente tava tipo num labirinto. Então, eu não fazia a menor ideia de para onde eu tava indo.

[10:50]

Participante 7: A diferença que eu vi entre as vezes, foi que além de ficar mais rápido eu já sabia o que eu tinha que fazer, então a primeira vez que eu tive que passar por baixo de alguma coisa, eu fiquei muito confusa, só que aí nas próximas vezes quando me falavam: "Ah, abaixa", eu já sabia que eu ia ter que passar no negócio ou quando eu tinha que sentar em alguma coisa também, eu já sabia.

[11:12]

Participante 7: E ah tá, em relação que primeiro tinha os caixotes e eu também sentia madeira e eu sabia que era os caixotes porque eles estavam ali antes. Só que na segunda vez que eu fui passar pelas as coisas, eu tentei relar no caixote, a Aniston fez assim na minha mão, não rela. Aí eu, por quê? Aí agora que eu entendi que não tinham mais caixotes para eu relar.

[11:36]

Participante 7: Mas foi isso, tipo, as coisas que eu tinha que fazer ficaram mais fáceis, mas eu ainda não tinha a menor ideia de onde que tava em relação ao espaço.

[11:48]

Participante 14: Quem que é? Deixa eu ver se tá gravando. Tá. É, eu não fazia ideia que era uma casa. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, para mim era tipo um labirinto, um circuito. É, e aí tipo assim, eu fui decorando coisas muito óbvias, tipo eu sabia que eu começava pulando alguma coisa, fui decorando só e tipo início e fim. O meio eu não sabia a direção, não sabia nada.

[12:11]

Participante 14: Aí tipo assim, por exemplo, eu realmente não sabia nada porque na hora do da saia, os meninos falaram assim, na primeira vez: "É um tecido, pega e veste". E aí eu coloquei assim. E aí na segunda vez eu escutei alguém falar falando, pega a saia. Aí eu falei, é uma saia. E eu estava com ela aqui, tipo com a buz. E aí eu falei, gente, era uma saia esse tempo todo.

[12:32]

Participante 14: É, aí tipo assim, é, na primeira vez eu esbarrei, principalmente na parte de rastejar, era parte que eu ficava mais agoniada, porque eu ficava com muito medo de esbarrar e cair em cima de mim alguma coisa. É, e aí eu esbarrava um pouco, mas era muito pouco. E aí na segunda vez, eu falei assim, não, dessa vez eu não vou esbarrar em nada, eu vou ser muito incrível. E aí eu não esbarrei em nada, porque não tinha nada. E aí eu acabei Eu falei: "Gente, foi incrível, mas não arrumou nada". E aí quando eu tirei a venda eu não tinha nada, e eu fiquei mal.

[13:03]

Participante 14: Mas aí quando foi fazer sem nada, é, eu fiquei muito confusa nas direções, eu não sabia qual que era a ordem e eu não fazia ideia que era uma casa, então tipo assim, nas partes que eu que eles falavam para eu sentar, eu falava: "Ah, deve que era um banheiro". Então eu fui muito pelo que estava escrito na hora, porque eu falei assim: "Não faz sentido eu sentar, sei lá, na cozinha, então vou pelo que está escrito". Então foi muito muito guiado pelo que estava escrito, eu não sabia que era uma casa, então assim. E aí foi essa minha experiência.

[13:35]

Participante 15: Muito melhor a condução física do que a verbal, muito melhor. E eu achei curioso porque quando começou, quando a gente se vendou, a gente foi lá para fora. E aí isso que a Participante 19 falou da meia, achei interessante, porque se eu fosse fazer o mesmo percurso que a gente fez lá fora, eu tenho certeza que seria muito mais fácil. para eu refazer, por causa da grama e por causa dos pisos, que tem diferença lá fora, na entrada do DAH. E aqui é tudo igual.

[14:05]

Participante 15: E aí aqui é tudo igual, e aí eu não tinha esse é esse estímulo, né? Então foi muito mais difícil. É, eu achei também legal a hora que a gente foi abaixar, porque era muito curto e aí eu abaixando assim, ó, eu andando sinceramente amanhã, não, amiga, pode levantar aí assim, não é possível, não é possível que já acabou.

[14:30]

Participante 15: É, a espacialidade assim, eu me perdi completamente aqui na hora de refazer, porque eu também ia me guiar pelo o que estava escrito. Só que eu tinha

certeza que eu tinha feito determinadas coisas em outros lugares. E aí eu falei assim, eu vou fingir que não está escrito nada. E aí eu fui pelo que eu tentei lembrar, eu não fui pelo que estava escrito. Tanto que eu fui fazer xixi aqui. na sala.

[14:56]

Participante 15: E, enfim, é, achei também legal uma uma hora que eu esbarrei e dei um chutão no caixote, né? E aí na outra vez, o Participante 14 falou assim: "Ah, foi aqui que você bateu o pé". E aí eu fiz assim com os dedos assim, ó. E eu comecei a andar muito devagar. E aí ele deu uma risadinha e aí depois eu percebi que não tinha mais nada. Eu falei: "Nossa, que otária".

[15:17]

Participante 15: Mas foi isso, eu me perdi bastante na questão de direções assim, mas a o esse estímulo do do tato fez muita diferença para mim.

[15:30]

Ronaldo: Se importa se eu passar 5 minutinhos? Tudo bem? Tudo bem para vocês? Tudo bem. É rapidinho. É só para abrir para algumas pessoas de fora, se quiserem, é, pontuar as percepções que tiveram de quem estava fazendo ou da da própria condução, da forma de de fazer a pessoa se locomover no espaço de significar o espaço para quem está vendado, né? A partir das nossas percepções.

[15:59]

Ronaldo: Que a gente tinha um sentido a mais. Alguém quer compor alguma coisa?  
Participante 14: É Quando a gente veio, a gente, eu e a Participante 12, a gente, na primeira vez, a gente tava muito sem saber como guiar e quando foi para segunda a gente conversou mais para conseguir fazer se guiar mais pelo tato.

[16:20]

Participante 14: E foi muito interessante isso, que na hora que a gente foi passar ali, que foi onde ela bateu o dedão e foi um estímulo, é, de de voz que eu dei para ela, foi aqui onde você bateu o dedo. E aí ela já começou a andar mais lento, começou a tensionar o corpo. Então, tipo assim, foi, ela entendeu que ali tinha algum obstáculo que ia bater, sabe?

[16:41]

Participante 14: E o que foi mais louco, tá certo você achar que foi na sala, porque você fez xixi na sala num vaso de planta. Então, foi, e aí foi interessante porque a gente tirou de dentro do banheiro a função do banheiro e ela entendeu que não era dentro do banheiro depois, sabe? Então foi um, foi um foi de propósito, foi uma coisa que nem a gente tinha percebido que tinha feito isso.

[17:11]

Participante 14: Mas uma coisa que eu percebi, que eu achei que eu achei interessante é que eu fiquei pensando que eu acho que talvez tenha tido influência da primeira pessoa que fez sem a venda nas outras. Eu fiquei pensando em se as outras pessoas tivessem ficado vendada até o momento de vir fazer, né? Porque eu percebi, sei lá, pode ter sido uma coisa, mas por exemplo, a primeira pessoa saiu aqui pelo quarto. Aí eu vi que algumas pessoas começaram a sair pelo quarto.

[17:36]

Participante 14: É então tipo assim, se as outras tivessem continuado vendadas e só na hora de entrar que tirava e aí sabe acho que o estímulo visual já veio nesse momento de observar o outro.

[18:02]

Participante 10: Só uns pontos que vieram com amor em comentando e tudo mais era que tem algumas coisas coisas que a gente vai fazer, não percebe, igual tipo, a Participante 11, eu sinto que ela você baixou muito mais vezes do que tinha vezes que você abaixou na sua sequência. E aí, tipo, por ter esse estímulo que ali tava aberto, a pessoa associou, tipo assim, eu entrei por lá e vou sair por aqui. E então, essa influência que teve o espaço e visualizar ele. E outra coisa que eu ia falar, que eu não sei se foi assim por outro que a gente não não comunicou assim tanto na hora que a gente tava fazendo.

[18:31]

Participante 10: Mas quando eu tava vendo, eu não dei eu não dei significado para nada. Então, tipo, eu entrava e eu via tipo assim Ah, é um obstáculo. E aí, tipo assim, vamos passar. Aí tinha um obstáculo ali da Acho que é a cozinha, da cozinha ali que é pequenininha, eu ficava tipo assim, por que que isso é um obstáculo? Mas a gente vai passar pelo obstáculo. Então tipo assim, eu não sabia se era uma pia, se era um coisa, então tipo, eu acho que até o fato da gente ter botado para sentar no negócio ali que vocês falaram que é o vaso de planta, é porque a gente viu o negócio assim, ai vamos sentar aqui e sentou.

[19:01]

Participante 10: É, aí tipo tinha um negócio ali, aí a gente falou assim, vamos passar ali no cantinho, aí ficou passando ali no cantinho, mas tipo assim, não tinha um propósito E aí eu acho que na hora que veio para essa ideia de visualizar e chegar ao estímulo de falar tipo é quarto é isso, é quarto é aquilo, aí ficou essa confusão do tipo assim, ué, sabe? Eu acho que talvez se a gente tivesse imaginando que a gente tivesse do começar desde o começo dando essa ideia de construir um ambiente para ela, de que ali era o escritório, de que aqui e aquilo, aí seria completamente diferente.

[19:31]

Ronaldo: Mas aí você só fica pensando no significado, né, o que você falou. E aí você falou dos obstáculos que é uma coisa legal. tipo, ah, por que que isso aqui é um obstáculo? Ah, tudo bem. Vamos passar por esse obstáculo, né?

[19:42]

Ronaldo: E isso é bom para a gente começar a refletir sobre o que foi obstáculo pra gente, principalmente na época da pandemia, levando em consideração que somos profissionais do corpo em formação e a gente precisou desse espaço, né?

[20:02]

Ronaldo: Na verdade foi esse espaço que a gente tinha disponível, ou não, para poder trabalhar, experimentar ou se formar durante a pandemia, né? Por causa de todas aquelas medidas.

[20:22]

Participante 3: É, bom, eu achei difícil guiar, que eu tentei assim, guiar da melhor forma possível e às vezes eu ficava tentando segurar o obstáculo para ele não cair, tanto que eu acabei derrubando e me deu a sensação o tempo todo de que os móveis ou as coisas estavam muito diferentes, igual na cozinha tava escrito cama. E aí ali no vaso, ele tava aqui na sala, então pensei assim: "Ah, então eu acho que não era para seguir mesmo o que tá no cômodo.

[20:52]

Participante 3: E aí depois quando o pessoal foi passar sem os obstáculos, eles foram pelos nomes, então eles fizeram coisas diferentes, por exemplo, em vez de sentar aqui, né, no vaso da sala, que eu entendi que era o vaso, só que estava num lugar diferente, foram, por exemplo, para o banheiro. Aí me deu a sensação que eles se guiaram pelo escrito e não pelas sensações do lugar assim.

[21:15]

Participante 3: Mas eu achei bem interessante porque teve gente que lembrou muita coisa, assim, eu achei que se fosse o fazendo, por exemplo, talvez eu não não lembraria de tantos detalhes assim, mas é isso.

## APÊNDICE B – Transcrição da roda de conversa (prática 2)

Data: 10 de outubro de 2024.

[00:05]

Participante 20: Então, gente, bom dia. Minha experiência foi bastante enriquecedora no sentido que eu me apoiei muito a minha memória, ao princípio, né, no começo da condução. Eu apoiei muito na minha memória corporal e na minha memória mesmo do departamento, do espaço, Porque por mais que às vezes o Participante 14 me conduzia e me falava assim: "Ah, aí é a sala da Eva".

[00:35]

Participante 20: E aí eu já me orientava, tipo assim, então para cá é a cozinha, para cá é o começo do departamento e quando ele começava a me provocar, então começa a andar e me direcionar, eu me apoiando nessas memórias acabou que é eu percebi que o espaço às vezes é muito maior do que eu lembrava. Entendeu?

[00:56]

Participante 20: Tipo assim, nossa, eu demorei isso tudo para poder chegar no... por mais que a gente estava com cuidado e a gente estava com receio tomando movimentos mais devagar e tudo mais, eu comecei a me sentir num outro tipo de ambiente, no mesmo ambiente, mas em outro tipo de ambiente. Então foi muito interessante essa provocação. E lá em cima também eu no estúdio 3 por ele ser mais aberto, eu fiquei mais à vontade.

[01:25]

Participante 20: E aí algumas pessoas assim acabei interagindo e eu acho, achei isso legal, porque na minha cabeça tava de uma coisa, mas ao ver a gravação que o Participante 10 mostrou, tava totalmente diferente, tipo assim, até minha posição, porque eu pensei que eu tava espirrando a cara do Participante 26, mas eu vi na gravação que foi no suvaco. Então assim, essas pequenas coisas, sabe? Foi interessante.

[01:48]

Participante 20: E outra, condução do Participante 14 foi ótima, que nem vou destacar o que você falou antes, no sentido de você às vezes ter uma discriminação de uma forma tipo, vira 20 graus à direita. Então tipo, isso foi um difusor de águas, porque às vezes ele falava só: "Vira direito, eu já tava aqui". Isso é praticamente 90°.

[02:14]

Participante 20: Então, ele falava: "Não, então vira 20, aí eu, tu, tu, tu, aí era onde ele queria". E aí a gente foi negociando para essas coordenadas serem mais efetivas, sabe? Ele foi vendo assim, né, Participante 14, você foi vendo o que que tava funcionando, o que não tava durante a condução, foi legal.

[02:55]

Participante 3: Eu achei interessante, mas extremamente difícil porque vendada eu perco completamente a direção do meu corpo assim, então às vezes eu ia para a esquerda, mas eu já tava rotacionada para outra direção, então assim, me deu essa

sensação assim às vezes de que eu tava com essa dificuldade, mesmo os meninos me orientando bem.

[03:14]

Participante 3: E aí eu interagi com algumas pessoas, deu para perceber aonde que tava, fiquei desesperada ali no elevador, e me deu a sensação de que eu fiz menos coisas do que eu deveria, porque teve uma hora que eu escutei, tem pessoas dançando e aí eu acho que achei que eu não tinha chegado nessa parte. Mas em geral, acho que foi uma experiência boa.

[03:42]

Participante 5: É, eu achei interessante que a Participante 8, a condução dela foi muito boa e ela falava assim: "Ah, estica a sua mão e encosta no armário que tá do seu lado". Aí eu já consegui sentir, assim, ter uma noção do quanto que eu tinha que andar porque o armário terminava. Então, no corredor no corrimão também. Eu já ia com a mão no corrimão e na hora que eu sentia que ele virava, eu já sabia que eu tinha que virar meu corpo também. Então isso foi bem interessante também, foi bem legal.

[04:15]

Participante 24: É, eu gostei, embora tenha ficado com um pouco de medo lá no Studio 3, porque eu fui a primeira a chegar, então tava um silêncio e aí do nada eu ouço assim: "Era essa praga aqui". E eu assim: "Amiga, quem tá aqui?" E a Jé: "Ah, tá, é o Participante 10". E eu falava: "Oi Participante 10". E ele nada. E eu sozinha ouvindo os passos dele, aí tipo, dá um medinho. E aí o que a Janna falou de tipo: "Ah, tem gente fazendo isso, tem gente fazendo aquilo".

[04:45]

Participante 24: A Janna falou: "Ah, ele só mandou aí para o estúdio 3". Eu sentei e fiquei sentada. Aí ela falou assim: "Ah, tem gente explorando". Eu falei: "Então tá, eu vou explorar da minha maneira". Aí eu fiz assim: "Aqui tá o fio, aqui é a sala da Juçara, aqui é não sei o quê, tipo, eu dei um 360 assim". E, fui de escada, achei, tipo assim, a gente anda bem devagarzinho por receio, né, igual você falou, mas na escada eu subi rápido, porque a escada tem um fim, então é só ir no pé assim, isso sobe.

[05:19]

Participante 24: É só sem bater no pezinho e subindo. É, e na hora de descer, como a gente subiu de escada, eu desci de de elevador com o Participante 26. Só que quando a gente entra no elevador, o sinal cai, né? Bacana, eu descobri isso depois. Aí, na hora que fechou a porta, eu não ouvia mais ela. Como é que eu ia apertar o botão? E aí eu apertei o botão da emergência. Aham.

[05:47]

Participante 24: E aí eu tô ouvindo tililin, tililin, tililin. Aí Aí eu consegui achar o zero, porque o zero é um botão mais saltado, né? Apertei o zero, a gente desceu. Consegui encontrar o telefone que tava tocando e tirei da do do da cabinezinha dele e coloquei de volta para ele parar de apitar. Em questão de segundos, assim, eu Resolvi o problema. Resolvi o problema.

[06:16]

Participante 24: E aí, mais uma coisa que eu achei legal, que aqui no estúdio, tanto aqui quanto no 3, não dá para saber onde eu tô indo. Aqui no corredor, os azulejos seguem uma fileira, então eu segui uma linha e fui reto. Embora eu ficasse sempre com a mão assim para ver se eu ia esbarrar em algum lugar. É isso.

[06:47]

Ronaldo: Em relação à atividade da aula passada, aí não tá restrito a um condutor ou um conduzido, é quem quiser mesmo falar, né?

[07:06]

Ronaldo: Qual a principal diferença para vocês em relação a um espaço o qual a pessoa não sabia do qual se tratava, né, que foi o da segunda-feira, e em relação à exploração do espaço que basicamente todo mundo aqui já conhece.

[07:38]

Ronaldo: Qual que foi a maior diferença de percepção vocês, corpo e espaço? Qual é a principal diferença que vocês tiveram nessas duas percepções, tendo em vista que são pessoas são vítimas diferentes, né?

[08:04]

Ronaldo: Mas a gente consegue ter uma visão bem assim, do que aconteceu, porque querendo ou não todo mundo participou. Participante 11: Eu acho que é muito a questão também da segurança, confiança que a gente tem para explorar o espaço.

[08:20]

Porque na outra vez que eu fui conduzida na aula passada, então eu senti por mais que eu tivesse pessoas apoiando, seja nas extremidades, frente, trás, até para explorar, não conhecia, não sabia onde que eu estava entrando, então era era muito mais desconfortável. E observando a Participante 1 fazendo agora Foi impressionante, foi igual a Participante 24, chegou na escada, ela só subiu. É, o elevador, na hora do elevador, caiu o sinal.

[08:50]

Participante 11: E aí eu falei com o Ronaldo, Ronaldo, só corre ela lá. Mas de repente, quando ela chegou embaixo, ela já estava lá embaixo, eu falei: "Ue". Foi quando você Assim, ela se sentiu, ela até falou comigo, depois não sei se ela quiser falar, ela se sentiu segura porque ela já conhecia. Ela apertou o botão porque ela já sabia onde ficava o número zero, ela já, então assim, tudo ela já sabia Tinha hora que caiu o sinal, de repente ela já estava na frente, porque ela falou: "Não, eu já sei onde eu estou".

[09:18]

Participante 11: Então ela se sentiu segura no espaço que ela já conhecia, então é questão de confiança, essas coisas.

[09:27]

Ronaldo: É, só antes dela terminar, você acha que isso, essa essa confiança, essa relação mais facilitada com o espaço em relação à memória, você acha que tem a ver com alguma ideia de conforto? De você se sentir confortável naquele espaço? Participante 11: Eu acredito sim. Ronaldo: E principalmente em questão de movimentação, porque para se locomover só tem um jeito, né?

[09:56]

Ronaldo: Então a gente se locomove de acordo com que esse espaço construído ele tá pré-determinado, ele tá ali, ele é estrutura, ele não se move. Ele é limitado, vamos falar assim. Então, você acha que isso consegue, em relação à memória e imaginário, trazer essa noção do conforto em relação às movimentações? Participante 11: Com certeza.

[10:19]

Participante 11: E até também a gente tem essa sensação tátil de Eu esqueci como chama o Como se fosse aquele estímulo que cai, qualquer coisinha a gente sente, sabe? E mesmo que ela tivesse num espaço que ela tem o costume desse conforto, pela confiança do espaço que ela já conhece, ela poderia sentir medo de que algo, sei lá, caísse nela ou que ela trombasse barra sinal, mas nem isso deixou com que ela se sentisse desconfortável nesse espaço conhecido.

[10:55]

Participante 12: Pra mim, uma coisa que eu percebi bastante, nessa diferença de poder conduzir e ser conduzida num espaço já conhecido, mas ao mesmo tempo não, é como as coisas se transformam com muita facilidade, sabe? No sentido de que quando a gente entrou na sala, quando eu estava conduzindo a Participante 15, depois no final, ela falou assim: "Eu sabia que a gente entrou no estúdio porque eu senti o fio, o fio da câmera".

[11:24]

Participante 12: E a Aí essa coisa dos detalhes que mudam o espaço. Só que aí logo em seguida ela falou assim, é mas eu achei que o percurso fosse muito maior, porque teve uma hora que eu e o Participante 14, a gente andou com ela pela estrutura que tinha aqui no chão, só que a gente saiu e começou a fazer a volta para ir lá para o final da fila. Aí ela: nossa, não acaba a casa nunca?. Então os detalhes, ela sabia que ela tava no estúdio, mas parecia que o estúdio inteiro era uma casa e na verdade isso estava recortado, então a transformação de um espaço que ela já conhece.

[11:53]

Participante 12: E para mim foi a mesma coisa. Por mais que eu soubesse aonde eu estava dentro do Departamento, eu sabia onde tavam as coisas, eu nunca eu nunca toquei no espelho. Eu nunca cheguei no espelho e toquei no espelho. E tinham coisas que eu fui descobrindo por mim mesma. A Participante 15, ela teve ela foi muito cuidadosa comigo, mas ela não me deu todas as respostas. Então ela falou: "Olha, você está perto da porta". Aí eu, tipo assim, aí eu tinha que achar onde é que tava essa porta. Eu toquei na porta.

[12:20]

Participante 12: É, então essa relação de você transformar esse espaço, sabe? Ele virar uma outra coisa, ele fica tanto grande quanto pequeno e você sentir essas texturas de uma maneira diferente, sabe? Eu toquei na cortina e eu eu fiquei assim: "Nossa, a cortina". E aí quando a Participante 15 falou assim para mim: "Ah, tô vendo a chuva". Eu escutei o barulho da chuva, então é uma coisa que vai ativando a outra e o espaço ele se transforma, porque quando eu tô de olhos abertos, vou lá no Studio 3, abro a cortina e abro a janela, legal, abrir a cortina e abrir a janela.

[12:49]

Participante 12: Só que foi especial para mim ter aberto a cortina, eu vi a a claridade mesmo por baixo da venda, e ela falou: "Tá chovendo". E aí eu vi, e eu vi logo em seguida, foi tipo assim, um despertar, sabe? Então essa transformação que eu achei muito interessante. Ronaldo: É, já a segunda pessoa que comenta basicamente a mesma coisa. Que eu já tô começando a, a formular ideias, né? Acho que foi você que falou primeiro e agora você.

[13:18]

Ronaldo: Vocês trataram de uma coisa que é muito legal, que tem a ver com a relação de distância e de dimensão do espaço ocupado ou não. Ocupado pelo corpo, digo, né, relação corpo e espaço. E que quando temos todos os sentidos ligados com o botãozinho de ligado, talvez a gente não perceba, né?

[13:45]

Ronaldo: São relações do espaço filosófico, o espaço humano, com o espaço construído, que é o espaço matemático, que passam despercebidas. Como, por exemplo, essa noção de dimensão que vocês estão trazendo. Se eu tapo o olho, isso é maior do que eu imaginava do que era, né? Então, é, e a gente sabe que isso é individual.

[14:09]

Ronaldo: Ainda encontrando coisas em comum, essa noção de distanciamento e de lugar, ela ainda sim é individual, né? Tirando esse parâmetro lógico-matemático que a gente traz muito na arquitetura e eu quero justamente pontuar essas percepções de vocês para mostrar que tudo o que é construído, toda a relação do espaço matemático se dá justamente por causa do espaço interno humano, né?

[14:36]

Ronaldo: Se não fosse essa percepção que nós temos, isso não seria conceituado. Existiria mas não seria conceituado da forma que é conceituado, certo? Se não fosse a percepção e essa questão do espaço construído se pautar no conforto, se pautar no corpo humano, né? Porque ele se pauta nisso, não é para outra coisa que ele é construído. Não é mesmo?

[15:04]

Ronaldo: Então já é legal encontrar essas mesmas percepções, tendo em vista que ainda assim são individuais, né? Que a minha noção de 2 m até chegar no Participante 16 pode ser para você de 3 m e 1/2, né? Mas isso já é uma questão matemática, tá para além disso.

[15:31]

Participante 8: Na segunda, eu fiquei vendada, aí no início foi estranho, só que depois, por ser dentro do estudo que é um lugar que eu conheço e pela condição das meninas também que são pessoas que eu conheço, eu achei divertido fazer porque era que nem um circuito de quando a gente é criança. Aí foi tranquilo. Só lembrar depois que foi meio complicado. Mas sobre hoje, lá fora conduzir, eu achei muito difícil porque tinha uma vida na minha responsabilidade. Aí eu tava suando, tava nervosa.

[16:00]

Participante 8: Eu pensei tudo que ela bater, ou alguém que ela bater, não pode acontecer. Aí tentei ter esse cuidado, só que chegou lá em cima no estúdio 3, estava só ela. Uma hora eu falei: "Senta no chão, pode fazer o que você quiser, pode rolar, pode, sei lá, dançar, fazer o que você quiser". Aí eu só vi a câmera assim. Aí eu, é. Mas assim, foi de boa. Engraçado também, deixa eu te falar o último.

[16:25]

Participante 8: A gente consegue sentir a presença de uma pessoa perto, dependendo do quão perto. Só que hoje, você passou correndo assim na escada, bum. Aí ela, tô sentindo alguém na minha frente. Aí, eu é um espírito.

[16:59]

Ronaldo: Um momento final da nossa conversa, gente.

[17:04]

Ronaldo: Aí eu já vou trazer agora alguns termos, né, e direcionar isso que a gente tá fazendo para o foco do projeto da pesquisa. Ai, tô tentando formular uma pergunta. Mas vocês mesmos e mesmas já falaram algumas palavras que o projeto traz como palavra chave, como por exemplo, transformações nessa noção.

[17:33]

Ronaldo: É, não falaram exatamente, mas trouxeram a ideia de redimensionamento, transformação, pode vir a ser a mesma coisa que redimensionamento, mas ao mesmo tempo são coisas, são termos diferentes, né? E essa percepção corpo e espaço que a gente tá falando dela aqui do início ao fim e a gente vai falar desde a matrícula aqui na Ufv até a entrega do TCC, a gente vai falar disso, né?

[18:03]

Ronaldo: Inevitável. Então eu queria trazer mais uma palavra que é a adaptabilidade. E pensando se houveram e quais houveram, transformações nessa percepção de vocês do corpo-espaço, corpo com o espaço.

[18:29]

Ronaldo: Trazendo essa ideia do espaço interno, que eu estou falando espaço interno, filosófico, espaço humano e o espaço mensurável, que é o espaço dotado de regras, medidas, a matemática, tá? Quem quiser responder, fica à vontade. Então, eu quero saber se houveram transformações nessa percepção corpo e espaço de vocês e quais redimensionamentos.

[18:53]

Ronaldo: Como que redimensionou essa percepção de vocês durante a pandemia em relação ao espaço da casa principalmente?

[19:11]

Como a sua percepção corpo-espaço se transformou durante a pandemia.

[19:23]

Participante 10: É, vou até fazer um comentário sobre desse momento que eu estava gravando agora. É, é bem interessante ver que tudo tem forma. E aí as coisas que criam essa forma, elas conduzem. Então o Corrimão na hora que ele fazia a curva, ele te conduzia aí.

[19:46]

Participante 10: Então tem esses lugares que foi muito engraçado, o chão, que eu lembrei do que a Participante 19 falou na segunda-feira sobre fazer descalço e senti esse lugar que também tem essas formas do chão que vai te guiar para frente. Enfim. E aí o que me veio muito na cabeça é que às vezes a gente perde noção do tempo. Então o espaço ele tem esse ele ocupa ele ocupa um tempo. Ele ocupa um tempo para eu percorrer ele, ele ocupa um tempo para eu ocupar ele.

[20:13]

Participante 10: Então, eu nunca presto atenção quando eu tô andando, tipo assim, eu sempre ando no corredor, eu sempre passo no que eu tô fazendo, tipo sei lá, ou eu tô viajando, eu já andei muitas vezes no corredor. Mas esse corredor, ele, eu nunca presto atenção em cada tempo que eu ocupo nos passos que eu vou dando. Então eu nunca, eu nunca tenho a dimensão completa dele. E para mim, em relação disso tudo que eu fiz com a com a pandemia para mim, foi que eu descobri novos lugares na minha casa.

[20:38]

Participante 10: Então, tinha cantos que viraram, pegaram outros significados, lugares que eu gostava de sentar, lugares que eu gostava de olhar diferente. Então, eu comecei muito a sentar no chão. Eu comecei muito a deitar no chão. Eu comecei muito a procurar quinas, por causa que a quina ela me dá uma dimensão completamente diferente do todo.

[20:58]

Participante 10: Então eu reparei isso há uns anos atrás, não, há sei lá, férias atrás que eu fui para casa e eu me busquei, e eu me eu me peguei estando nesses lugares de novo, que foram lugares muito interessantes, que foram lugares que muitas vezes me levou a reflexões, que me levou a questionar de mim mesmo, da vida, enfim, por aí vai.

[21:22]

Participante 10: Mas eu busquei muito cantos, cantos que me pegavam amplitude, porque eu sentia que eu estava muito dentro do meu quarto e o meu quarto tava me levando para um lugar ruim. Então, sempre quando eu volto para casa, eu tenho uma tendência muito grande a ficar triste. E a retomar esse lugar meu de tristeza, que eu estava muito ali. Então, eu senti que para eu ampliar, eu buscava outros lugares da casa, mas que eu tinha o canto. Então, as paredes, elas me davam a proteção de eu estar encostando em algo. Então, eu estava na quina encostado Mas eu ainda tinha noção do mundo, sabe?

[21:52]

Participante 10: Eu ainda tinha noção da minha volta, eu ainda via, sei lá, meu pai, minha mãe passando, meu irmão. Então, eu busquei um lugar que eu ainda me sentia confortável, que eu não ia sair dali, mas que eu pudesse ver além.

[22:15]

Participante 14: analisando essa questão do desse redimensionamento dos passos e as transformações do corpo e espaço na pandemia. Eu observei que na pandemia eu criei um bloqueio com muitos espaços dentro de casa. Então, muitos lugares que eu hoje em dia eu não consigo acessar, porque eu criei esse bloqueio por estar nesses espaços. Então, por exemplo, ficar deitado na cama para mim me traz uma angústia.

[22:43]

Participante 14: Então, quando eu chego em casa, eu não deito mais na cama. Eu tento trazer a minha cama como aquele local de dormir acordar e levantar. Porque, por exemplo, se eu passo, sei lá, um um domingo inteiro deitado na cama, quando chega no final do dia, eu fico com uma angústia muito grande. Eu sinto uma sensação de angústia como se eu tivesse feito isso durante meses, que foi o que aconteceu na pandemia. Boa parte da pandemia eu fiquei deitado na cama, assistindo série, assistindo filme.

[23:09]

Participante 14: E aí esse local, esse espaço dentro do meu quarto, ele criou um bloqueio em mim que eu tenho, então eu tento hoje trabalhar em cima disso. assim como outros espaços dentro do, do, do meu quarto. Então, é, e foi engraçado que durante a pandemia a gente chegou fazendo algumas aulas, algumas coisas, a gente tentou e aí eu lembro que eu tive esse local de buscar e transformar o espaço do meu quarto para ser um local para eu dançar.

[23:37]

Participante 14: Mas que hoje eu não consigo visitar esses locais, eu criei um bloqueio nisso. Então por exemplo, eu, se eu quero compor, eu quero estar dentro desse espaço hoje, eu não consigo olhar com o olho que eu olhava na pandemia porque eu tenho um bloqueio daquele espaço.

[23:57]

Participante 10: É só que isso que você falou do negócio da pandemia, a gente fez contemporâneo 1 na pandemia. E aí foi, eu fazia no meu quarto e aí eu batia em tudo, eu chutava a cadeira, eu chutava a o o guarda-roupa, eu chutava tudo. Mas eu tava tão preso no meu quarto que depois que acabou a disciplina, é, acabou o período.

[24:23]

Participante 10: Eu lembrei que na parte de cima da minha casa tinha um espaço imenso que eu podia rolar e eu podia, sabe? Tipo, imenso, vazio, uma a sala imensa, que eu podia estar fazendo aula lá. Que ninguém fazia nada lá, estava vazio, não tinha um móvel lá. Então, tipo assim, por que que eu estava fazendo no meu quarto? Mas eu não conseguia, eu só fiz todas as minhas aulas no meu quarto. Mas eu tinha um espaço para fazer. Mesmo isso tendo me limitado, eu podia ter explorado 15.000 vezes mais.

[24:49]

Na verdade Mas eu acho que eu só, tipo, teve um momento que eu tive que gravar um trabalho e aí eu acho que eu gravei um ou dois lá em cima. E aí que eu tomei a dimensão, falei assim: "Putá, por que que eu não fiz aqui, sabe, esse tempo inteiro"? Participante 3: É, bom, eu acho que durante a pandemia eu não ressignifiquei muito espaço da minha casa não, eu ficava muito só no meu quarto e eu chegava a trabalhar 12 horas seguidas, né?

[25:18]

Participante 3: Que eu sou psicóloga e às vezes eu fazia aula online também. E aí acho que foi o após, o depois da pandemia que fez que me fez ressignificar que eu justamente vim para dança depois. Acho que eu cansei de ocupar o mesmo lugar, assim, eu acho que durante eu não consegui explorar outros lugares.

[25:36]

Participante 3: Apesar de me sentir confortável em casa, mas eu acabei ficando muito assim em um único lugar e eu acho que foi um estímulo para eu querer mudar esse lugar no depois do período da pandemia, acho que de tanto tempo que eu fiquei, né? Era Só isso mesmo.

[26:01]

Ronaldo: só uma, mais uma coisinha que eu gostaria de saber.

[26:05]

Ronaldo: E esses redimensionamentos que a gente tava falando aqui, cada qual com os seus, né, com as suas, é, adaptabilidades, né, a esses espaços ou não, eu queria saber se esses redimensionamentos na percepção corpo-espaço de vocês deixaram, não precisa dizer quais, quem quiser pode falar, deixaram alguns rastros para o pós-pandemia.

[26:35]

Ronaldo: O que esses redimensionamentos trouxeram e mantiveram na percepção corpo-espaço? Deu para entender mais ou menos? Porque toda a experiência, toda vivência e experiência adquirida, nos faz comportar de alguma forma. A gente segue, o tempo passa e a gente é tomado por aquilo durante um tempo, que foi um fenômeno.

[27:02]

Ronaldo: Se a gente vive esse fenômeno, se a gente vivencia, experiência esse fenômeno, de certo ele te afeta alguma forma. Então a pergunta é essa, se esses redimensionamentos na percepção corpo-espaço de vocês, principalmente em relação a casa durante a pandemia, deixaram rastros ou algumas informações nessa mudança.

[27:30]

Participante 8: Quando tava na pandemia, eu dançava em casa em um espaço bem pequeno e sempre batia na porta no armário, então eu sempre tentava deixar minha dança menor. E quando eu vim para cá, que eu tive acesso ao estúdio desse tamanho, é, eu nunca mais consegui voltar a dançar lá.

[27:50]

Então, quando eu chego em casa, é, depois de um tempo, primeira coisa que eu sinto falta é do estúdio, desse tamanho todo livre que a gente tem para poder explorar e do quanto, tipo, eu consegui fazer uma dança maior, poder explorar, é, várias coisas diferentes.

[28:09]

Participante 11: Eu acho que é inevitável que as transformações aconteçam e principalmente acho que ninguém melhor para falar, acho que até os professores sentiram isso, porque quando a gente voltou, é, era nítido a expressão facial deles assim, como a gente se desenvolvia no espaço, então o corpo e o espaço tanto da nossa percepção como artista explorando espaço e do outro vendo o espaço porque já teve contato com outras pessoas que não vivenciaram a pandemia.

[28:40]

Participante 11: Então acho que são transformações que são inevitáveis e que aconteceram constantemente e que a gente vai carregar isso por um longo tempo, porque a gente desenvolveu até vícios corporais dentro do espaço, seja para a gente se defender, não de algo de ruim, mas da da forma que a gente vai fazer determinada aula, essas limitações que a gente teve durante a pandemia, elas vêm na hora de uma determinada aula, enfim, elas acontecem e é isso.

[29:17]

Participante 7: Eu tenho um pouco da mesma sensação que que a Participante 8 teve, porque na pandemia eu fazia aula no estúdio de dança, lá na cidade onde eu moro. É, num estúdio de dança. Não, então, eu fazia. Aí começou a pandemia, a gente começou a fazer aula E aí tipo, diminuiu muito o espaço e depois que eu consegui voltar para o estúdio, eu acho que isso refletiu até nas coisas que eu crio porque eu não consigo mais criar coreografia pequena.

[29:43]

Participante 7: Tudo o que eu faço tipo ocupa muito espaço, eu desloco muito. Então até nos meus trabalhos finais às vezes eu tenho que diminuir o espaço deles para caber por exemplo na sala preta pra conseguir porque eu não consigo deixar meus trabalhos pequenos porque me agonia pensar em dançar com pouco espaço de novo.

[30:02]

Ronaldo: Você acha que querendo dizer então que essa restrição reverberou numa ânsia de querer ocupar o espaço de expandir o que você tava sentindo ali em relação a essa compressão. Participante 7: Sim.

[30:28]

Participante 14: dessas dimensões que ficaram que eu senti muito que foi esses bloqueios e foi esse local de não conseguir estar em espaços muito grandes. Eu me agonia estar em espaços muito grandes e muito movimentado. Então por exemplo, quando eu vou numa festa grande, sei lá, uma spring, eu nunca consigo ficar no meio, eu sempre fico nos cantos.

[30:58]

Participante 14: Então depois da pandemia eu senti isso, eu comecei ter bloqueio de ocupar o espaço. Eu sempre procuro os cantos em festas, eu não consigo ficar em locais com muita gente porque eu sinto que o espaço fica menor, então eu eu quero Tá, eu gosto de ter um espaço grande, porém afastado.

[31:18]

Participante 14: E aí eu senti muito isso e é uma coisa que eu tenho trabalhado, mas até mesmo quando a gente começa a vir pelo espaço, eu começo a perceber que eu sempre vou procurando os cantos que nunca tem ninguém, né? E quando a gente tá dançando ou fazendo laboratório, então isso foi uma das coisas que ficou muito forte em mim. E eu percebi isso quando eu fui numa primeira festa pós-pandemia, que antes eu sempre tava na frente do palco e nesse agora eu só queria tá nos cantos onde não tinha ninguém e tinha espaço para eu conseguir ver todo mundo.

[31:51]

Ronaldo: Bom, gente, eu só tenho a agradecer, tá? Muito obrigado por terem aceitado essa loucura, né? Minha, só minha. É, mas que querendo ou não faz parte da vida de todo mundo, né? A gente tá falando de um fenômeno global. Então, bem ou mal, mais ou menos ou na na tábua da beirada, todo mundo passou por isso, né? É, mais uma vez agradeço.

[32:21]

Qualquer dúvida que vocês tiverem em relação a termo de livre consentimento, registro de imagens, se quiser bater um papo depois, tomar um café, vamos conversar, eu quero falar mais sobre isso. Pode me chamar que eu tô aberto, mas aí já não faz parte da pesquisa, é para jogar conversa fora mesmo, tá? Porque às vezes a gente precisa, né? Às vezes isso gera outras coisas, outras ideias. É, quem sabe para projetos futuros, né? Então, mais uma vez muito obrigado.

[32:50]

E a gente tem uma terceira etapa, que ela é mais simples. Eu vou enviar para o e-mail de vocês o questionário. É um questionário, basicamente trazendo, é, o que que o que que as palavras-chave, os termos que eu trouxe aqui para a gente, é, colocar em pauta a discussão, tá? E aí, lembrando, é livre para quem quiser responder, apesar de que eu agradeço muito que respondam, porque vai fazer toda a diferença para que isso não fique só aqui.

[33:20]

Para que a prática, toda essa percepção que vocês tiveram nas atividades não fique só entre nós, tá? É, então são várias perguntas, vocês fiquem à vontade para responder, eu vou mandar para vocês e qualquer é acréscimo, consideração, pode mandar, que é sempre muito bem-vindo, tá bom? Andrea, obrigado por ceder o espaço, o tempo espaço né?

[33:45]

São a mesma coisa da disciplina, é, tenho certeza que, como eu falei, vai agradar, vai ou não, né, vai enriquecer de alguma forma as duas partes, né? Tanto do mestrando para professora, quanto do mestrando para os graduandos e a gente vai viver nessa troca até todo mundo se formar e ir para o mundo, OK? Obrigado, gente.

## **APÊNDICE C - Respostas do questionário da pesquisa**

**Você teve experiências de aulas práticas no período de ensino remoto (PER/2020-2021) da UFV? Se sim e, caso queira, comente quais.**

Participante 1 respondeu: Não

Participante 2 respondeu: Sim, de dança contemporânea I e ballet 0

Participante 3 respondeu: Não

Participante 4 respondeu: Não tive

Participante 5 respondeu: Sim

Participante 6 respondeu: não

Participante 7 respondeu: Não

Participante 8 respondeu: Não

Participante 9 respondeu: Sim, cursei uma disciplina prática/teórica.

Participante 10 respondeu: sim, contemporâneo 1, ballet 0, arte do movimento 1 e 2 (não lembro de todas)

Participante 11 respondeu: Sim, por escolha decidi fazer a maioria das disciplinas teóricas e optei por fazer apenas duas teórica/prática, que demandou uso do espaço, o que acabou sendo um pouco limitante pelo espaço que utilizava não ser muito adequado para realizar práticas. No mais, consegui dar seguimento nas disciplinas mesmo com imprevisto com relação ao espaço.

Participante 12 respondeu: Sim, cursei três disciplinas teóricas no primeiro período remoto em 2021 e no período seguinte, cursei duas disciplinas práticas (introdução ao balé clássico e contemporâneo)

Participante 13 respondeu: Não

Participante 14 respondeu: sim, Tive uma disciplina DAN 492 da UFV. E aulas online de contemporâneo e ballet. além de ensaios com um grupo de dança.

Participante 15 respondeu: Não tive

**Para estudantes que ingressaram no ano ou após 2022: você teve experiências de aulas práticas, anteriores ao seu ingresso na graduação em Dança, durante o período da pandemia da COVID-19 e das medidas de distanciamento físico e social? Se sim e, caso queira, comente quais.**

Participante 1 respondeu: Sim, fiz aulas de fitness dance, zumba e bale

Participante 2 respondeu: .

Participante 3 respondeu: Participei de algumas aulas remotas de preparação para tecido acrobático, com uma aluna da UFV. Era um pouco difícil, pois tinha que estar conectada com a Internet, então acabei fazendo as aulas no meu quarto.

Participante 4 respondeu: Sim, usamos máscaras para fazer a aula, a dificuldade foi para ouvir o professor através da máscaras, mas de resto deu para desenvolver.

Participante 5 respondeu: Entrei em 2020.

Participante 6 respondeu: Sim. Só comecei a fazer aulas de dança durante a pandemia, fiz aulas remotas regulares de vários estilos com a Maki, que até é minha professora e fiz por cerca de 3 meses com dançarinos e coreógrafos de kpop.

Participante 7 respondeu: Sim. Eu fazia aulas em um estúdio de dança e durante um período da pandemia ficamos tendo aulas online pelo meet.

Participante 8 respondeu: Sim

Participante 9 respondeu: Ingressei em 2020

Participante 10 respondeu: ingressei no ano de 2021

Participante 11 respondeu: .

Participante 12 respondeu: Sim, já fiz várias aulas e práticas de danças diversas com frequência antes da pandemia.

Participante 13 respondeu: Sim. Fiz aula de ballet online e dança contemporânea no início de 2022. Nós ficávamos de máscara, mas o distanciamento não era tão priorizado por já estar no final da pandemia.

Participante 14 respondeu: Entrei em 2020

Participante 15 respondeu: Sim, fiz vários workshops durante a pandemia no meu quarto

**O ambiente (casa, apto., etc.) no qual você reside hoje é o mesmo que habitou no período da pandemia/ distanciamento social? Se a resposta for não, e caso queira, comente.**

Participante 1 respondeu: Não, antes morava em um apartamento, mesmo grande era difícil fazer as aulas, agora moro em uma casa com dois andares e consigo fazer as aulas em qualquer espaço

Participante 2 respondeu: Em uma parte de sim, me mudei no meio da pandemia

Participante 3 respondeu: Minha mãe mora no mesmo lugar, como eu faço estágio na minha cidade, toda semana retorno para a mesma casa. Mas em Viçosa resido em outro lugar.

Participante 4 respondeu: Sim.

Participante 5 respondeu: Não. Mudei de casa durante a pandemia e após também.

Participante 6 respondeu: Não, me mudei quando entrei na faculdade.

Participante 7 respondeu: Meus pais ainda moram na mesma casa, então quando volto para minha cidade natal fico nela.

Participante 8 respondeu: Não. No período da pandemia eu morava na casa da minha mãe no RJ, atualmente vivo no alojamento da universidade.

Participante 9 respondeu: Sim, é o mesmo.

Participante 10 respondeu: não, durante a pandemia eu estava na casa dos meus pais, depois me mudei para viçosa

Participante 11 respondeu: Não, pois apesar de em ambos os períodos antes e pós pandemia eu residir em apartamento, a dimensão espacial deles é completamente diferente, o fato de ter me mudado para Viçosa e estar em um apartamento diferente, e não estar com minha família por perto também contribui com a forma como utilizo o espaço que hábito cotidianamente.

Participante 12 respondeu: Não é o mesmo, na época da pandemia do COVID-19 eu ainda morava com os meus pais na cidade de São José do Rio Preto, em São Paulo. Eu tinha acabado de iniciar o meu terceiro ano do ensino médio, lembro-me de estar pegando o ônibus para voltar para casa quando surgiram as notícias nas plataformas digitais sobre o COVID-19 e a possível pandemia. Em uma semana, já estávamos todos alunos com as aulas suspensas, enquanto meus pais ainda eram os únicos a entrar e sair de casa para trabalhar.

Participante 13 respondeu: Sim

Participante 14 respondeu: Não, na pandemia O ano de 2020 fiquei em um apartamento que só cabia uma cama e um guarda roupa. (numa pensão). depois morei com meus pais em casa maior. hoje moro em uma república, alugando um quarto.

Participante 15 respondeu: Não, me mudei pra Viçosa e tenho um quarto maior do que antes.

**Durante o período do distanciamento físico e social, qual cômodo da sua residência você mais utilizava/ permanecia? Gostaria de falar sobre isso?**

Participante 1 respondeu: Varanda,quarto e sala

Participante 2 respondeu: Quarto

Participante 3 respondeu: Meu quarto. Mesmo tendo outros ambiente como quintal, me sentia segura nele e acabava realizando muitas atividades no computador naquele local.

Participante 4 respondeu: Quarto. Ambiente que conseguia me sentir bem, e aonde exercitava os a fazeres do dia. E chegava a ser entediante

Participante 5 respondeu: Quarto.

Participante 6 respondeu: Eu dividia quarto com a minha irmã, e era o lugar que eu mais ficava, também ia pra sala as vezes para gravar vídeos dançando.

Participante 7 respondeu: Eu utilizava mais meu quarto. Não foi algo TÃO diferente do que estava acostumada porque sempre fui uma pessoa mais quieta e já passava bastante lá, porém o fato de ser uma "obrigação" deixava um pouco claustrofóbico.

Participante 8 respondeu: Meu quarto.

Participante 9 respondeu: Durante o período de distanciamento eu passava a maior parte do tempo na sala, ficar deitada na cama durante o dia me deixava angustiada.

Participante 10 respondeu: quarto e o canto da sala, eram os dois lugares onde criei um lugar de conforto e mantive durante esse período

Participante 11 respondeu: Os quartos, por uma questão de conforto e segurança, enquanto a sala eu utilizava para realizar aulas que necessitavam de espaço.

Participante 12 respondeu: Durante a pandemia, os cômodos da casa em que eu costumava morar que mais utilizei foram a cozinha, o único ambiente da casa com uma mesa no qual podia utilizar para realizar os meus estudos (apoiar o caderno, o computador, melhor conexão de internet); a sala, principalmente no que diz respeito a realizar as aulas práticas; e varanda, lugar em que mais passava o meu tempo seja praticando dança, exercitando meus hobbies, simplesmente olhando para o céu, entre outras coisas para passar o tempo.

Participante 13 respondeu: Meu quarto. Eu passava praticamente o dia todo dentro do quarto, visitava a sala, ia até a cozinha para comer e o banheiro, apenas.

Participante 14 respondeu: Meu quarto, passei 70% da pandemia na minha cama, levantava para atividades específicas e voltava para cama, ao ponto de sentir dores corporais por ficar muito tempo deitado.

Participante 15 respondeu: Passava muito tempo na sala, a não ser que fosse fazer aula, ou estudar, preferia fazer sozinha no meu quarto.

**Você realizava atividades essenciais/cotidianas neste cômodo? Gostaria de comentar quais eram essas atividades? (Ex.: Trabalho, estudo, lazer, etc.)**

Participante 1 respondeu: Lazer e trabalho

Participante 2 respondeu: Trabalho e estudo

Participante 3 respondeu: Sim, eu fazia graduação em Biologia na UFV na época e fazia as aulas remotas, também realizava meus atendimentos como psicóloga e até participava de projetos de extensão como o PETBio e o Celin, também reunia com amigos pelo Discord e pelo Google Meet.

Participante 4 respondeu: Treino de musculação, pegava coreografias , estudava e dormia

Participante 5 respondeu: Sim. Mas este é um hábito que já tenho bem antes da pandemia.

Participante 6 respondeu: Estudava um pouco de dança e idiomas, fazia doces e artesanato para vendas.

Participante 7 respondeu: Sim, fazia a maior parte das minhas atividades no quarto. Principalmente lazer, mas as aulas de dança eu fazia no quintal.

Participante 8 respondeu: Sim, praticamente todas.

Participante 9 respondeu: Sim, era nesse cômodo que eu fazia provas online, assistia algumas aulas, mas durante as disciplinas práticas ou que necessitavam de ligar a câmera durante a chamada eu utilizava o quarto.

Participante 10 respondeu: sim, lazer e as aulas da faculdade

Participante 11 respondeu: Sim, quando morava com minha família tanto antes e durante o período pandêmico, meu quarto sempre foi um local de conforto e segurança como mencionei acima, participava de aulas, dançava, me divertia de diversas formas, está tô sozinha ou acompanhada.

Participante 12 respondeu: Sim, no momento de estudos quando o conteúdo era passado através de uma chamada online e era necessário realizar anotações ou atividades que necessitavam maior concentração para o aprendizado, geralmente ficava na cozinha pois não possuía escrivaninha no meu quarto ou algum outro lugar mais propício para os estudos. Também utilizava a sala para realizar os estudos, um lugar mais aconchegante e confortável, porém não era sempre, pois a conexão de internet nesse ambiente era mais fraca. Devido ao espaço, a iluminação direcionada, e a conexão de internet, que mesmo sendo fraca ainda era melhor do que a conexão na varanda, realizava as aulas práticas no ambiente da sala. Já a varanda se tornou o meu lugar principal de lazer.

Participante 13 respondeu: Sim. Estudava e praticava exercício físico. Comecei a praticar yoga e meditação dentro do quarto, e hoje em dia percebo o quão difícil é realizar em outro lugar. Assistia filmes, séries, lives, tudo no quarto.

Participante 14 respondeu: Sim, tudo era nele. Aulas, reuniões, estudos lazer.

Participante 15 respondeu: Estudava e dançava no meu quarto sempre

**Ao realizar alguma(s) ou todas essas atividades, foi necessário (re)organizar e/ou (re)adaptar o espaço físico em busca de melhor desempenho/ aproveitamento do mesmo? Gostaria de comentar sobre isso?**

Participante 1 respondeu: Ss,tive que mudar alguns moveis de lugar,e readaptar os locais tanto para as aulas remotas quanto para o trabalho

Participante 2 respondeu: Sim, eu tinha q levantar a minha cama pra poder fazer as aulas.

Participante 3 respondeu: Não, meu quarto era até espaçoso.

Participante 4 respondeu: A luta maior foi ter forças para realizar as atividades, pois fazer dentro do quarto trazia vontade de ficar só na cama, sem fazer nada . As vezes não sair organizado em horários fixos.

Participante 5 respondeu: Sim. Principalmente para as aulas da faculdade.

Participante 6 respondeu: Sim, eu morava num lugar muito pequeno, então sempre que ia dançar, eu tinha que tirar todos os móveis da sala, e no meu quarto, eu precisava mover a cama.

Participante 7 respondeu: Sim, para dançar, principalmente. O quintal que eu tinha para dançar não era pequeno, mas o chão não era muito apropriado e os movimentos sempre ficavam muito pequenos para caberem na tela do celular.

Participante 8 respondeu: Sim, tentei otimizar o espaço arrastando os móveis, alguns inclusive para fora do quarto, para poder ter mais espaço livre.

Participante 9 respondeu: Sim, minha casa é bem pequena, então precisei arrastar alguns móveis pra conseguir ter espaço pra me movimentar minimamente, as vezes quando a aula acontecia de manhã eu não tinha tempo hábil pra arrastar os móveis e etc, então precisava assistir aula sentada na cama e minhas movimentações acabavam ficando centradas nos braços e é algo que tenho dificuldade de abandonar até hoje.

Participante 10 respondeu: eu praticamente não mudei meu quarto nesse momento, eu só tirava a cadeira do lugar para não bater enquanto fazia as aulas

Participante 11 respondeu: Sim, acredito e percebo o quanto a pandemia me limitou até mesmo em um espaço que conscientemente eu realizava várias atividades (mesmo com algumas limitações), mas parecia que pelo momento que estávamos vivendo esse local foi diminuindo de tamanho e já não cabia mais realizar atividades como eu fazia antes ou então tinha a opção de reformular essas atividades.

Participante 12 respondeu: Sim, para realizar as aulas práticas na sala era necessário organizar o ambiente, às vezes utilizar cadeiras que buscava da cozinha, e também empurrar um dos sofás. Para poder estudar, às vezes eu abria a passadeira de roupa e colocava na frente do sofá para que eu tivesse uma escrivaninha improvisada, ou me dirigia para cozinha e retirava a toalha de mesa e a fruteira, além de adicionar alguns travesseiros para cadeira ficar mais confortável.

Participante 13 respondeu: Não foi necessário reorganizar, mas mudei os móveis de lugar depois de um tempo por estar enjoada.

Participante 14 respondeu: sim, algumas partes e espaços do meu quarto foram movidos e significados também. ouve um processo de adequar meu corpo ao novo espaço que até então tinha uma função limitada. como a cama virar mesa, ou o corredor se tonar studio de aula.

Participante 15 respondeu: Sempre arrastava a cama e tirava o tapete, as vezes arrastava o guarda-roupa também.

**Considerando o contexto do ensino formal (acadêmico) e/ou informal da formação em Dança, esse espaço recebeu adequadamente a realização das atividades práticas solicitadas pelo curso ou por outras atividades? Se quiser, comente.**

Participante 1 respondeu: Não como eu gostaria, mesmo adaptando o local não tinha espaço suficiente para as atividades.

Participante 2 respondeu: Não, por muitas vezes me sentia limitado.

Participante 3 respondeu: Não fiz nenhuma atividade do ensino formal ou informal da Dança propriamente, somente as aulas de preparação para tecido, que eram alongamentos e fortalecimento corporal, que não precisava mesmo de muito espaço.

Participante 4 respondeu: Não conseguir readaptar por conta do espaço do meu quarto.

Participante 5 respondeu: Em parte.

Participante 6 respondeu: Eu nunca tinha feito aulas presenciais antes da pandemia, e eu já estudava (ensino fundamental) em casa antes disso, então pra mim não fez tanta diferença na época, mas acredito que os professores, principalmente de dança, fizeram o melhor possível, mas é muito difícil adaptar o suficiente, tenho certeza que isso prejudicou muito.

Participante 7 respondeu: Não, o espaço não atendia bem as necessidades.

Participante 8 respondeu: Não, era muito pequeno.

Participante 9 respondeu: Não.

Participante 10 respondeu: não, era um espaço muito limitado, acredito que poderia desenvolver mais em um espaço maior

Participante 11 respondeu: Sim, mas sinceramente me lembro bem pouco de modificações feitas, pois todas eram muito pontuais sendo que elas eram feitas e desfeitas durante as práticas, como por exemplo na disciplina de balé, para enquadrar a câmera e ter mais espaço eu mudava o sofá de lugar e contava com a colaboração da minha família.

Participante 12 respondeu: Não muito, acredito que dentro das minhas condições fiz o possível, mas ainda assim o espaço era limitado, muitos movimentos ficavam restringidos, o piso não era adequado e a conexão com a internet era algo muito instável, que não colaborava com o foco ou com o fluxo de ideias no momento de dançar.

Participante 13 respondeu: Sim.

Participante 14 respondeu: tudo o que pude fazer nesse espaço durante as aulas foram limitados fazendo com que o meu corpo se adequasse ao espaço e não ele a mim, me trazendo vícios corpóreos contínuos depois que deixei de utilizar esse espaço reduzido.

Participante 15 respondeu: Consegui fazer a grande maioria das coisas que precisava, embora fosse apertado e bem solitário

**Você teve algum impedimento (espacial, tecnológico, etc) relativo à realização dessas atividades? Quais? Comente se achar necessário.**

Participante 1 respondeu: Acredito que sim, atualmente movimentos mais espaçados e grandes tenho certa dificuldade em realizar

Participante 2 respondeu: Sim, internet não muito boa e limitações de espaço.

Participante 3 respondeu: A conexão com Internet ficava instável se eu fosse para o quintal, onde eu teria mais espaço para explorar. Acabei continuando a realizar no meu quarto.

Participante 4 respondeu: Não

Participante 5 respondeu: Sim. O espaço era pequeno para o que era solicitado nas aulas práticas.

Participante 6 respondeu: Como disse antes, minha casa era muito pequena, então era necessário a retirada dos móveis as vezes, e nem sempre eu podia fazer isso, já que morava com toda minha família, irmãos, mãe e avó. Muitas vezes eu deixava de dançar, ou dançava de madrugada, quando estavam dormindo.

Participante 7 respondeu: Os lugares em que eu tinha espaço para dançar às vezes não tinham um acesso bom à internet ou tinha fluxo de pessoas e carros (minha garagem, por exemplo).

Participante 8 respondeu: Sim, falta de espaço suficiente, wi-fi instável e compartilhamento de computador eram os principais fatores.

Participante 9 respondeu: Sim, durante a pandemia alguns professores fizeram exigências um pouco irreais de equipamentos e condições espaciais para realização das aulas, eu não tinha nem sequer um computador adequado quem dirá câmera, tripé ou espaço amplo.

Participante 10 respondeu: espacial, era mais limitado

Participante 11 respondeu: Sim, principalmente por estarmos em localização diferente, tanto os professores e colegas de turma, acontecia da conexão de internet falhar e perder parte simbólica ou importante da aula, ter um movimento limitado durante uma prática pela disponibilidade de espaço, ter minha cadela invadindo a aula, enfim, são questões mais nesse sentido.

Participante 12 respondeu: Sim, era um pouco complicado a negociação da utilização do espaço com os membros da família, pois muitas vezes o espaço já estava sendo ocupado por outra pessoa. A conexão de rede instável também era um impedimento muito grande, pois além de atrapalhar a realização da minha aula, muitas vezes precisei mudar de cômodo no meio do processo. Adequar o espaço também foi outro impedimento, por questões pessoais e de convivência com a família, não era permitido que eu organizasse a casa de um jeito que facilitasse a minha prática, então eu tinha que mexer nos móveis ou na disposição dos objetos o mínimo possível.

Participante 13 respondeu: Sim. O espaço não era ideal para se movimentar, muitas vezes batia na cama ou na mesa de estudos.

Participante 14 respondeu: espacial principalmente, o espaço diferente com aulas em experimentação no contexto de pandemia, tecnológico também, pois na época não tinha notebook limitando mais ainda minha execução das atividades.

Participante 15 respondeu: Era bem chato quando a internet caía e os workshops travavam

### **Quais as suas considerações sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação, para o momento do distanciamento físico e social?**

Participante 1 respondeu: No período de distanciamento acredito que foi mais do que valido, atualmente vejo que as pessoas se apegaram tanto a isso, que atualmente as pessoas estão distantes uma das outras, ficam so no individual.

Participante 2 respondeu: Muito importante, já que sem elas não teríamos como fazer as aulas.

Participante 3 respondeu: Foram essenciais, pois permitiu que não parassem por completo a realização de muitas atividades e até mesmo o contato com as pessoas. Também despertou um olhar para a possibilidade de continuar utilizando, por exemplo, proporcionou que pessoas de outros países participassem de reuniões no Brasil. Ao mesmo tempo que limitou o espaço físico, parece que reduziu fronteiras entre cidades e países. O Excesso de telas acabou sendo algo cansativo, ficar muitas horas sentada, mas ao mesmo tempo possibilitou esse despertar para a possibilidade do uso da Internet, até mesmo para cuidados com a saúde, como, por exemplo, a realização de psicoterapia on-line, que cresceu muito na época (eu tive a experiência de ser paciente e de ser terapeuta).

Participante 4 respondeu: Foi importantíssimo para manter o contato com outras coisas, mesmo não sendo físicas, tipo aulas on-line e atividades, e contato com outras pessoas para conseguir manter equilíbrio entre esse distanciamento físico

Participante 5 respondeu: Foi importante para mostrar que há sim possibilidade de certas atividades de forma remota. Ajudou para que algumas professoras aceitassem mais trabalhos de forma virtual após a pandemia.

Participante 6 respondeu: Acredito que foram essenciais, ficar longe da família e amigos foi muito difícil, ter como pelo menos conversar com eles, ligar, ajudou muito. Mas por outro lado, acho que hoje em dia ainda nos apegamos muito a isso e deixamos de estar junto pra apenas mandar mensagem.

Participante 7 respondeu: Acredito que a tecnologia tornou o processo de certa forma muito mais fácil. Poder me comunicar com as pessoas, me distrair e ter informações sobre os acontecimentos fazia com que eu não me sentisse tão sozinha.

Participante 8 respondeu: Foram essenciais, pois ajudaram a tornar suportável esse momento.

Participante 9 respondeu: O uso da tecnologia foi fundamental pra que as aulas acontecessem durante o período de pandemia, muitas ferramentas foram ressignificadas e se mostraram bastante úteis.

Participante 10 respondeu: era meu meio de comunicação e acesso ao “mundo” de certa forma, acabou consumindo muito do meu tempo durante esse período da pandemia, acabou sendo um consumo excessivo que atualmente ainda sinto um certo apego e necessidade da utilização da tecnologia e das redes sociais. ultimamente tenho tentado muito diminuir o tempo de tela, as vezes me pego sem energia/disposição para fazer coisas essenciais do meu dia a dia

Participante 11 respondeu: Essencial, em um momento que a presença física não se fazia possível, o meio tecnológico foi extremamente importante para que conexões além da tecnológica não fossem quebradas, nem tudo são flores, mas na base os meios de comunicação foram essências.

Participante 12 respondeu: Acredito que os meios digitais de tecnologia e comunicação foram muito importantes nesse momento de distanciamento social, pois

eles nos promoveram lazer, a oportunidade de continuarmos realizando as nossas atividades cotidianas, mesmo a distância, e também nos manter atualizados, conectados e, de certa forma, confortáveis dentro do ambiente de casa. Entretanto, essas tecnologias se tornaram extremamente essenciais e influentes nossa rotina, visto que para tudo que iríamos realizar teríamos que estar conectados, o que impactou profundamente a nossa relação com o social e com o espaço (a dança começou a ter que caber em telas, os diálogos ficaram mais rápidos, as conversas eram cortadas ao meio devido a conexão de rede, as informações vinham de qualquer lugar...).

Participante 13 respondeu: Penso que foi necessário, visto que era o "único" meio de comunicação. Porém, falho, no sentido que muitos que não tinham acesso, não recebiam essas informações e comunicações.

Participante 14 respondeu: proporcionaram uma forma de ainda poder ver e estar com o outro, mas de forma limitada a como eu quero e me sinto confortável, mostrando aquilo que me convém da forma que me é confortável, ao ponto de me resumir a uma tela quadrada. mas e depois ou fora da tela??

Participante 15 respondeu: Foi muito útil, mas não foi perfeito.

**Com relação às práticas exigidas para a formação acadêmica em Dança (ou simplesmente pelas práticas de Dança), realizadas durante o período de distanciamento físico e social: em algum momento, você notou possíveis transformações no seu corpo-sujeito, no que diz respeito às suas percepções da relação corpo-espaço? Comente.**

Participante 1 respondeu: Sim, como momento fazer as práticas em espaço pequeno o corpo se acostuma com poucos movimentos, ao encontrar um espaço amplo o corpo não reage a movimentos ao longe, até ele se acostumar novamente

Participante 2 respondeu: Sim sim, com o passar das aulas pude perceber um aumento considerável na consciência corporal e na amplitude de movimentos juntamente com um novo repertório corporal.

Participante 3 respondeu: Não sei se notei transformações no meu corpo, pois durante a pandemia não fiz praticamente nenhuma atividade da Dança, exceto os alongamentos e exercícios de preparação física, às vezes também dançava no quarto, mas de forma livre e sem estar ligada a nenhum tipo de ensino. Acho que essa transformação ocorreu depois, pois senti necessidade de voltar a dançar e de fazer outras atividades fora do espaço da minha casa, com isso, acabei decidindo ingressar no curso de Dança da UFV.

Participante 4 respondeu: Não tive essa percepção, continuei mesmo dentro de casa com as minhas atividades, e como sempre ensaiei ou estudei dentro do quarto, para mim foi normal.

Participante 5 respondeu: Me fez perceber que o espaço influencia bastante o emocional e o físico.

Participante 6 respondeu: Muitas pessoas disseram em aula, como não conseguiam mais dançar "pequeno" depois da pandemia, e comigo foi completamente o contrário. Como eu nunca tinha feito aula de dança antes da pandemia, eu aprendi a dançar, dançando pequeno, e agora na faculdade, com o estúdio que é do tamanho de onde eu morava, eu me sinto menor. É uma das coisas que as professoras mais corrigem em mim, desde quando cheguei, deixar meus movimentos maiores, mas ainda não consigo, apesar de já ter melhorado bastante.

Participante 7 respondeu: A diferença que eu notei (fora não conseguir ter tanta evolução técnica) foi a mudança nas minhas criações. Atualmente praticamente tudo que eu crio em relação a dança toma muito espaço, não consigo criar coreografias que não sejam expansivas em termos espaciais justamente por ter passado tanto tempo fazendo tudo tão pequeno.

Participante 8 respondeu: Neste momento eu dançava sempre com medo de bater meu corpo nos móveis e objetos, por isso dançava contendo meus movimentos e avanços no espaço. Isso me causava frustração e a sensação de estar sendo sufocada.

Participante 9 respondeu: Sim, percebi minha movimentação mais centrada em mãos e braços porque eram as possibilidades de movimento no meu espaço limitado, também percebi uma dificuldade em pensar em formas de deslocamento pelo espaço, mesmo agora dispondo do espaço amplo do estúdio.

Participante 10 respondeu: sim, acho que tomei uma certa consciência principalmente do espaço que meu corpo ocupava dentro de casa, as limitações e também as possibilidades que antes não tinha dimensão

Participante 11 respondeu: Não foi uma transformação totalmente consciente de instante, as percepção foram sendo tomadas com o passar do tempo, além de me auto observar, as pessoas próximas vão tendo percepção também sobre como o "corpo-sujeito" se coloca no espaço que já se é familiar, mas parece novo pela nova configuração que a vida se moldou.

Participante 12 respondeu: Sim, passei a ter um olhar bem mais externo do corpo, preocupada com a forma e com a aparência que era transmitida nas chamadas de vídeo ou nos próprios vídeos pessoais que gravava. O espaço parecia pequeno e limitado, somente do tamanho que se enquadrava na câmera e não da casa na qual sempre dancei.

Participante 13 respondeu: Meu corpo se "adaptou" ao pequeno espaço do meu quarto. Quando pude sair, me vi estranhando a grandeza dos lugares. Refletindo sobre isso, percebo que sempre fui uma pessoa expansiva, mas acredito que por ficar tanto tempo em um espaço pequeno, meu corpo-sujeito, como explicitado na pergunta, se tornou pequeno. Meu caminhar, meu movimentar. Tive, e talvez, tenha medo da expansão (apesar de buscar tanto ela).

Participante 14 respondeu: sim, principalmente na relação espaço cheios com muitas pessoas, o vício de procurar e se sentir confortável sempre nos lugares mais esvaziados no geral, como em eventos, festivais ou festas. encontro-me sempre nos cantos longes das multidões e lugares apertados. Também a dificuldade de ficar muito tempo em lugares muito fechados, como no meu quarto ou salas pequenas transcendo uma angustia e ansiedade muito grande, essa mesma sensação vem quando fico muito tempo usando o celular mexendo em redes sociais (que foi o que mais fiz na pandemia).

Participante 15 respondeu: Estar entre "4 paredes" me deixou muito deprimida e me sentindo muito entediada e sozinha. Talvez por isso, ou simplesmente pelo pouco espaço e pela falta da socialização que a dança sempre me proporcionou, eu nunca conseguia dar 100% de mim nas minhas aulas, era tudo muito preguiçoso e muito marcado. Isso afetou meu aprendizado durante as aulas que fiz.

**Com relação à necessidade (ou não) do uso das tecnologias durante o período de distanciamento físico e social: em algum momento, você considerou e/ou observou possíveis transformações no seu corpo-sujeito, à respeito das noções que você tem sobre "lugar"? Comente.**

Participante 1 respondeu: Sim,creio que era muito impulsiva em relação ao corpo - sujeito,fazia movimentos dos quais nao imaginava,atualmente sinto meio recuada dependendo do movimento

Participante 2 respondeu: O que me chamou a atenção mesmo é que eu estava tão acostumado com meu quarto que ao fazer um uso diferente ele acabou ficando "estranho".

Participante 3 respondeu: Acho que meu quarto virou tudo, meu local de estudo, de trabalho, de lazer e de me exercitar e dançar.

Participante 4 respondeu: Fiquei mais intocável tipo isso, demorei para voltar a tocar tanto nas coisas da cidade quanto nas pessoas.

Participante 5 respondeu: Não reparei mudanças quanto a isso.

Participante 6 respondeu: Não sei se entendi direito a pergunta. Mas sim, eu fui atrás de aulas online de qualquer coisa que eu gostasse, então aprendi muita coisa que as vezes até esqueço que aprendi,

Participante 7 respondeu: Acho que num geral tudo ficou menor para caber na tela do celular.

Participante 8 respondeu: Eu tinha esquecido como era andar por aí tranquila e todos os lugares dentro de casa que eu frequentava pareciam restritivos e sufocantes.

Participante 9 respondeu: Acredito que hoje em dia me sinto mais confortável em espaços familiares, com saídas visíveis, sem aglomerações, minhas noções de conforto permanecem atreladas as noções de biossegurança

Participante 10 respondeu: acho que a resposta anterior contempla essa pergunta

Participante 11 respondeu: Com certeza, como mencionado antes que as transformações não foram de instante, mas foram inevitáveis e também nem sempre perceptíveis a olho nu, mas sentidas... O que acaba deixando tudo mais complexo. Por exemplo, a forma como eu deslocava pelo espaço que residia era mais direto, mais ainda sim mais amplificado, depois com o tempo foi se tornando mais um local de descobertas e o corpo se moldando a essas descobertas, em um ponto de curiosidade mesmo e com uma presença mais limitada.

Participante 12 respondeu: É difícil responder essa pergunta, sendo que muitas questões pessoais de convivência familiar atravessam as minhas noções de lugar... A experiência de distanciamento social me afastou do aconchego de casa e me trouxe um anseio em apenas poder caminhar por um espaço aberto. Gostaria que a minha antiga casa tivesse mais janelas pro mundo e menos janelas pras paredes.

Participante 13 respondeu: Acredito que a resposta anterior contempla essa pergunta.

Participante 14 respondeu: muitas vezes as tecnologias me deliberaram o conceito de lugar, estando tão imerso nelas a ponto de deixar de observar ou esquecer a configuração de muitos locais que tinha acesso, e so pude observar esses lugares (minha casa) quando precisei adapta-lo para as aulas praticas.

Participante 15 respondeu: ...

**Em relação ao ambiente da casa/residência o qual habita(va) durante o período da pandemia e do distanciamento físico e social: você considerou e/ou observou, também, as transformações/redimensionamentos na sua percepção corpo-espaço e possíveis rastros deixados para o pós-pandemia? Se você se sentir à vontade, comente.**

Participante 1 respondeu: Ss,movimentos amplos

Participante 2 respondeu: Sim sim, tudo começou a parecer maior ou parecer que poderia ser ampliando.

Participante 3 respondeu: Acho que a vontade de sair e explorar outros ambientes.

Participante 4 respondeu: Acho que minha resposta anterior, responde essa !

Participante 5 respondeu: Me fez perceber que por mais que passe muito tempo dentro de casa e goste bastante desse espaço, ficar tempo demais dentro dele influencia muito o meu humor e o emocional.

Participante 6 respondeu: Sim, quando me mudei pra Viçosa e vi meus vídeos antigos dançando na sala, percebi quão pequeno era e quão grande parecia pra mim na época.

Participante 7 respondeu: Algumas coisas que facilitavam as coisas durante a pandemia continuaram por algum tempo, por exemplo, meu pai deixava uma bacia com a água e água sanitária para higienizar os sapatos após chegar da rua e isso se tornou um hábito mesmo após a pandemia.

Participante 8 respondeu: Me espanta um pouco pensar sobre como o seu mundo de repente pode se tornar apenas 4 paredes e você se vê obrigado a encarar que o caos dentro e fora de você não é tão diferente assim.

Participante 9 respondeu: Todas as alterações que eu fazia no espaço para as aulas eram desfeitas no fim, então o espaço não traz uma memória desse período, mas eu me sinto angustiada com a possibilidade de me movimentar nesses espaços novamente.

Participante 10 respondeu: sim, sinto que a principal ponto é um vontade ainda maior de explorar meu corpo e os lugares que consigo alcançar a partir dessa evolução do meu eu

Participante 11 respondeu: Sim, transformações que foram inevitáveis e que são observados até hoje, seja ao realizar uma aula em um espaço mais amplo ou mais limitado, o corpo se coloca com mais limitação e cuidado, cuidado esse para com o espaço pessoal ou espaço compartilhado com o outro.

Participante 12 respondeu: Sim, desconforto em lugares com multidões, desconforto em estar perto de pessoas e ter que interagir com elas, interesse por corridas e caminhadas, busca por moradias espaçosas e que pudessem me proporcionar espaço individual e redução de "bateria social".

Participante 13 respondeu: Acredito que minha resposta sobre a expansão da outra pergunta seja o rastro que ficou.

Participante 14 respondeu: minha relação com meu quarto, me fazendo pegar o máximo de coisas para se ocupar e evitar estar nele, ou deitado na minha cama pois ficar muito tempo deitado nela dá uma sensação de perdido como se estivesse na pandemia.

Participante 15 respondeu: No pós pandemia, eu nunca me senti tão bem estando fora de casa e estando no Studio em que eu dançava, mas o que me surpreendeu foi que eu ainda sim gostava muito de ficar no meu quarto e da minha casa de modo geral, eu continuei passando muito tempo deitada, mas era por estar cansada das atividades presenciais do dia a dia, e disso me deixava muito feliz.

**Gostaria de compartilhar alguma ideia adicional? Fique à vontade para descrever quaisquer comentários complementares a respeito das suas percepções/reflexões sobre os debates e a prática realizada,**

## **relacionados eixos pandemia + distanciamento físico e social + (corpo) pós-pandemia**

Participante 1 respondeu: A prática foi muito bem desenvolvida, principalmente a parte dois das aulas, a quanto tempo não olhamos as pessoas nos olhos e sorrimos, pode parecer algo simples, mas que atualmente temos uma dificuldade enorme, tenho claustrofobia, e na prática me vi vendada, sem conexão com minha dupla, lugar apertado, fiquei um pouco ansiosa, mas me acalmei, respirei e consegui me controlar, no qual na pandemia eu não conseguia ter essa calma, e já partia pra ansiedade, creio que essa atividade me fez ter outro olhar, tanto na percepção do corpo-espaço quanto corpo-sujeito.

Participante 3 respondeu: Na aula surgiram reflexões interessantes, até mesmo de como as pessoas iniciaram na Dança durante a pandemia e de como adaptaram os espaços da própria casa para conseguirem dançar e como isso reverberou no corpo pós-pandemia. No meu caso, que não tive tanto contato com a Dança na época, acho que ficou essa vontade de ocupar outros espaços e de experimentar dançar, também acho que ficou um receio em relação a ambientes muito lotados, mas não me recordo como eu lidava com isso antes da pandemia.

Participante 4 respondeu: É mais uma ideia, poderia trabalhar também, esse distanciamento sobre corpos, de não poder ter contato com outra pessoa dentro da sala de aula, e como esse distanciamento causa nas nossas relações com os coletivos.

Participante 8 respondeu: Obrigada pela pesquisa.

Participante 11 respondeu: A experiência desde as práticas vivenciadas e compartilhadas em aula, as trocas pelas falas em roda, foram excelentes! Me fez perceber e pensar sobre coisas que eu em particular não havia questionado desde a pandemia, e nesse pós pandemia me permitiu observar com outra perspectiva.

Participante 12 respondeu: A prática é realizada foi muito interessante para nos mostrar como as nossas percepções podem se alterar em relação ao espaço e também transformar o espaço. Há uma construção de afetos e sentidos em todo o espaço material, uma lógica que adotamos e uma rotina de ocupação de espaço, que foi alterada drasticamente com a pandemia e nos fez ressignificar o espaço habitado e construir novos sentidos para o mesmo, o que também atravessou nossa personalidade e comportamentos.

Participante 14 respondeu: Está sendo diferente observar minha forma de me relacionar com o outro. Apesar da pandemia, ainda tento manter uma relação de convívio ao ocupar os mesmos espaços. Porém, na nova geração (calouros) que está chegando, parece que, para eles, isso não faz diferença. Ocupamos os mesmos espaços, mas são corpos distintos, que não têm qualquer relação. É como se dois corpos ocupassem o mesmo espaço, mas nunca se tocassem. Ambos estão em redes diferentes. É como se ainda estivéssemos na pandemia, afinal, era como se, através das chamadas online, todos estivessem no meu quarto, mas eu não conseguisse tocar ninguém, pois as janelas (do Meet ou Zoom) eram diferentes.

## ANEXO A – Carta autorização Coluni/UFV



**COLUNI**  
Colégio de Aplicação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
COLÉGIO DE APLICAÇÃO Cap-COLUNI  
Avenida P. H. Rolfs. s/n - Campus Universitário  
36.570-900 – Viçosa – MG - BRASIL

Viçosa/MG – Brasil, 24 de maio de 2025.

Autorização de Uso de Materiais de Relatório de Estágio para fins de  
publicação

Prezado(a) Editor(a) da Revista Estud(i)os de Dança,

Eu, **Alessandra Gomes Mendes Tostes**, Diretora do **Colégio de Aplicação Cap-Coluni da Universidade Federal de Viçosa**, autorizo **Ronaldo Rodrigues Mansur Ferreira** a utilizar os materiais do seu Relatório de Estágio, intitulado “RESIDÊNCIA ARTÍSTICA PLANTA BAIXA: CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES NAS CONSTRUÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS”, para fins de publicação da referida ação educativa no formato de Relato de Experiência, intitulado “**Residência Artística Planta Baixa na nuvem: uma abordagem interdisciplinar entre dança e ambiente construído**”, em revista científica.

Estou ciente de que o uso desses materiais será feito de acordo com as normas e regulamentos aplicáveis.

Agradeço pela atenção e estou à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ALESSANDRA GOMES MENDES TOSTES  
Data: 27/05/2025 13:47:59-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Alessandra Gomes Mendes Tostes  
Diretora do Colégio de Aplicação CAp-Coluni - UFV

## ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP – Plataforma Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
VIÇOSA - UFV



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** "CORPO PÓS-PANDEMIA": TRANSCRIÇÕES SOBRE (RE)SIGNIFICAÇÕES DA RELAÇÃO CORPO-ESPAÇO E A CASA

**Pesquisador:** Rosana Pimenta

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 82108524.5.0000.5153

**Instituição Proponente:** Departamento de Artes e Humanidades

**Patrocinador Principal:** FUNDACAO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 7.065.344

#### Apresentação do Projeto:

O presente protocolo foi enquadrado como pertencente às Grande Área 1. Ciências Exatas e da Terra, Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas e Grande Área 8. Linguística, Letras e Arte.

As informações elencadas nos campos *Apresentação do Projeto*, *Objetivo da Pesquisa* e *Avaliação dos Riscos e Benefícios* foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_ 2311306.pdf) e/ou do Projeto Detalhado:

1. **RESUMO:** Este projeto tem como objetivo gerar discussões sobre notórias ressignificações da casa como função além de habitacional em decorrência do fenômeno da pandemia da COVID-19. Tais perspectivas evidenciam a necessidade de refletir sobre a relação corpo-espaco, através de transcrições das realidades múltiplas inseridas no contexto da formação profissional acadêmica em Dança. Portanto, a pesquisa irá explorar, através de Estudo de Caso, o sentido individual/coletivo de permanência/adaptabilidade em espaços residenciais, se utilizando da coleta de dados para compreender as transformações do significado da casa e seus desdobramentos em relação à sua estrutura em face da experiência do dançarino em formação. Pretende-se, também, explorar as percepções de participantes sobre arquitetura, a relação corpo-espaco e o uso/função do ambiente construído, com o intuito de contribuir com pesquisas futuras sobre planejamentos arquitetônicos, ao compreender as necessidades

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-977  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 7.065.344

Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	16/07/2024 16:24:28	MANSUR FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_de_pesquisa_detalhado.pdf	16/07/2024 16:20:22	RONALDO RODRIGUES MANSUR FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	16/07/2024 16:15:20	RONALDO RODRIGUES MANSUR FERREIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

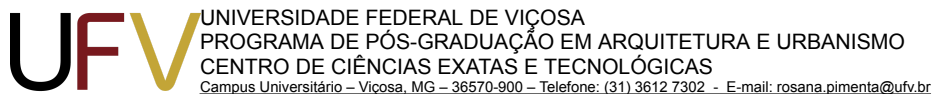
VICOSA, 10 de Setembro de 2024

---

**Assinado por:**  
**Guilherme de Azambuja Pussieldi**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 36.570-977  
**UF:** MG **Município:** VICOSA  
**Telefone:** (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br

## ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada "CORPO PÓS-PANDEMIA": TRANSCRIÇÕES SOBRE (RE)SIGNIFICAÇÕES DA RELAÇÃO CORPO-ESPAÇO E A CASA, sob a responsabilidade da Professora Doutora Rosana Aparecida Pimenta.

**JUSTIFICATIVA:** A importância do desenvolvimento de pesquisas no contexto pós-pandêmico pautadas nas relações do corpo-sujeito com o ambiente construído, leva em consideração as mudanças nas percepções do espaço que o ser humano ocupa, das suas funções e das noções de conforto. Possibilita, também, reflexões sobre os espaços construídos na contemporaneidade, ao questionar se esses ambientes estão preparados/planejados para uma próxima/nova pandemia. Tem o potencial de revelar e teorizar a existência e os aspectos da personificação de um corpo pós-pandemia a partir da percepção expressada nos dados coletados.

**OBJETIVO(S) DA PESQUISA:** Identificar, apresentar e discutir as (re)significações da relação corpo-espaço e a casa a partir da transcrição realizada por estudantes universitários sobre suas percepções em relação aos espaços que ocupam(vam) no trânsito da pandemia. Considerando o uso, formas de proceder e atuar nesses espaços diante da multifuncionalidade, ao qual os mesmos foram submetidos no período de isolamento social, suas transformações e os rastros deixados para o pós-pandemia.

**BENEFÍCIOS DA PESQUISA:** O registro, a reflexão e fundamentação para pesquisas futuras e/ou planejamentos das edificações, ao levar em consideração as mudanças nas percepções do espaço que o ser humano ocupa, das suas funções e das noções de conforto. Visto que, a pesquisa se debruça no entendimento do corpo-sujeito e sua relação com os espaços e suas reais transformações no contexto pós-pandemia, e as modificações nas noções dos sujeitos relativas ao significado da casa.

**PROCEDIMENTOS:** A Pesquisa de Campo consiste na coleta de dados a ser realizada junto aos estudantes do Curso de Graduação em Dança matriculados na disciplina de **DAN 218 - Dança Contemporânea IV** da Universidade Federal de Viçosa. Serão realizadas práticas de mediação artístico-pedagógicas corporais no contexto do desenvolvimento da disciplina. Por meio do estágio de docência, o mestrando atuará na disciplina prática, pois a mesma apresenta a interação entre o espaço e a corporeidade para o seu desenvolvimento na perspectiva de revelar as vivências e percepções sobre a formação acadêmica. Considerando as (in)viabilidades relativas à estrutura dos espaços residenciais tornados ambientes

de múltipla funcionalidade no contexto da pandemia.

**DURAÇÃO:** outubro de 2024 a março de 2026.

**LOCAL DA PESQUISA:** Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPG.au)

Durante o processo de participação você poderá entender que determinadas ações possam lhe incomodar, por se tratar de experiências pessoais. Assim você pode escolher não participar de atividades relacionadas à pesquisa que o(a) façam sentir-se incomodado(a). Quanto às informações fornecidas por você, será garantido o anonimato e os aspectos de sua individualidade e privacidade serão preservados.

Para participar deste estudo você não terá qualquer custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o(a) Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. Você tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, e sem necessidade de comunicado prévio. Possui o direito de não participar de propostas avaliadas como constrangedoras ou que possam gerar desconforto acionando situações negativas e, conseqüentemente, constrangimento psicológico. O material coletado (desenhos, reflexões, depoimentos) na íntegra ficará arquivado, sendo utilizados trechos selecionados e/ou autorizados pelo(a) participante para divulgação científica. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados junto ao pesquisador responsável por período indeterminado. As informações fornecidas serão utilizadas somente para fins acadêmicos e científicos pelos pesquisadores.

Os riscos inerentes à pesquisa estão relacionados às questões que você possa considerar incômodas, por se tratar de experiências pessoais ou mesmo cansativas dada a natureza do processo formativo em dança. No intuito amenizar tais riscos, em respeito à sua dignidade e autonomia, você tem plena liberdade de interromper ou retirar sua participação do estudo em caso de constrangimento ou eventuais cansaços ou estresse durante o processo. Ademais, informamos que o tempo de desenvolvimento do estudo compreende todo o semestre letivo de 2024/2.

Por favor, sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta sobre este estudo ou sobre seus direitos como participante do mesmo. Se outras perguntas surgirem mais tarde, você poderá entrar em contato com a pesquisadora: **Professora Rosana Aparecida Pimenta - [rosana.pimenta@ufv.br](mailto:rosana.pimenta@ufv.br) - (31) 3612-7302.**

Eu, \_\_\_\_\_ (nome completo),  
telefone \_\_\_\_\_ declaro que fui informado(a) dos objetivos da

pesquisa e ao assinar o documento, estou de **acordo com que registros audiovisuais e escritos sejam realizados**. Entendo ainda que, os registros poderão ser utilizados em caráter estritamente acadêmico para divulgação científica.

---

Assinatura do(a) participante

---

Professora Rosana Aparecida Pimenta  
Pesquisadora Responsável

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar: CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos Universidade Federal de Viçosa, Edifício Arthur Bernardes, piso inferior Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário Cep: 36570-900 Viçosa/MG Telefone: (31)3899-2492 E Mail: [cep@ufv.br](mailto:cep@ufv.br)  
[www.cep.ufv.br](http://www.cep.ufv.br)

Os pesquisadores trataram a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos. Uma vez que os dados serão armazenados virtualmente, será respeitado o sigilo dos dados em conformidade com a Lei nº13.709 – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

**Nome do Pesquisador Responsável: Rosana Aparecida Pimenta**

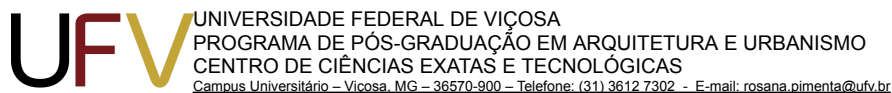
**Mestrando: Ronaldo Rodrigues Mansur Ferreira**

**Endereço: Rua Dr. Raimundo Alves Torres, 65, apto 403, Ramos - Viçosa/MG**

**Telefone: 31) 9 9740 5455**

**Email: [ronaldo.mansur@ufv.br](mailto:ronaldo.mansur@ufv.br)**

## ANEXO D – Termo de uso de imagem e voz



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_, titular do RG n.º \_\_\_\_\_, CPF n.º \_\_\_\_\_, residente e domiciliado (a) \_\_\_\_\_, n.º \_\_\_\_\_, Bairro \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, UF \_\_\_\_\_, CEP \_\_\_\_\_, **AUTORIZO**, a título gratuito e sem restrição de prazo, à Universidade Federal de Viçosa - UFV, inscrita no CNPJ n.º 25.944.455/0001-96, **utilizar nas mídias, redes sociais e materiais publicitários a minha imagem e realizar captação/filmagem da minha imagem e voz** para fins de divulgação de informações relacionadas a pesquisa **“CORPO PÓS-PANDEMIA”: TRANSCRIÇÕES SOBRE (RE)SIGNIFICAÇÕES DA RELAÇÃO CORPO-ESPAÇO E A CASA**, realizada pelo mestrando Ronaldo Rodrigues Mansur Ferreira, sob orientação da Professora Rosana Aparecida Pimenta, no semestre letivo de 2024/2, na disciplina **DAN 218 - Dança Contemporânea IV** ministrada pela Profª. Andréa Bergallo Snizek, no Curso de Dança do Departamento de Artes e Humanidades da UFV.

Viçosa-MG, de \_\_\_\_\_ de 2024.

---

Assinatura do(a) participante

---

Profª. Drª. Rosana Aparecida Pimenta  
Pesquisadora responsável